

Monica do Amparo Silva

Biblioteca escolar e professor:

duas faces da mesma moeda?

Belo Horizonte
Escola de Ciência da Informação / UFMG
2001

Monica do Amparo Silva

Biblioteca escolar e professor: duas faces da mesma moeda?

Investigação sobre a interação entre a biblioteca escolar e o professor do ensino fundamental na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Informação e sociedade

Orientadora: Prof^a Maria Eugênia Albino Andrade
Co-orientadora: Prof^a Bernadete Santos Campello

Belo Horizonte
Escola de Ciência da Informação / UFMG
2001

**À minha mãe,
minha eterna força;
meu pai,
pelos ensinamentos!**

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida!

À Professora Maria Eugênia Albino Andrade, por sua paciência e interesse dispensados à orientação desta dissertação;

A Professora Bernadete Santos Campello, pelo apoio, conversas, discussões que acompanharam todo o processo de elaboração desta dissertação e que tanto me ajudaram a concretizar meu trabalho;

Às Professoras Ísis Paim e Vilma Moreira, pela valiosa contribuição durante o Exame de Qualificação;

Aos professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte que se dispuseram a colaborar para com a pesquisa;

Aos colegas bibliotecários da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte que contribuíram para a realização desta pesquisa;

Aos amigos André, Helen, Joubert, e Lília, pela amizade, carinho, preocupação e socorro nos momentos difíceis;

Aos colegas de mestrado, pelas discussões, troca de experiência e crescente aprendizado;

Ao Luís Henrique, Goreth e Viviane pela compreensão e ajuda nos piores momentos;

Ao Maia e ao Humberto, pelo estímulo e ajuda;

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que esta dissertação se realizasse!

*“... E não há tempo que volte,
vamos viver tudo que há para
viver,
vamos nos permitir....”*

Lulu Santos

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	08
LISTA DE QUADROS	08
LISTA DE TABELAS	09
RESUMO	10
ABSTRACT	11
1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	20
2. 1 Biblioteca escolar – conceito	21
2. 2 Biblioteca escolar e educação	27
2. 3 Evolução da biblioteca escolar no Brasil	33
2. 4 A biblioteca e o professor	57
3 O CENÁRIO DA PESQUISA	68
3. 1 A Proposta Político-Pedagógica Escola Plural.....	70
3. 2 A biblioteca escolar na Escola Plural	82
3. 2. 1 Projeto de revitalização de bibliotecas escolares	83
4 METODOLOGIA	90
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS ...	95
5. 1 O questionário	95
5. 1. 1 Perfil da amostra	95

5. 1. 2	Uso da biblioteca escolar	98
5. 1. 3	Atuação da biblioteca escolar	106
5. 1. 4	A noção de biblioteca escolar dos professores	107
5. 2	A entrevista	109
5. 2. 1	Perfil da amostra	109
5. 2. 2	Uso da biblioteca escolar	111
5. 2. 3	Atuação da biblioteca escolar	117
5. 2. 4	A noção de biblioteca escolar dos professores	118
5. 3	A análise.....	120
6	CONCLUSÃO	130
7	REFERÊNCIAS	135
ANEXO A	144
ANEXO B	147

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Onde o professor busca informação	99
GRÁFICO 2 – Finalidade de uso da biblioteca escolar	100
GRÁFICO 3 – Última ida dos professores à biblioteca	102
GRÁFICO 4 – Atendimento da biblioteca às necessidades dos profes- sores	103
GRÁFICO 5 – Colaboração da biblioteca nos projetos pedagógicos de- senvolvidos pelos professores	104
GRÁFICO 6 – Conhecimento para utilizar a biblioteca por parte dos Professores	105
GRÁFICO 7 – Classificação do desempenho da biblioteca	107
GRÁFICO 8 – Onde os professores buscam informações	112
GRÁFICO 9 – Tempo gasto em média em suas idas à biblioteca	113

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Ciclos de formação	76
QUADRO 2 – Distribuição do ciclo/ disciplina por regional	94

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Disciplinas lecionadas	97
TABELA 2 – Perfil da amostra	97
TABELA 3 – Onde os professores buscam informação	99
TABELA 4 – Finalidade de uso da biblioteca escolar	100
TABELA 5 – Última ida dos professores à biblioteca	102
TABELA 6 – Perfil dos entrevistados	111
TABELA 7 – Onde os professores buscam informação	111

RESUMO

Na sociedade contemporânea, educação e informação constituem requisitos imprescindíveis para que o homem possa exercer plenamente sua cidadania, fato que suscita a atenção de todos para a abrangência e a qualidade do ensino oferecido ao cidadão. Nesse cenário, a biblioteca escolar pode ser interpretada como um agente educativo aliado na busca pela melhoria no ensino sendo, portanto, chamada a assumir um novo papel no contexto escolar. A biblioteca escolar precisa, pois, ser concebida e funcionar como um centro de informação especializada que atue no ambiente escolar junto a seus usuários – sejam eles alunos, professores, funcionários, comunidade -, procurando satisfazer suas demandas. Entretanto, para que ela consiga desempenhar bem este novo papel é mister que esteja em sintonia tanto com as exigências do cidadão e da sociedade quanto com as concepções de ensino adotadas, além de estar integrada ao projeto pedagógico do qual faz parte a prática pedagógica do professor, um importante aliado e parceiro. Isso posto, optou-se por investigar se a biblioteca escolar está assumindo sua nova missão através do modo como vem se processando sua interação com professor de ensino fundamental dentro do contexto específico da política de educação pública da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, a proposta político-pedagógica Escola Plural. A pesquisa foi realizada através de um estudo *survey*, utilizando-se questionário e entrevista como instrumentos de coleta de dados. Pode-se concluir que houve um certo avanço na relação entre o professor do ensino fundamental e a biblioteca escolar. Hoje, o professor do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte apresenta-se como usuário da biblioteca escolar. Ele a utiliza e reconhece a importância de sua existência e sua atuação para toda a comunidade envolvida com a escola. Contudo, parece que o professor ainda não integrou a biblioteca escolar à sua prática pedagógica, não a reconhecendo como parceira no processo ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

In contemporary society, education and information constitute indispensable requirements so people can exercise fully their citizenship. This fact calls attention to the scope and the quality of the teaching offered to citizens. In this scenery the school library can be seen as an educational agent that contributes to improvement of the learning process. It is required to assume a new role within. Schools libraries have function as information centers and help users (students, teachers, employees and community) to meet their information requirements. In order to play this new role well it has to work in synergy with their clients' demands and most important it has to develop its program in accordance with the educational philosophy of the school as well as searching practices. This study investigated if, under teachers' perception, school libraries are assuming its new role, interacting with school teachers. It examined the Municipal Public Schools Net of Belo Horizonte (Minas Gerais-Brazil) and its political pedagogic proposal including Escola Plural (Plural school). A survey was conducted using questionnaire and interview to collect data. The results show that a minor progress occurred in the relationship between school teacher and school library since the beginning of the mentioned Program. School teachers are in fact users of the library and more than that, they acknowledged the importance of the library in the learning process. However, this investigation showed that teachers still didn't integrate the school library as an effective learning resource in their pedagogic practice and don't consider library as a partner.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea a informação assumiu status de componente fundamental na vida do cidadão. A todo o momento o cidadão comum depara-se e é convidado a interagir com um grande número informações – provenientes de inúmeras fontes, registradas em diversificados suportes – a fim de garantir sua cidadania bem como melhor qualidade de vida. (BELL, 1973; CASTELLS, 1996; KUMAR, 1997)

Nesse contexto, a educação aparece de forma gradual como instrumento indispensável para capacitar o cidadão a adquirir e consumir os bens culturais e de consumo que estão sendo postos à sua disposição e, principalmente, conquistar e exercer conscientemente sua cidadania.

Reconhecida como essencial para o desenvolvimento também pelos governos, a educação tem sido alvo de planejamentos e investimentos por parte desses, sendo transportada para o primeiro plano das discussões, como pode ser observado na *Declaração de Santiago* - ocorrida em 1998 -, quando a educação tornou-se a principal pauta de discussões bem como o primeiro dos quatro capítulos do documento assinado por 34 países das três Américas. (GOITIA, 1998, p. 44-45). Durante o Encontro também foi discutido que o problema da educação não se resumiria apenas à sua cobertura – embora existam várias ações, principalmente, pautadas no esforço de garantir escola para todos – mas se estenderia à questão da qualidade da educação que vem sendo oferecida. Seria necessário, desta forma, o desenvolvimento de programas que privilegiassem a melhoria do ensino e o melhor desempenho dos vários agentes educativos.

Infere-se daí a necessidade de se investir na biblioteca escolar como um possível aliado e um recurso pedagógico imprescindível à melhoria do ensino, constituindo-se, pois, num dos pontos necessários para se alcançar a esperada

qualidade no processo de ensino e de aprendizagem e podendo assim ser entendida como um efetivo agente educativo.

Novamente, a biblioteca, instituição secular, é desafiada a permanecer, comprovar e afirmar sua utilidade para a sociedade, mesmo que esta seja tão bem provida de tecnologia como é o caso da sociedade contemporânea. Mas isso não é de se estranhar, uma vez que a biblioteca vem se caracterizando, ao longo da história, pelo esforço de ampliação de horizontes e pela capacidade de adaptação às mudanças sociais, tecnológicas e/ou políticas das sociedades.

Discutir biblioteca escolar – pensada segundo concepções que a representam como um espaço inativo, de acervo composto somente por livros, desconhecida, inacessível, que guarda mistérios – em plena sociedade da informação poderia ser considerado sem propósito.

Ao se adotar concepções que abordam a biblioteca escolar como um poderoso centro de informação, situado no ambiente escolar, atendendo a professores, alunos e comunidade, ela é então reconhecida como um local potencialmente revolucionário, dotado de posição estratégica para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, pesquisas e estudos são plenamente justificados além de necessários.

Como um dos primeiros espaços onde é permitido ao cidadão o contato sistematizado com número grande de informações organizadas, a biblioteca escolar configura-se como espaço riquíssimo, tanto para pesquisa científica, quanto para investimentos que visem o seu desenvolvimento.

Dessa forma, a existência da biblioteca escolar e seu uso efetivo apresentam-se como importantes instrumentos que atuam para garantir uma educação satisfatória às sociedades, no terceiro milênio, uma educação que não se limite à

sala de aula da escola, mas que se estenda por toda a vida do cidadão.

A biblioteca escolar poderá atuar como serviço básico de informação ao cidadão, o instrumento que lhe permitirá, facilitará e garantirá, na sociedade contemporânea, o acesso à bagagem informacional de que necessita para o exercício da cidadania e também para sua formação contínua.

Ao propor esta pesquisa, pretende-se colocar em destaque o tema biblioteca, através da atenção que será dispensada à biblioteca escolar neste trabalho.

Após algum tempo de convivência com uma espécie de desconstrução desse espaço nas instituições públicas, quando bibliotecas de escolas estaduais e municipais foram desativadas, as atenções voltam-se novamente para a biblioteca escolar, não mais enfocando possível estado de miséria (SILVA, W. C., 1995) ou sua luta por sobrevivência¹, mas, principalmente, o seu esforço de conquista de um novo espaço dentro da estrutura escolar.

Isso faz com que se detenha o olhar sobre iniciativas que visem, de algum modo, a revitalizar a instituição biblioteca escolar, estimulando-a a exercer seu papel na sociedade. Tantos são os clamores e atitudes, apenas provisórias, que é normal que um projeto que seja mantido por um período prolongado e que conte com uma sistematização que o aproxime da realidade se sobressaia das demais. É mais ou menos esse efeito que um programa de revitalização causa sobre aqueles que tomam contato com ele. E, mais precisamente, com os profissionais que estão diretamente ligados com sua execução. Neste sentido, aponta-se o Programa de Revitalização das Bibliotecas das Escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo

¹ Encontram-se disponíveis na literatura brasileira sobre biblioteca escolar vários depoimentos que retratam a situação da biblioteca escolar como lamentável e outros que clamam por atitudes estratégicas governamentais que visem a institucionalizar a biblioteca. (MORICONI, 1982; ANTUNES, 1987; SILVA, W. C., 1995)

Horizonte².

Como parte integrante da proposta político-pedagógica denominada Escola Plural, o Programa de Revitalização das Bibliotecas das Escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte assume posição estratégica para garantir o êxito da proposta; reconhecendo, portanto, a importância da biblioteca escolar para a melhoria da qualidade de ensino.

O programa da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, assim como boa parte da literatura que aborda o tema biblioteca escolar, parte do pressuposto de que esta deva ser instrumento de interação professor – aluno – informação, concorrendo para a melhoria gradativa das práticas de ensino e aprendizagem. Seu objetivo é promover a revitalização das bibliotecas escolares da rede municipal, através de ações que garantam a sua existência e o seu real funcionamento em todas as escolas municipais de nível fundamental e médio. Para tal, previu a reabertura de bibliotecas que estivessem fechadas, a criação de outras onde não as houvesse, além da provisão de recursos materiais e designação de pessoal para nelas atuarem.

Após quase três anos de envolvimento na tarefa de implantação do Projeto surgiram questões que aparentemente não possuíam respostas e necessitavam ser pesquisadas. – Por exemplo: Não basta reabrir o espaço, é preciso algo mais. – A simples existência da biblioteca está influenciando diretamente nas práticas de ensino e de aprendizagem adotadas? Como fazer para alterar determinados comportamentos que excluem a biblioteca do espaço escolar?

Foi diante dessa situação que nasceu a presente proposta de pesquisa.

O problema que norteou esta investigação relaciona-se com o modo como

² O detalhamento do programa encontra-se no item O cenário da pesquisa, onde também se encontram maiores informações sobre a proposta político-pedagógica da Escola Plural.

vem se processando a interação entre a biblioteca escolar e um de seus usuários – o professor, especificamente, o professor do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – sob a ótica deste usuário. O problema pode ser traduzido em uma única pergunta: - Como o professor do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Belo Horizonte vem interagindo com a biblioteca escolar?

Desse modo, foi estabelecido como objetivo geral:

- investigar o estágio de interação entre biblioteca escolar e o professor do ensino fundamental na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

E como objetivos específicos:

- investigar, pela ótica dos professores, a atuação da biblioteca escolar;
- descobrir como o professor vem percebendo a biblioteca escolar;
- verificar se o professor do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte faz uso da biblioteca escolar e com que finalidade;
- descobrir se a biblioteca escolar já faz parte da prática do professor de ensino fundamental, estando integrada a essa prática e, portando, interagindo com o professor.

Para os propósitos acima citados adotou-se como hipótese de trabalho: que a biblioteca escolar é conhecida, reconhecida e utilizada pelo professor, estando integrada a sua prática e sendo percebida por esse como ocupante de importante papel no processo de aprendizagem e no cotidiano escolar. Assim, a biblioteca escolar influencia o professor de ensino fundamental em sua prática docente, sendo que a ação dessa permite que o docente, além de tê-la como referencial, possa recorrer e recorra a este espaço com frequência regular.

Nesse sentido, a atuação da biblioteca escolar é responsável por permitir e

estimular que os professores usufruam de seus serviços e informações ali contidas, para melhor embasamento antes, durante e depois do desenvolvimento de um projeto de trabalho ou de uma unidade de estudo³, fazendo ainda com que os referidos professores não mais se comportem como a única fonte de informação de seus alunos, além do livro didático que adotam e, conseqüentemente, também incentivem seus alunos a consultarem o acervo da biblioteca antes, durante e/ou depois do estudo de um tema, ou para entretenimento ou enriquecimento pessoal.

A opção por focar o professor se fez com base na influência que ele exerce sobre seus alunos. Atuando diretamente com esses, o professor tem amplas chances de se tornar um obstáculo para que o aluno utilize a biblioteca – desestimulando, criando barreiras, criticando – ou um grande elo, ligando definitivamente o aluno à biblioteca escolar. O professor constitui, portanto, um elemento estratégico para a atuação da biblioteca escolar em qualquer sistema educacional e, a partir de sua ação facilitadora e estimulante, possivelmente, a biblioteca escolar se renovará.

Dessa maneira, o professor da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte configura-se como um elemento especialíssimo, ao atuar dentro de uma nova proposta de ensino.

Além disso, esta escolha permitirá ainda maior sistematização sobre o foco biblioteca escolar/ professor, até então muito mencionado, de importância fundamental para o bom andamento dos serviços bibliotecários na escola, mas pouco pesquisado. Este estudo permitirá também a análise de uma iniciativa governamental na área da educação, sem abandonar, contudo, uma abordagem sistematizada sobre a relação professor/biblioteca, abarcando a concepção

³ Uma unidade de estudo pode englobar um conteúdo específico a ser trabalhado ou uma proposta de ação e intervenção em uma determinada realidade. Um exemplo pode ser “ Projeto Dengue”, elaborado para tratar da doença que vitimou tantos habitantes de Belo Horizonte.

educacional em prática e à qual o conceito e a atuação da biblioteca escolar estão inseparavelmente ligados.

Assim, esta pesquisa também propôs uma espécie de resgate do tema biblioteca escolar e, concomitantemente, reafirmou a importância de que esta instituição seja objeto de investigação.

Especialmente para efeito desta pesquisa, trabalhou-se com a idéia de biblioteca escolar como um centro de informação especializada – que comporta em seu acervo materiais impressos⁴ ou não-impressos⁵ -, atuando no contexto escolar junto a seus usuários e suprimindo suas demandas particulares num espaço organizacional peculiar que é a escola. Ela é uma agência de informação à disposição de seus usuários, entre os quais se encontra o professor, indiscutivelmente, um agente da informação.

De posse dos dados referentes a esta investigação pretendeu-se propor estratégias para possíveis intervenções que contribuam para o aperfeiçoamento do atual estágio de interação entre biblioteca e professor. E, em última instância, contribuir para futuros estudos de mesma natureza ou, mesmo, projetos que visem a dinamizar a atuação da biblioteca escolar, no país.

Esta dissertação estrutura-se em cinco itens básicos: a revisão de literatura, a apresentação do cenário da pesquisa, a metodologia, a apresentação e análise dos dados, e a conclusão.

A revisão de literatura caracterizou a biblioteca escolar, através da inserção da instituição biblioteca na sociedade. Abordou, em seguida, as concepções de biblioteca escolar e seu panorama de atuação, encontrados na literatura brasileira, relacionando-os com as concepções educacionais. Para finalizar, identificou a

⁴ Livros, periódicos, mapas etc.

⁵ Filmes, fotografias, fitas de vídeo, discos, fitas cassetes, CD ROMs, disquetes etc.

ligação entre biblioteca escolar, educação e professor.

O cenário da pesquisa constituiu-se da proposta pedagógica adotada na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – Escola Plural – e o papel na biblioteca escolar nessa proposta.

A metodologia encarregou-se de mostrar os caminhos utilizados para chegar aos dados e resultados, apresentados e analisados logo a seguir.

Finalizando, a conclusão incluiu algumas sugestões para futuros estudos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura procurou abranger variados documentos que tratassem questões acerca da instituição biblioteca e especialmente da biblioteca escolar, privilegiando aqueles que tivessem ligação direta e/ou indireta com a realidade das bibliotecas escolares brasileiras, suas características, evolução e aspectos relacionados à sua interação com a escola e professores. Contemplou documentos publicados no Brasil principalmente nas décadas de 70, 80 e 90. Isso se deve ao fato de que as discussões sobre o tema na literatura brasileira concentrem-se justamente nos períodos citados. Os documentos publicados anteriormente possuíam caráter essencialmente didático, funcionando como manuais para a instalação e organização de bibliotecas escolares⁶. Justifica-se esta situação no entendimento de que um ensino organizado na forma de preleção totalmente baseada no livro texto, como era o praticado no Brasil principalmente até a década de 70, pouco estimularia e justificaria discussões em torno da atuação da biblioteca escolar.

Diante disso, optou-se pela elaboração dos seguintes tópicos:

- Biblioteca escolar - conceito;
- Biblioteca escolar e educação;
- Evolução da biblioteca escolar no Brasil;
- Biblioteca e professor;

⁶ Em alguns casos, os documentos chegavam a conter tabelas para a classificação de documentos.

2. 1 Biblioteca escolar – conceito

A biblioteca demonstra uma linha de evolução no que se refere às demandas e às funções desempenhadas nas sociedades. Essa evolução é influenciada, dentre outros fatores, pelo momento histórico das sociedades, pelo estágio do pensamento humano e abrange até mesmo as concepções arquitetônicas das instalações. Isto implica variações não só temporais, mas principalmente espaciais, o que libera a biblioteca da existência de unanimidades ou mesmo concordâncias em torno de sua atuação.

Independentemente da concepção ou do rótulo atribuído à biblioteca⁷, ela está, inegavelmente, presente na história da humanidade, participando profundamente do processo de civilização, preservação e difusão da cultura.

Segundo PEREIRA e RUTÍNA (1999, p. 11):

“A partir do momento em que tomou consciência da importância dos registros escritos para a posteridade, criou arquivos, bibliotecas e museus. As bibliotecas, especialmente essas, têm tradicionalmente, a nobre missão de conservar, proteger, organizar e transmitir os conhecimentos adquiridos pela humanidade às gerações futuras”.

Responsável, a princípio, pela conservação de registros⁸ do conhecimento, a biblioteca demonstrou, paradoxalmente, grande senso de resistência e adaptação às mudanças. À medida que esses registros foram se multiplicando, juntamente com a busca por eles, as concepções acerca da função que a biblioteca deveria desempenhar nas sociedades foram conseqüentemente alteradas. Desse modo, a biblioteca precisou e desenvolveu mecanismos com vistas a garantir, de certa forma, respostas às demandas que se formaram ao seu redor, além de possibilitar o

⁷ Entre os quais: guardião e repositório de culturas e saberes; local, por excelência, do convívio entre uma multiplicidade de informações e do amplo acesso a estas com vistas ou não a transformações; estimuladora do bem estar e da cidadania, etc.

⁸ Bibliotecas antigas conservam em seus acervos não só materiais impressos, mas também objetos marcantes na história da civilização humana.

alcance de níveis satisfatórios de atendimento em variados contextos de atuação. Se quando do seu surgimento a grande função a ela destinada era a de preservação, aos poucos a biblioteca foi desafiada a expandir seu campo de atuação, fato que parece jamais se extinguir.

O século XX difundiu a idéia de biblioteca como um centro informativo, indispensável à formação e ao desenvolvimento intelectual de uma sociedade. A explosão da informação e a idéia de democratização do saber vêm confirmar a necessidade e a importância dessa instituição para a sociedade do terceiro milênio. Integrada em geral com as inovações no campo tecnológico, a biblioteca do terceiro milênio mostra-se cada vez mais especializada. Mesmo confiando que o livro, sobrevivendo a algumas crises e principalmente rendendo-se a várias inovações, permanecerá como objeto utilizado por um grande número de leitores, a biblioteca está adaptando-se para conquistar novos leitores, novos usuários da nova era, que demonstram novos comportamentos, expectativas e necessidades de informação. Para tanto, as bibliotecas procuram manter em seus acervos não só livros, mas colocam à disposição do usuário acesso a bases de dados, acesso a catálogos *on line*, a CD-ROMs, à internet e mesmo a outras instituições de interesse de seus usuários. As bibliotecas tornam-se centros informativos multimídias (AMARO, 1998, p. 5) e um de seus maiores desafios é investir em serviços para suprir as demandas do usuário da era da informação.

Transforma-se, portanto, a biblioteca em um grande centro informativo, aprofundando diversificações nos tipos de bibliotecas de características específicas e missões peculiares. Essas diversificações respeitam vários critérios como função, especialização de assuntos e tipo de leitor a que se dedicam, sendo que um dos mais importantes critérios refere-se à especificidade de seu usuário, pois desse

critério derivam-se os demais. Ou seja, para cada categoria de usuário, um tipo distinto de biblioteca e sua respectiva função. Assim, têm-se os seguintes tipos de bibliotecas:

- ✓ Bibliotecas públicas (abertas aos membros da comunidade em geral);
- ✓ Bibliotecas infantis (para as crianças);
- ✓ Bibliotecas universitárias (para estudantes e professores do ensino superior);
- ✓ Bibliotecas especializadas (para profissionais, estudiosos e pesquisadores);
- ✓ Bibliotecas especiais (para grupos especiais de usuários);
- ✓ Bibliotecas particulares (privadas aos seus detentores);
- ✓ Bibliotecas nacionais;
- ✓ Bibliotecas escolares (para estudantes e professores dos ensinos fundamental e médio).

Bibliotecas Escolares

A biblioteca escolar, ligada à instituição escolar de ensinos fundamental e médio, é um tipo bastante peculiar de biblioteca cuja função é essencialmente educacional e sua missão⁹ concebida em torno do atendimento às necessidades dessa instituição.

A biblioteca escolar é construída para atender prioritariamente a dois tipos de usuários que por sua vez detêm necessidades e expectativas distintas: estudantes e professores¹⁰.

Ao longo de sua história, a biblioteca escolar foi acrescentando novos objetivos à sua missão, ampliando suas possibilidades de atuação e mostrando-se dinâmica. Encontra-se na literatura brasileira uma variada gama de conceitos sobre

⁹ Segundo BARBALHO, BERAQUET (1995, p. 62) missão “exprime a razão de ser de uma organização, definindo a que ela se propõe”.

¹⁰ Podem ser adicionados a esses usuários os demais membros da comunidade escolar como funcionários, ex-alunos e a comunidade em torno da escola.

a biblioteca escolar. Nesses, percebem-se alterações e ampliações do conceito a fim de satisfazer à demanda social, além de variações na indicação, tanto no número de características relevantes à biblioteca escolar, quanto no teor dessas características.

Em geral, os textos apontam para os seguintes aspectos:

- a necessidade de a biblioteca escolar estar integrada ao trabalho proposto e desenvolvido na escola e principalmente em sala de aula, servindo à escola e dando suporte as suas atividades;

- a importância da biblioteca escolar para fornecer suporte informacional ao ensino, constituindo-se extensão da sala de aula;

- sua contribuição para a melhoria do ensino e melhor compreensão da ação educativa da escola e redução da distância cultural entre o educando e seu meio social;

- sua atuação como instrumento de apoio pedagógico, para atender aos interesses individuais do educando, permitindo-lhe aquisição personalizada de conhecimento;

- seu compromisso com o desenvolvimento de hábitos de leitura, pesquisa, frequência à biblioteca, além de sua responsabilidade com a formação do cidadão;

- em alguns casos como forma de suprir a falta de uma biblioteca pública, dentre outros.

Percebe-se ainda que os conceitos acompanham e são influenciados pelas concepções educacionais e biblioteconômicas existentes¹¹.

Produzidos em momentos específicos por diferentes pessoas com interesses

¹¹ Embora não se possa negar essas influências, no Brasil, a biblioteca escolar parece não ter recebido a devida atenção nem por parte da Biblioteconomia nem por parte da Educação. Ao invés de ser calorosamente disputada ou valorizada pelas duas áreas do conhecimento, a biblioteca escolar parece ter sido vítima do efeito oposto. Ambos os campos parecem ter transferido suas supostas responsabilidades pelo desenvolvimento, identidade e atuação da biblioteca escolar para o outro segmento. Ou, veladamente, tentaram impor suas estruturas para que esta as incorporasse indistintamente. Essa espécie de conflito, juntamente com o descaso de autoridades governamentais, relegou a biblioteca escolar a uma colocação bem peculiar e pouco satisfatória.

também distintos, os conceitos sobre biblioteca escolar, seus objetivos e funções tendem em alguns casos a privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros.

Dada a disponibilidade na literatura de uma variedade de conceitos sobre biblioteca escolar, não se pretende criar um novo conceito. Neste trabalho foi adotado aquele divulgado no Manifesto da Biblioteca Escolar¹². Segundo o Manifesto, a biblioteca escolar proporciona o acesso a informação e idéias, fundamentais na sociedade atual, além de desenvolver nos estudantes a imaginação e competências para a aprendizagem contínua, permitindo que se tornem cidadãos responsáveis. Nesse sentido, sua missão é disponibilizar serviços de aprendizagem, materiais e recursos que permitam aos membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação. Os objetivos da biblioteca escolar concentram-se em:

- apoiar e promover os objetivos educativos delineados em conformidade com as finalidades e o currículo da escola;
- desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, e também da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- proporcionar oportunidades de produção e utilização de informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento;
- apoiar os estudantes na aprendizagem e na prática de capacidades de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza, suporte ou meio, usando de sensibilidade relativamente aos modos de comunicação de cada comunidade;
- providenciar acesso aos recursos informacionais locais, regionais, nacionais

¹² Preparado pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas, aprovado pela UNESCO em sua Conferência Geral em novembro de 1999.

e globais e às oportunidades que exponham os estudantes a idéias, experiências e opiniões diversificadas;

- organizar atividades que favoreçam as tomadas de consciência cultural e social e a sensibilidade do cidadão;

- trabalhar com os estudantes, professores, administradores e pais de modo a alcançar as finalidades da escola;

- defender a idéia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia;

- promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e do meio. (MANIFESTO, 2000)

Contudo, a proposição do Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO configura-se ainda como uma recomendação cuja aplicação não se pode afirmar que esteja acontecendo.

Assim como a proposta desse Manifesto, parte da literatura sobre o tema também se refere ao que deveria ser uma biblioteca escolar. Esse fato mostra que muitas das funções delegadas à biblioteca escolar, presentes em discursos, ainda estão por ser totalmente desenvolvidas na prática.

É justamente sobre as bibliotecas escolares que o foco desta revisão se deterá a seguir, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento intelectual do cidadão e propondo entendê-las um pouco mais.

Para tanto, acredita-se na necessidade de integração das concepções de biblioteca escolar, às concepções educacionais e às exigências sociais.

Face à união das exigências e concepções sociais, educacionais e biblioteconômicas, a biblioteca escolar poderá adaptar-se a esta sociedade global,

conquistar novos leitores, novos usuários de uma nova era, que demonstram novos comportamentos, expectativas e necessidades.

2. 2 Biblioteca escolar e educação

Em sua revisão de literatura, AMARO (1998, p. 30) afirma ser praticamente unânime o reconhecimento do papel educativo das bibliotecas. No entanto, quando o assunto é biblioteca escolar a dimensão do seu papel educativo toma proporções extras. A biblioteca escolar constitui um instrumento precioso no processo educacional do cidadão, uma força e um fator impulsor da educação (DAVIES, 1974, p. 17).

No âmbito do ensino básico, a biblioteca escolar constitui elemento fundamental na formação do usuário da informação, projetando-se – esta formação – nos diversos níveis da vida intelectual e profissional dos indivíduos. (QUEIROZ, 1987, p. 649)

A biblioteca escolar potencializa as condições para a formação permanente do cidadão, oferecendo-lhe os primeiros serviços bibliotecários e capacitando-o a utilizá-los independentemente sempre que julgar necessário, além de poder propiciar o exercício de sua curiosidade, estimulando, assim, seu aprendizado contínuo e seu desenvolvimento.

Entretanto, segundo DAVIES (1974, p. 21), “la perspectiva para considerar la importancia educativa da la biblioteca empieza logicamente cuando se comienza a lograr una comprensión de la propia enseñanza¹³”.

Segundo ANTUNES (1986, p. 122):

“Todo o processo democrático exige do cidadão uma postura capaz de consolidá-lo, na busca de uma sociedade humana, justa e solidária. Neste contexto, a educação exerce sua função assumindo a formação do educando, depurando os valores democráticos e possibilitando ao cidadão o acesso e exercício de seus direitos e responsabilidades. (...) Se a educação, e, conseqüentemente, a cultura, são partes integrantes e fundamentais da formação do indivíduo, todos os requisitos indispensáveis pra que estes se cumpram carecem da atenção dos poderes constituídos, para que aconteçam em sua plenitude. É exatamente aqui que o desenvolvimento da individualidade, de independência na busca da informação, integra-se às possibilidades propiciadas pela leitura e, conseqüentemente, pela biblioteca”.

LOURENÇO FILHO (1944, p. 3-4) já afirmava ser ensino e biblioteca instrumentos complementares. Segundo o autor “uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto”. Através da educação formal instrumentaliza-se a população para o exercício de seus direitos e deveres. Como um possível instrumento, a biblioteca escolar demonstra ter um compromisso essencial com a educação, a cultura e a formação do cidadão.

¹³ “A perspectiva para considerar a importância educativa da biblioteca inicia logicamente quando se começa a obter uma compreensão do próprio ensino.” (Tradução da autora)

Mesmo não sendo ela a única forma de acesso à informação, a atuação da biblioteca escolar é de caráter fundamental na busca e no alcance da qualidade na educação formal, sendo que as possibilidades que ela pode criar para a concretização dos objetivos do ensino formal não devem ser ignoradas ou subjugadas.

Nas palavras de VÁLIO (1990, p. 22) a biblioteca escolar é “uma faceta de toda atividade escolar e o bibliotecário é tanto um professor como os outros como também um apoio e complemento para cada professor. O bibliotecário escolar é um professor cuja disciplina é ensinar a aprender”.

A biblioteca escolar apresenta-se, segundo AMATO e GARCIA (1989, p. 11), como um “recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizado e formação do educando” .

Segundo GARCIA (1989, p. 7) “quaisquer que sejam os princípios que pensarmos para a escola que queremos, o aparelhamento funcional da estrutura da escola de 1º grau pressupõe, hoje, uma biblioteca escolar”.

Essas afirmativas são corroboradas principalmente quando comparadas aos objetivos gerais para o ensino fundamental indicados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, dos quais destacam-se:

- “Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência no País;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações

posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; (...)

- Utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação”. (BRASIL, 1997, p. 107-108)

Porém, a biblioteca escolar não é uma instituição independente; sua atuação faz-se de acordo com as diretrizes de outra instituição, a escola. A biblioteca escolar tem, pois, estreita ligação com a concepção educacional adotada pela instituição educacional da qual a ela é integrante¹⁴ e portanto, “supõe-se que a biblioteca deve estar integrada ao planejamento e ao projeto pedagógico da escola, para que ela possa vir a cumprir as suas funções”. (SILVA, S. A. 1997 p. 144)

Para DAVIES (1974, p. 21):

“la biblioteca escolar se convierte en una fuerza que favorece la excelencia educativa cuando funciona como un elemento de apoyo que es parte integrante del programa educativo en su conjunto (...) El programa de la biblioteca y el programa educativo son interdependientes, idénticos e inseparables”¹⁵.

SANTOS (1973, p. 145) também corrobora tal afirmativa ao dizer que “a elaboração dos meios para a realização do objetivo das atividades educativas será conseqüência deste objetivo”. Ou seja, a biblioteca, sendo entendida enquanto um meio para a realização do objetivo educacional, esteja este pautado em que bases estiver, terá em seu perfil, em sua constituição e atuação, os traços “genéticos”

¹⁴ O que nos impele a investigar a política educacional que gerou e implementou o programa de revitalização das bibliotecas das escolas do município de Belo Horizonte.

¹⁵ “A biblioteca escolar se converte em uma força que favorece a excelência educativa quando funciona como um elemento de apoio que é parte integrante do programa educativo em seu conjunto. (...) O programa da biblioteca e o programa educativo são interdependentes, idénticos e inseparáveis”. (Tradução da autora)

provenientes do objetivo que a concebeu, do tipo de conceito educacional no qual foi planejada e para o qual irá trabalhar.

Para AMATO e GARCIA (1989, p. 12) “a biblioteca, inserida no processo educativo, deverá servir de suporte a programas educacionais, integrando-se à escola como parte dinamizadora de toda ação educacional”.

Segundo CAMPOS e BEZERRA (1989, p. 92) “a biblioteca, como qualquer outro equipamento escolar, deve atuar em conexão com o plano pedagógico da escola”.

Entretanto, a biblioteca escolar não foge ao caráter político-social da instituição biblioteca. Sua responsabilidade para com a formação do cidadão crítico é redobrada, à medida que se configura como um dos primeiros espaços de informação sistematizada com o qual o indivíduo tem contato. Promovendo a efetiva circulação de informações, a biblioteca escolar também será um instrumento. Ela traz em seu âmago a contradição e as possibilidades de interagindo com a sociedade contribuir para alterações na estrutura social.

Vinculada à escola, a biblioteca escolar muitas vezes ocupa uma posição desconfortável e paradoxal uma vez que nem sempre conta com o investimento e a liberdade necessários para atuar como um espaço que realmente promova a livre circulação de informações e estimule a discussão. Essa atuação dependerá da postura ideológica da escola e da disposição em se investir na biblioteca escolar, garantindo, assim, que ela possa desempenhar adequadamente sua função político-social.

Com o intuito de desempenhar bem sua missão, a biblioteca precisa estar integrada à prática desenvolvida na escola. Contudo, essa integração muitas vezes pode implicar a negação da identidade da biblioteca como espaço propício à

multiplicidade de informações, de discursos e de posições, à conscientização, à transformação...

O vínculo a uma escola já atribui à biblioteca escolar um aspecto de complexidade, uma vez que, segundo MILANESI (1986, p. 43), a escola de modo geral é criada com o objetivo específico de formar, atuando no sentido de indicar ao indivíduo o que deve ser, o que deve fazer e como deve fazer; o vínculo a uma escola com o claro compromisso de reproduzir a ideologia do sistema poderá conferir, à biblioteca (se ela ali existir), o perfil de espaço conformado e igualmente reproduzido, refletindo, assim, a postura da escola à qual está ligada. Não haveria espaço para o confronto ou oposição de idéias, vitais a uma biblioteca.

Se “a escola reproduz em si as regras do sistema para que os educandos, vivendo-as, possam incorporá-las” (MILANESI, 1986, p. 13-14), a biblioteca escolar, refletindo a escola, acataria, confirmaria e reforçaria esta reprodução.

Por outro lado, este vínculo também pode significar um desafio a mais para a biblioteca escolar. Segundo MILANESI (1986, p. 18), “uma vez que a biblioteca trabalha com o conjunto de informações e essas são, normalmente, conflitantes, seria quase impossível criar uma biblioteca que tivesse um discurso direcionado”. Sendo assim, a biblioteca jamais serviria de instrumento à reprodução. Mesmo dentro de uma estrutura reprodutora, ela atuaria como um agente revolucionário a minar, gradativamente, essa estrutura.

2. 3 Evolução da biblioteca escolar no Brasil

Ao considerar que a função da atividade educativa possa ser a de concorrer para o “desenvolvimento da pessoa do aluno e o alargamento de sua cultura” (SANTOS, 1973, p. 145), a forma de realizar-se essa função - ou mesmo de

conceber o desenvolvimento da pessoa - pode variar em contextos, culturas e até mesmo cenários políticos diferentes. Esse fato também acarretou mudanças no tratamento e na concepção da biblioteca escolar.

Essa afirmação pode ser constatada através do próprio histórico da educação e da biblioteca escolar no Brasil. Para SILVA, S. A. (1997, p. 171):

“se resgatarmos a história das bibliotecas no Brasil, veremos que, de um modo geral, elas demoram a surgir, sendo que, no período colonial, não existiam bibliotecas públicas de qualquer natureza. O conhecimento e os livros, como na Idade Média, restringiam-se aos conventos, onde o seu uso também era restrito.”

Nos primeiros tempos do Brasil colônia, a formação intelectual estava nas mãos da Igreja, sendo que os primeiros colégios do Brasil foram fundados pelos jesuítas de São Vicente e Salvador e as primeiras bibliotecas eram

justamente integradas a esses colégios.

O acervo dessas bibliotecas era dirigido à catequese e ao aprimoramento dos religiosos. As obras que constituíam os acervos gerenciados pela Igreja eram fundamentalmente litúrgicas ou tendiam a confirmar a interpretação dos fatos defendida por essa instituição. Segundo NOGUEIRA (1986, p. 147) “assim que os jesuítas chegaram ao Brasil, tiveram como preocupação inicial pedir a Portugal documentos, que, na sua maioria, constituíam-se de obras religiosas, para formar o acervo da biblioteca de seus colégios”. O acesso ao acervo era por vezes dificultado, chegando-se a proibir muitas vezes o acesso a obras não recomendadas. Há que salientar que a procura era mínima, uma vez que a maioria de população era analfabeta, inclusive os colonos.

Nos primeiros três séculos após a chegada dos colonizadores no Brasil, “os livros e bibliotecas eram instrumentos que os incansáveis jesuítas usavam para reproduzir a sua verdade de salvação eterna e de exploração terrena”. (MILANESI, 1986, p. 66)

Entre o ensino e a realidade da colônia não havia nenhum tipo de vínculo ou compromisso. O primeiro - totalmente importado e com o objetivo principal de catequizar os índios e depois destinado a poucos filhos de colonos sem preocupações profissionais - tinha como base o *Ratio Studiorum*¹⁶ e dividia-se em duas fases:

“inferior, com seis anos de duração, durante os quais se ensinavam Retórica, Humanidades e Gramática; superior, com três anos, que incluía Lógica, Moral, Física, Matemática e Metafísica. Todas as matérias eram dadas através do grego, latim e vernáculo.” (KOSHIBA & PEREIRA, 1987, p. 53)

Enquanto a educação era um instrumento elitista destinado apenas ao

¹⁶ Um estatuto e um sistema de ensino que estabelecia o currículo, a orientação e a administração.

enriquecimento cultural da pequena classe abastada e a instrução de toda a população não era do interesse dos governantes, a biblioteca constituía um instrumento de luxo, muitas vezes sem função. Seu acervo era comprometido com o enriquecimento cultural do estudante, de acordo com o que então era considerado como cultura, que por sua vez era talhada nos moldes europeus¹⁷. “Essas bibliotecas sobreviveram até Pombal, que em 1759 desmantelou toda a rede de ensino jesuítico, expulsando os padres do Brasil” (MILANESI, 1986, p. 66-67).

O estabelecimento da Corte no Brasil acarretou mudanças no panorama cultural ligadas, principalmente, à necessidade de criação de instituições que garantissem a difusão de valores no sentido de estimular a obediência de todos ao governo recém-instalado no Brasil. Visava-se a estabelecer uma nova forma de dominação, assegurando-se a continuidade do poder e da tradição (KOSHIBA, PEREIRA, 1987). Iniciava-se na história do Brasil uma prática que mais tarde tornar-se-ia comum: utilizar instituições culturais e principalmente a educação para exercer dominação.

Também o declínio do fervor religioso e o fim da unanimidade da crença religiosa, no fim do século XVIII, influenciaram a educação.

Com a independência política brasileira e as alterações que abarcavam todo o ocidente e influenciavam o Brasil, a educação começou a ser estendida a uma parcela maior da população brasileira, não o suficiente ou o ideal, mas uma pequena iniciativa de ampliação da assistência educacional à população brasileira¹⁸. “D. Pedro I, ao outorgar a Constituição em 1823, garantiu a instrução primária gratuita a

¹⁷ Importante ressaltar que muitos jovens viajavam para a Europa a fim de concluir os estudos. Os que ficavam restringiam-se aos limites do ensino aqui oferecido.

¹⁸ No exterior, principalmente nos Estados Unidos, ocorreu, no século XIX, o estabelecimento de escolas, sobre uma base político-econômica, concentrado especialmente no período de 1835 a 1850. As reformas sugeridas ao ensino neste momento contavam entre outras com a proposta de escolas mais bem equipadas, bibliotecas escolares, currículo enriquecido, melhor preparação dos professores.

todos os cidadãos brasileiros. A partir de 1827 foram criadas as primeiras escolas primárias”. (MILANESI, 1986, p. 45)

Como resultado disso, inicia-se no Brasil na metade do século XIX, a discussão sobre a necessidade de bibliotecas apropriadas às escolas. Segundo VÁLIO (1990, p.18):

“a criação de bibliotecas escolares, no sentido hoje entendido, começou a acontecer no país com a fundação das escolas normais. (...) As bibliotecas das escolas normais foram surgindo até 1915, sendo as décadas de 30 e 40 reservadas à criação das bibliotecas dos ginásios estaduais”.

Nesse sentido, o final do século XIX e o século XX trouxeram importantes e definitivas alterações tanto comportamentais quanto conceituais que suscitaram reflexões acerca do objeto educação, entendido enquanto fato social. Essas reflexões originaram novas formas de se entender e se praticar o ensino.

Uma dessas formas foi posteriormente tida como tradicional. Durante a vigência do conceito tradicional de educação¹⁹, na qual só era valorizada a habilidade cumulativa e repetitiva do aluno, que por sua vez era tido como um recipiente vazio à espera de conteúdo, a biblioteca escolar era tida como um depósito de livros, cuja única função era a de reproduzir a ação repressora e unilateral exercida em sala de aula.

De acordo com esse conceito tradicional, a prática de ensino firmava-se nas figuras do professor e do livro didático ou livro texto, como únicos transmissores de conhecimento, no qual a existência ou não da biblioteca escolar não fazia muita diferença.

“A ausência da biblioteca ou a sua presença ornamental – o que talvez fosse pior – por levar o educando ao antigo e indesejável conceito de biblioteca-museu, parece ligar-se mais às características do próprio ensino tradicional. Ensino que se caracterizava pela memorização do ‘ponto’ ou a

¹⁹ Não que seja descartada a possibilidade de que tal conceito ainda esteja sendo utilizado na prática diária de instituições de ensino.

repetição em coro, ritmado, do ‘dois e dois são quatro’.” (POLKE, 1973, p. 62)

Essa rigidez na prática de ensino infligiu à biblioteca escolar padrões igualmente rígidos que a transformaram em um espaço frio, burocratizado, punitivo e estático dentro da escola. Ao mesmo tempo acarretou-lhe abandono, falta de legitimação, de espaço e de iniciativas que priorizassem seu efetivo funcionamento.

Cheiro de mofo, poeira e silêncio sepulcral foram os traços característicos da biblioteca escolar por um longo tempo, que a confinaram como um depósito de livros. Localizada em um canto obscuro da escola, quase sempre fechada, a biblioteca tornou-se um espaço isolado, desvinculado de seu contexto e, naturalmente, à margem do processo de ensino-aprendizagem, à espera de uns poucos que a usassem.

É possível colher na literatura depoimentos que retratam o passado de uma biblioteca escolar fechada ou inexistente. OLIVEIRA (1972, p. 185), em palestra pronunciada durante a Semana Nacional da Biblioteca, em março de 1972, definia a situação das bibliotecas escolares de 50 anos atrás como fechadas (lembrando que o ano de referência da autora é 1972), “não apenas o fecho físico, mas o fecho intelectual, o fecho moral e mais o fecho de preconceitos”.

Encontra-se em POLKE (1973, p. 61) outra constatação bastante negativa da situação nacional em período semelhante. A autora fazia então o seguinte questionamento:

“Quantos estudantes das décadas de 40, 50 e 60, por falar somente nas gerações mais recentes, guardam lembrança de sala de aula vizinha à biblioteca? Ou mesmo de simples armário em classe contendo coleção de livros de histórias, formada com os recursos da Caixa Escolar?”

E respondia: “Os que respondem positivamente constituem a feliz exceção,

não a média geral”. Para POLKE (1973, p. 61-62) as escolas que dispunham de salas destinadas à biblioteca ou de coleções mantinham-nas trancadas a chave.

Na busca por respostas às exigências de uma sociedade essencialmente capitalista, – para qual apenas a formação e preparação do indivíduo com vistas à acumulação de conteúdo, função principal dos sistemas escolares do Estado, já não satisfazia, – a educação começa a sofrer reestruturações e uma nova interpretação é dada à educação para cidadania. A partir da década de 70, a educação passa a ter o dever de fazer do indivíduo uma unidade social economicamente produtiva, e daí um cidadão valioso. No Brasil, essa mudança parece ser impulsionada também pela proposta de reforma no ensino presente na Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, de Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus. Segundo essa lei, foi determinado como objetivo geral do ensino de 1º e 2º graus proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania.

A confirmar essa tendência, nas décadas do grande desenvolvimento econômico brasileiro, a educação formal viu-se diante de um grande desafio que era preparar o educando para exercer sua função produtiva em um contexto capitalista.

Durante a vigência desse conceito utilitarista, manifestado no Brasil principalmente no período da ditadura militar, a educação assumiu uma tendência chamada industrial e foi considerada como instrumento para formação de mão-de-obra. Nessa concepção, a função da escola é preparar o indivíduo para a sociedade, reconhecendo que a eficiência econômica seja uma das condições essenciais de boa cidadania.

Portanto, teoricamente, o indivíduo além de ter a formação como cidadão,

teria sua educação também voltada para futura ocupação no mercado de trabalho. Era o início de uma preocupação com a formação do trabalhador qualificado e de indivíduos economicamente produtivos. Nesse período a educação viu-se um pouco despojada de suas características humanistas, para ser encarnada por objetivos capitalistas de desenvolvimento.

Concomitantemente, nota-se na literatura a abordagem de novos conceitos para a biblioteca. Em geral, os textos partem do princípio de que estaria superado o conceito tradicional, para o qual a biblioteca escolar seria simplesmente um depósito de livros a suplementar o programa de estudos (SANTOS, 1973). Naquele momento a biblioteca escolar começa a se transformar, passando a ser compreendida como um centro de informação e de cultura a serviço da comunidade escolar, devendo oferecer uma variada gama de documentos impressos e não-impressos. (SANTOS, 1973)

Essa evolução na compreensão e no redimensionamento do papel da biblioteca escolar na educação tem influência e ligação direta com as concepções de ensino difundidas na época.

Em sintonia com a nova proposta pedagógica, os autores procuraram trabalhar e difundir uma nova proposta também para a biblioteca escolar. Nesse sentido, encontram-se posições eufóricas e esperançosas referentes às possibilidades que se vislumbravam para a biblioteca escolar. A lei 5.692/71 parece ter contribuição marcante para essas posições. Vários são os autores que a citam ou lhe fazem algum tipo de alusão, demonstrando acreditarem que as proposições da lei traçariam um novo caminho para a biblioteca escolar. Segundo CERDEIRA (1977, p. 35-36):

“As bibliotecas escolares podem vir a ter não só uma importância nova, como também um novo caráter. Elas podem assumir um papel de muito

maior relevância do que aquele que usualmente têm tido no desenvolvimento e na oferta de oportunidades mais flexíveis de educação, permitindo, além de suporte aos currículos, oportunidade para a aquisição personalizada de conhecimento, segundo as motivações de cada educando. (...) [Cumprindo, pois,] o papel de abrirem largas vias de acesso a formas de educação que se caracterizariam por flexibilidade e pelo estímulo à continuidade do processo educativo. A biblioteca serviria, assim, de ponte entre a educação formal que a estrutura atual da sociedade ainda requer, e a educação não – formal e permanente que já se anuncia²⁰ como a mais compatível com as realidades da sociedade futura”.

A literatura da década de 70 enfatiza ainda a importância da biblioteca escolar para a auto-realização, a auto-educação do aluno e a realização de pesquisa escolar. Esta surge como uma nova tarefa adicionada à rotina escolar. Com amplas possibilidades de contribuir para a realização dos objetivos da educação, a pesquisa escolar é preconizada como método de ensino-aprendizagem. Por sua vez, a biblioteca escolar é considerada o local mais indicado para a realização da pesquisa e o instrumento para garantir que essa constituísse realmente um aprendizado, incentivando a criatividade, a auto-atividade e a busca de informações por parte do aluno. (OLIVEIRA, 1972, CARVALHO, 1972).

A leitura é outro aspecto focado na literatura. O estímulo à criação do hábito de leitura é tido como uma das funções da biblioteca escolar que precisa de atenção e investimento.

Contudo, tantas idéias parecem ainda permanecer como meras expectativas sobre a biblioteca escolar. A situação apontada na literatura mostra a biblioteca escolar como inexistente ou mantida à margem do ensino (SANTOS, 1973), permanecendo, segundo FERREIRA (1978, p. 11), em quase sua totalidade como um simples repositório de material impresso, e isso ainda quando existisse.

Na década de 80, novos elementos foram incluídos na reforma do ensino da

²⁰ O que em 1977 se anunciava, podemos dizer que em 2000 já é uma realidade, mesmo que o seja para todos em todo e qualquer lugar do mundo, está muito mais próximo de chegar a ser.

década de 70. Os avanços tecnológico e científico ocuparam papel importante nessa modificação. No Brasil, percebe-se a influência na concepção de educação através da Lei nº 7044/82 que modifica a Lei 5692/71. Assim como a lei que a antecedeu, a 7044/82 manteve como objetivo do ensino quatro idéias fundamentais:

- o desenvolvimento das potencialidades do educando;
- a auto-realização;
- preparação para o trabalho;
- preparação para o exercício consciente da cidadania.

No momento em que a educação formal iniciou mais algumas alterações, evoluindo²¹ e adaptando-se às necessidades da sociedade²², um reflexo imediato ou quase imediato foi sentido pela biblioteca escolar.

Para a biblioteca escolar, a década de 80 significou um impulso a mais nas discussões sobre sua conceituação, funcionamento e possibilidades de atuação em conjunto com novos recursos tecnológicos. Ela deveria abandonar seu antigo papel de artigo de luxo no contexto escolar para evoluir, tentar adaptar-se às necessidades da nova sociedade, com novas idéias de educação, função e atuação, tornando-se, desse modo, um importante recurso no processo de ensino. Portanto, a biblioteca escolar assume novos limites, ela precisa colaborar com o ensino sendo um espaço alternativo para o desenvolvimento desse. Segundo ARAÚJO (1986, p. 106):

“A educação é um ato dinâmico, crítico, transformador, e a biblioteca moderna deve extrapolar o caráter conservador e armazenador da informação, passando a agir como um centro de aprendizagem dinâmica e participativa. Outrossim, é imprescindível que se retome velhos hábitos de leitura, estudo e pesquisa porque devem passar os alunos em sua formação básica e que se reforce o auto-dinamismo abandonado pelo professor, primeiro usuário da informação.”

²¹ A escola deixa de ser a única detentora do saber e passa a não mais interpretar o aluno como uma página em branco que deverá absorver o que a escola definir como importante.

²² Atualmente, aceita-se a idéia de que o ensino não acontece exclusivamente no espaço de sala de aula via professor e livro didático e não se aprende apenas na escola.

A biblioteca escolar reafirmou-se enquanto instrumento de apoio ao ensino, devendo contar para tanto com infra-estrutura de materiais de natureza diversificada como materiais bibliográficos, iconográficos e fonográficos que permitissem a busca e o acesso ao conhecimento (FONSECA, 1982, p. 6).

Nessa proposta de atuação, a biblioteca escolar estenderia seu atendimento a docentes – aprimorando seus conhecimentos para utilizá-la e oferecendo a informação necessária à tomada de decisão em aula –; a discentes – incentivando a aprendizagem permanente, a recreação, a criatividade –; e a toda comunidade escolar (NEGRÃO, 1987, SANTOS, 1989).

QUEIROZ (1985, p. 107) defendeu a biblioteca escolar como instituição absolutamente essencial para que o sistema educacional efetivasse o conceito de educar. Para a autora, somente a efetiva atuação da biblioteca escolar contribuiria para o desenvolvimento das potencialidades do educando, para a sua auto-realização e proporcionaria a preparação necessária ao exercício de sua cidadania.

Percebe-se na literatura, a reunião, em torno da biblioteca, de um conjunto diversificado de objetivos e funções. AMATO e GARCIA (1989, p. 12-13, 14-15) assim detalharam os objetivos da biblioteca escolar naquela época:

“- Ampliar conhecimentos, visto ser uma fonte cultural; - Colocar à disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa; - Oferecer aos professores o material necessário à implementação de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares; - Colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quanto à complementação do ensino-aprendizado, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia; - Proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização e de conhecimentos, em todas as áreas do saber; - Conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações; - Estimular nos alunos o hábito de freqüência a outras bibliotecas em busca de informação e/ ou lazer; - Integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando: intercâmbios culturais, recreativos e de informações. (...) Ambiente carregado de motivações é o local por excelência onde a criança aprende a gostar a ler, a se auto-expressar, a se educar. (...) Além de incentivar a leitura, a biblioteca não

pode descuidar da criação do hábito da freqüência voluntária, da pesquisa individual”.

Desse modo, além de não se duvidar que as bibliotecas escolares constituíam parte importante da administração escolar e da pedagogia moderna (CARVALHO, C. P., 1972, p. 198), passa-se a conviver com discursos que defendem a premissa: melhoria das bibliotecas escolares é ponto estratégico para a melhoria na qualidade do ensino. Idéia defendida pela professora Maria Martha de Carvalho em 1982, para a qual a biblioteca deveria ser vista como suporte para a melhoria do ensino, ou seja, elemento essencial para atingir a qualidade de ensino desejada (TARAPANOFF, 1982, p. 40) e significando ainda, para QUEIROZ (1985), que boa parcela dos alunos se libertaria do limitado espaço do livro texto.

A institucionalização da pesquisa trouxe contribuições positivas e negativas ao ensino. Enquanto algumas pessoas defenderam-na, apontando seu aspecto positivo ao tentar criar novas possibilidades para o ensino, que era unicamente centrado na prática de sala de aula, o mau aproveitamento da pesquisa escolar feito pelas escolas fez com essa se tornasse alvo de críticas, sendo considerada como mais uma imposição que não contribuiu senão para a criação de uma nova prática, a cópia. Ao invés da pesquisa o que passou a ocorrer foi um bando de alunos desorientados a copiar verbetes de enciclopédias. Segundo MILANESI (1986, p. 9-10):

“Há uma escola que exige pesquisa. Os alunos devem ir à biblioteca para pesquisar. Mesmo que a maioria dos professores não tenha condições de dizer quais são suas expectativas em relação às tarefas que dão aos seus alunos, as bibliotecas estão cheias de estudantes”.

Os professores, segundo TEIXEIRA e ROSA (1987, p. 610), “geralmente impõem um tema sem considerarem os interesses e qualificações intelectuais do aluno bem como a disponibilidade de recursos disponíveis”. Para MILANESI (1986, p. 98):

“Na prática, entretanto, a chamada pesquisa escolar é cópia rápida e

rasteira que está retirando a idéia da cultura literária, a erudição, as citações filosóficas, a oratória barroca, a declamação parnasiana e substituindo-a pela objetividade que a escola exige”.

TEIXEIRA e ROSA (1987, p. 610-611) corroboram a idéia de pesquisa como cópia, para eles “no contexto educacional, a expressão ‘fazer pesquisa’, parece significar, para a maioria dos estudantes, fazer recortes, colagens, cópias, levantamento de dados pura e simplesmente”.

A leitura perpassa na escola todas as áreas e atua na maioria das vezes como um pré-requisito para o aprendizado de todas as disciplinas. Ao se ressaltar a importância da leitura e da formação de leitores, passou-se a estar ressaltando conseqüentemente a importância da escola e, especialmente da biblioteca escolar para garantir ao cidadão o direito de acesso a leitura, além de desenvolver o hábito de ler. Segundo SILVA, E. T. (1982, p. 135):

“A escola transformou-se na principal agência responsável pelo ensino do registro verbal da cultura. Em outras palavras, o acesso à leitura significa ter acesso à escola e nela obter as habilidades e os conhecimentos necessários à participação no mundo da escrita. Se a formação do leitor está essencialmente condicionada à alfabetização e escolarização, então ler é, por necessidade, submeter-se aos objetivos que a escola tenta atingir através de seus programas e métodos – estes, por sua vez, são determinados e selecionados conforme as condições ou recursos do próprio ambiente escolar. Por outro lado, como a escola, modernamente, não é um organismo independente da sociedade, então as perguntas pertinentes à promoção da leitura (quem lê, o que ler, por que ler, de que forma ler, onde aplicar o que foi lido, etc...) ficam subordinadas a objetivos sociais mais amplos, definidos pela política educacional em vigor”.

Embora os discursos se voltassem para o reconhecimento da importância da biblioteca escolar no contexto educacional, o panorama de atuação que se desenhava não era nada animador. Nas palavras de QUEIROZ (1987, p. 649-650) a biblioteca escolar está permanentemente em estado de extrema precariedade. Segundo a autora a afirmativa geral de que as escolas no Brasil não têm biblioteca

encontra respaldo em alguns estudos sobre o assunto e pode ser comprovada por observação prática. Segundo ANTUNES (1986, p. 123-124):

“Constatamos entretanto que, embora nos manuais técnicos muito se fale com relação à biblioteca escolar na escola, generalizando, podemos dizer que, a biblioteca escolar, como tal, inexistente no contexto escolar brasileiro, tão reduzidas são as unidades atuantes, frente à enormidade e complexidade de situações existentes. Por outro lado, uma visão distorcida vê como biblioteca escolar qualquer quantidade de livros, independente do assunto, uso, adequabilidade, atualidade, e, assim, dentro dessa ótica, são considerados BIBLIOTECA aqueles poucos livros, velhos, amarelecidos pelo tempo, ortografia antiga, empoeirados, manuais didáticos descartáveis que foram preenchidos ou deixaram de sê-lo, depositados em uma prateleira de armário dos mesmos livros que, em certa época, algum professor abnegado os encapou e tratou logo de chaveá-lo para que a meninada não os danificassem. Encontramos ainda, em escolas de maior porte, salinhas minúsculas da biblioteca que servem, exclusivamente, a outros fins, e, de bibliotecas, só levam o nome. Com um breve exame, iremos detectando situações diversas encontrando inclusive, as poucas escolas onde realmente existe a sala de biblioteca espaçosa, móveis adequados, coleção razoável, mas, freqüentemente, desatualizada porque não existem recursos específicos para a manutenção dos acervos.(...)“No cotidiano das nossas escolas, é ainda a biblioteca escolar o lugar ideal para a localização de professores incapacitados para as funções docentes; lugar onde os alunos cumprem penas disciplinares, para retirar um livro com o objetivo de atender à tarefa específica de elaborar uma ficha de leitura. Ou ainda, é a biblioteca o lugar que pode, sem conseqüências, na concepção da grande maioria dos dirigentes, fechar as suas portas e seu responsável ser desviado para outras atividades”.

A professora Maria Martha de Carvalho, em palestra proferida quando das comemorações da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca em 1981, a respeito da situação das bibliotecas escolares no Brasil afirmou que “o que existe em matéria de biblioteca escolar está muito longe do que precisaríamos ter” (TARAPANOFF, 1982, p. 39).

Enquanto CARVALHO (1986, p. 111) concluiu que “longe de funcionar como apoio à formação do hábito de leitura, vem mantendo um distanciamento histórico da problemática da educação elementar, até mesmo contribuindo para perturbar o encontro do pequeno leitor com o livro”. Para NOGUEIRA (1986, p. 147) e

ANTUNES (1987, p. 58) a realidade demonstrava que a biblioteca escolar não se havia efetivado na sociedade brasileira, ou seja, ainda estava por surgir.

Logo que as concepções sobre o ensino e conseqüentemente sobre a ação da biblioteca escolar deram sinais de incapacidade em lidar com novas exigências da sociedade, novas interpretações²³ sobre o educando e suas necessidades educacionais surgiram e foram incorporadas ao ensino. A literatura da década de 90 mostra que preocupações com o desenvolvimento pessoal do educando, sua liberdade, sua contínua aprendizagem, respeito à sua identidade, ao ritmo próprio e individualidade, diversificação de ensino, convívio de diferentes culturas, extensão do ensino para além da sala de aula tomavam novas proporções.

Também chegaram à biblioteca escolar novas preocupações que discutiram como esta poderia colaborar e assumir real posicionamento diante do ensino. Ela deveria abandonar seu antigo papel de artigo de luxo no contexto escolar para evoluir, tentar adaptar-se às necessidades da nova sociedade, com novas idéias de educação, função e atuação, tornando-se, desse modo, importante recurso no processo de ensino. Portanto, a biblioteca escolar amplia seus limites, ela precisa colaborar com o ensino constituindo espaço alternativo para o seu desenvolvimento.

A possibilidade de utilização de uma gama muito maior e variada de recursos educativos trouxe novas demandas à educação, que já não pode estar centrada em um único e limitado espaço.

Uma nova concepção de educação pautada por sua vez no atual estágio da sociedade²⁴ exige a formação de um cidadão que não só domine conhecimentos e detenha habilidades, mas que seja flexível, crítico, atento às mudanças, consciente

²³ Importante ressaltar o plural presente na expressão “novas interpretações” uma vez que denota o sentido diversificado de se abordar e respeitar a própria diversificação social.

²⁴ A chamada sociedade da informação onde a velocidade e o volume das informações postas à disposição do cidadão alcançaram um índice impressionante e jamais visto na história da humanidade.

de seus direitos e deveres, além de ser capaz de reagir de modo eficaz à velocidade com a qual ocorrem as mudanças. O sujeito não pode ser tratado somente como assimilador de um número cada vez maior de informações, mas principalmente como selecionador consciente, sendo capaz de escolher dentre o que está disponível, aquilo que lhe é realmente relevante. Essa capacidade se forma principalmente através da prática, do contato com fontes diversificadas de informação, exercitando habilidades de leitura, pesquisa e seleção.

Desse modo a escola não mais se sedimentaria como único local onde o aprendizado se efetua, relativizando também o papel da sala de aula enquanto único espaço dentro da escola a permitir o aprendizado e do professor como único transmissor e agente ativo do processo educativo.

Ao contrário, a nova abordagem consolida a posição do professor como um facilitador do processo de busca de conhecimento e privilegia a biblioteca escolar como um espaço necessário na escola, com ampla possibilidade e capacidade de participar no desenvolvimento da leitura e da aprendizagem, e seu uso como experiência essencial no processo educacional.

Concepções pedagógicas que alteraram o *status* educacional e ressaltaram a figura do aluno no processo de ensino-aprendizagem levaram a outra compreensão sobre a importância da biblioteca na vida escolar e, de maneira mais significativa, na própria constituição do ensino, impulsionando modificações nessa biblioteca.

Ao ampliar sua linha de ação, colaborando com o professor, desenvolvendo habilidades de pesquisa, incentivando habilidades de leitura, a biblioteca integrar-se-á não só à escola, mas à exigência da educação formal que vem convivendo com mudanças significativas.

SILVA, S. A. (1997, p.146) detectou o desenvolvimento de algumas medidas

que, segundo a autora,

“de alguma forma revelam que existe uma tendência geral de valorizar o papel da biblioteca no âmbito escolar e modificar a concepção tradicional deste espaço. A idéia de livros como tesouros encarcerados e de bibliotecas como templos sagrados, que conservava um forte caráter religioso, permaneceu, até o período da Renascença.”

Somente uma biblioteca escolar que opere enquanto centro de informação educativo integrado à escola e à disposição de professores, alunos, funcionários e comunidade escolar estaria adaptada às exigências das novas e profundas alterações que o mundo vem sofrendo neste início do século XXI. Segundo PEREIRA et al (1991, p.364):

“Um sistema dinâmico de bibliotecas escolares constitui um dos mais fortes apoios para o desenvolvimento e a melhoria do processo ensino-aprendizagem. A biblioteca escolar, como parte integrante da escola, constitui fator essencial para atingir as metas educacionais ao funcionar como elemento de apoio no desenvolvimento das atividades curriculares, motivando, assim, o interesse do estudante e do professor nos vários tipos de informação, formando, conseqüentemente, o hábito do uso da biblioteca por meio de um processo contínuo”.

VÁLIO (1990, p. 20) congrega em sua definição para biblioteca escolar aspectos como sua responsabilidade educativa e sua inegável ligação com a leitura e a formação de leitores:

“Como mediadora, a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola. Desse conceito depreende-se que a função da biblioteca escolar é incentivar a leitura dos alunos, tendo como objetivo a formação dos futuros leitores, e oferecer as condições necessárias à comunidade escolar, através da facilitação dos serviços de informação, em benefício do desenvolvimento do currículo e da competência do aluno para aprender a aprender”.

A década de 90 parece recuperar concepções de biblioteca escolar exploradas e defendidas nas décadas anteriores, reunindo-as e enfatizando em

alguns momentos a importância destinada à informação e à formação intelectual na sociedade ou a importância dada à vivência e convivência sócio-cultural. Exemplos podem ser vistos em VÁLIO e MARTINS.

Segundo VÁLIO (1990, p. 21):

“Aprender a utilizar a informação é uma das mais importantes atividades do currículo escolar e a biblioteca seria o ‘laboratório de aprendizagem’, contribuindo para a formação de estudantes bem sucedidos e adultos capacitados, já que na vida futura a capacitação e a satisfação tanto no plano pessoal e social como no profissional dependem da competência individual em usar a informação”.

Segundo MARTINS (1991, p. 337) primeiramente a biblioteca escolar deve ser:

“um espaço amplamente aberto a todos os aspectos culturais, ter bons livros, ser diversificada, criativa, ser uma dinamização da cultura viva. Tem como responsabilidade principal transformar a literatura em lazer dinâmico e alegre e servir de apoio ao processo educativo. (...) Além de livros, essa biblioteca deverá ter materiais como: slides, transparências, filmes, reproduções de arte, fitas gravadas, etc., passando a ser um centro em que a interação do educando com uma variada gama de recursos de informação a transforme em verdadeiro laboratório de auto-aprendizagem”.

Parece haver também a revalorização da pesquisa escolar com vistas principalmente à possibilidade de uso de outros recursos como Internet (CAMPELLO et al, 2000). Reconhece-se que, através dos momentos destinados à pesquisa, a biblioteca escolar pode educar, preparar e iniciar os estudantes na busca de informações, a fim de capacitá-los a usufruir de outras bibliotecas ou sistemas de informação sofisticados, em etapas distintas de sua vida. Desse modo a pesquisa continuou sendo um importante momento destinado ao aprendizado, no qual o aluno apresenta todas as potencialidades para o bom uso da estratégia (OLIVEIRA, MORENO e CRUZ, 1999, p. 48), e o contexto educacional é um terreno extremamente fértil para que a pesquisa possa florescer.

Não são ignoradas, todavia, as possíveis falhas que essa tarefa, se mal explorada, pode conter²⁵. Nesse sentido SILVA (1991, p. 111-112) adverte que, da maneira como vinha sendo tratada, a pesquisa escolar tornou-se mais um problema para o ensino:

“Outro problema relacionado com a visita de alunos às bibliotecas diz respeito à elaboração da chamada ‘pesquisa escolar’. Não são poucos os bibliotecários deste país que reclamam da quase total desorientação dos alunos para efetivação de trabalhos escolares em bibliotecas. Cópias literais de autores, xerox de páginas de enciclopédias, reproduções superficiais de artigos encontrados em hemerotecas, paráfrases sem contexto etc. – tudo isso aponta para a falta de preparo dos alunos no que tange à busca de conhecimentos no espaço das bibliotecas. Existe até quem afirme que os professores atribuem pesquisas na biblioteca no sentido de se livrarem da responsabilidade de ensinar”.

Ao analisar a pesquisa escolar realizada em escolas fundamentais de Porto Alegre, RS, NEVES (2000, p.164-165) defendeu que para alterar a conotação problemática imputada à pesquisa escolar seria necessário começar com a melhoria da interação entre sala de aula e biblioteca, pois os benefícios da pesquisa bibliográfica somente seriam mais amplos e duradouros, se o aluno recebesse uma atenção mais específica para o exercício dessa atividade desde a sala de aula, complementando-a através do atendimento oferecido no ato da pesquisa, pela biblioteca escolar.

Na década de 90, ressaltam-se também as diversas finalidades da leitura e a importância da biblioteca escolar investir nelas e possibilitá-las. Se o destino final do livro é a leitura do cidadão, a finalidade dessa leitura pode e tem variações. Lê-se por prazer, lê-se buscando informação, lê-se buscando transformação social e individual. E mesmo que se tenha ligado a noção de leitura na escola e na biblioteca escolar à concepção funcional e utilitária da leitura, – como uma forma de se adquirir

²⁵ O uso de novos recursos tecnológicos apenas serviria para acentuar as falhas da pesquisa escolar.

conhecimento e ter acesso aos bens culturais existentes –, a biblioteca escolar precisa adotar o lado lúdico e o gratuito da prática da leitura, o lado prazeroso que privilegia a noção de leitura ligada ao lazer.

Pertencente à escola, – instituição que concede o acesso à leitura –, a biblioteca escolar não pode limitar-se a esperar que em determinado momento a usem como espaço próprio da leitura. Seria preciso atuar no incentivo da leitura independente de qual seja sua finalidade, sem excluir, censurar ou privilegiar qualquer manifestação de leitura. Mas ao contrário, abarcando e estimulando todas as noções de leitura, a biblioteca estará de fato contribuindo para a formação de leitores. Segundo SILVA, E. T. (1991, p. 114-115):

“Levando em consideração que existe uma série de desvios na área dos objetivos da leitura escolarizada, é urgente que, sem desprezar a leitura de estudo para propósitos de pesquisa e busca de conhecimento, a biblioteca escolar se preocupe com o incentivo à leitura de fruição, cuja finalidade básica é o desenvolvimento/ aprimoramento do gosto e do prazer estético. Neste caso, a oferta de um acervo variado de livros de literatura, permitindo diferentes opções e vivências por parte dos alunos, coloca-se como um pré-requisito fundamental. Em termos pedagógicos, importa aqui que os alunos experienciem concretamente, dentro de uma atmosfera de liberdade, as inúmeras visões do mundo oferecidas pela arte literária”.

Embora parecesse crescer a preocupação para com a biblioteca escolar, VÁLIO (1990, p. 19-20) chamou a atenção para o fato de que a biblioteca escolar ainda permanecia na dimensão do discurso apenas:

“Ao longo dos anos, o conceito de biblioteca escolar vem-se transformando e tem sido uma questão obrigatória em eventos que discutem a educação, o currículo, a leitura. Relacionar a biblioteca com a melhoria de ensino, utilizando-a em sua plenitude, como mediadores do processo ensino-aprendizagem, parece ser uma prática não implantada ainda nas escolas”.

Ou seja, mesmo que alguns autores insistam em tratar a biblioteca escolar como presença indispensável à qualidade de ensino oferecido pela escola, sabe-se

que quase sempre o processo de ensino-aprendizagem não é interrompido pela falta da biblioteca. Escolas continuam funcionando e o ensino continua sendo realizado, mesmo com a ausência ou o precário funcionamento das bibliotecas escolares. Resta, em muitos casos, especulações acerca da maneira como vem ou poderia estar sendo processado este ensino.

Na metade da década de 1990, SILVA, W. (1995, p. 11) fazia o seguinte diagnóstico da situação das bibliotecas escolares no Brasil:

“Silêncio: essa talvez seja a palavra que melhor simboliza a situação real da biblioteca escolar no Brasil. Sem dúvida, a biblioteca escolar brasileira encontra-se sob o mais profundo silêncio; silenciam as autoridades, ignoram-na os pesquisadores, calam-se os professores, omitem-se os bibliotecários. É realmente um silêncio quase sepulcral, que até faz sentido, pois a biblioteca escolar no Brasil está praticamente morta, faltando apenas enterrá-la.”

Segundo esse autor, a biblioteca escolar vem sendo submetida ao abandono, ao desprezo e à indiferença, resultado de uma série de combinações entre as quais omissões, descomprometimento e desinteresse por parte daqueles que teriam alguma relação de responsabilidade com essa instituição, tal como governantes, bibliotecários, professores e pesquisadores pertencentes às áreas de educação e biblioteconomia. Os poucos que se pronunciavam a respeito da biblioteca escolar não podiam fugir ao lamento das condições em que esta se encontrava.

Segundo SILVA, E. T. (1991, p. 109):

“Quando pensamos em bibliotecas escolares no contexto da educação brasileira, imediatamente nos deslocamos à esfera do acaso, desprezo e esquecimento, para cair, de chofre, no mundo de marginalidade. Isto porque a biblioteca, em termos de possibilidade, vivência de estudo e pesquisa ainda se apresenta e se coloca como um apêndice secundário das escolas, nem sempre levada muito a sério pelas autoridades e, por isso mesmo, raramente se transformando num objeto de preocupação ou investimento”.

Em 1997, SILVA, S. A. (p. 171) reafirmava que a biblioteca escolar ainda

constituía artigo de luxo na maioria das escolas brasileiras e denunciava as dificuldades existentes ao se tentar fazer um levantamento estatístico do número de bibliotecas escolares no país, uma vez que os órgãos governamentais não dispunham de tais dados.

Dentre os pontos cada vez mais atacados por esse grupo temos é claro espaço físico, acervo, pessoal e serviços. “Na grande maioria dos casos, as bibliotecas das escolas públicas não possuem as menores condições para funcionar dignamente, estando longe de merecerem a denominação de biblioteca” (FRAGOSO, 1998, p. 40). Quando havia algum espaço destinado à biblioteca estava distante de se configurar um espaço adequado para tanto.

Se havia pessoal desempenhando algum tipo de função nessas bibliotecas estava longe de possuir formação adequada ou qualquer tipo de orientação para desempenhar suas tarefas e sequer possuía disposição para atuar em bibliotecas e saber o que isto poderia e deveria significar num contexto pedagógico. Para SILVA, E. T. (1997, p. 178 e 181):

“um dos graves problemas vivenciados nas bibliotecas escolares está relacionado à questão de recursos humanos. Não é suficiente existir uma biblioteca com espaço e acervo, se não se conta com um profissional para dinamizá-la. Também se constata que a existência desse profissional fica à mercê de decisões governamentais. (...)

Outro problema comumente encontrado e identificado nas bibliotecas é a presença nelas de professores de ‘laudo médico’ (afastados da regência), que não se identificam com as atividades bibliotecárias e, por isso, não dispõem a dinamizá-las, reforçando a idéia de que esse espaço é o local ideal para se descansar. (...)

Outro fator percebido nessa questão referente a recursos humanos na biblioteca é a mobilidade das pessoas que passam por ali, não permanecendo por mais de um ano na função. Essa situação decorre de motivos como as resoluções governamentais ou a perspectiva de esse cargo às vezes tornar-se uma ‘benesse’, com o que a diretora vai premiar este ou aquele professor, gerando um problema para a continuidade do trabalho, e queixas por parte de quem está atuando.”

Quanto ao acervo, era comum dentre aqueles encontrados, a maioria estar

desatualizado, e ser constituído através de doações sem critérios ou de políticas governamentais que jamais levaram em consideração a especificidade ou a necessidade das bibliotecas.

Os serviços prestados à comunidade escolar, quando aconteciam, possuíam sérias restrições que de uma forma ou de outra se relacionavam com as restrições descritas anteriormente como recursos humanos, espaço físico e acervo.

Diante do exposto, conclui-se que qualquer alteração em um dos elementos constituintes de uma biblioteca escolar comprometeria em algum momento os outros. Se uma biblioteca escolar não possui espaço físico ou se esse for inadequado como abrigar um acervo ou mesmo oferecer serviços? Se uma biblioteca escolar não possui pessoal ou esse não foi corretamente formado como administrar o acervo e prestar serviços? Considera-se também que a presença assídua e constante de um mesmo profissional na biblioteca constitui um aspecto positivo, propiciando o conhecimento das reais possibilidades do acervo da biblioteca e do perfil de seus usuários, proporcionando atuação mais eficaz (SILVA, S. A., 1997, p. 184-185). Um acervo desatualizado, que não atende às necessidades de sua clientela emperra sua utilização. Se não se presta serviços à comunidade escolar, qual a necessidade de se manter uma biblioteca escolar com pessoal, acervo atualizado e desperdiçando um espaço que poderia abrigar uma atividade mais produtiva?

A constatação de abandono da biblioteca escolar, que se estende ao longo dos anos, talvez seja a responsável pelo tom de choro incessante presente no discurso daqueles que se voltam para o assunto.

Essa mesma situação parece suscitar nos autores a necessidade de publicar

manifestos em seu favor²⁶, além de chamar a atenção dos envolvidos com esse campo ou campos afins, para as iniciativas que visem a dinamizar ou revitalizar a biblioteca escolar.

Se numa prática educacional pautada principalmente pela transmissão de conteúdos, a importância e a necessidade da biblioteca ficavam encobertas, numa prática voltada ao diálogo, à descoberta e enfatizando as necessidades individuais, acabaram por trazer a biblioteca escolar de volta à cena.

A presença de uma boa biblioteca, participando da prática educacional parece ser a expectativa de todos. A sociedade do terceiro milênio necessita de uma biblioteca escolar ágil, flexível, atenciosa, envolvida com as necessidades de seus usuários, ativa, em sintonia com as mudanças e, principalmente em sintonia com as concepções educacionais praticadas, e para que isso seja possível é fundamental que a biblioteca escolar caminhe junto ao professor. Sobre a necessidade dessa união trata o próximo tópico.

2. 4 A biblioteca e o professor

Quando se fala em biblioteca escolar há que se pensar também na relação escola-biblioteca personificada nas figuras do professor e do bibliotecário. Sem dúvida, potencialmente, a biblioteca pode assumir as funções de laboratório de aprendizagem e de centro de informação educativo, das quais muitos autores falam. Para que isso aconteça é imprescindível melhor exploração do aspecto interativo entre a biblioteca e a escola e, principalmente, entre a biblioteca e o professor.

Essa relação influenciará, se não se definir a atuação da biblioteca escolar e a percepção que se constrói dela. É dessa relação que poderá nascer uma biblioteca

²⁶ Alguns desses autores mostram-se demasiadamente enfáticos quando se lançam em defesa não do que seja a biblioteca escolar, mas principalmente em defesa daquilo que muitos pensam que deveria ser a biblioteca escolar.

integrada com a prática de ensino da escola.

“a biblioteca escolar, interagindo de modo harmonioso com o corpo docente, poderá cooperar na formação de várias atitudes: o hábito de utilizar informação, o de pesquisa, o gosto pela leitura, o hábito de usar a biblioteca, além do desenvolvimento do pensamento crítico e a motivação para a educação permanente” (NEGRÃO, 1987, p. 95).

Unidas essas duas forças têm mais chances de captar recursos, mobilizar novos e antigos usuários, incentivar o uso, ampliar e dinamizar a ação da biblioteca e finalmente garantir a melhoria da qualidade de ensino. DOUGLAS (1971, p. 13, 19-20) já comentava:

“O professor desempenha grande papel no êxito de uma biblioteca central da escola primária, assim como a biblioteca pode contribuir poderosamente para o bom resultado da ação pedagógica do professor. Este, com efeito, toma parte ativa na escolha das aquisições da biblioteca, estabelece o programa no que diz respeito a seus alunos e vela pela execução desse programa. Age de modo que a biblioteca tenha seu lugar na atividade cotidiana da criança. (...) “A biblioteca não pode desempenhar plenamente seu papel na escola primária se não conta com a integração total do mestre. O professor é, para a criança, o adulto cujo exemplo tem o máximo de peso, nessa fase de sua formação. Se não usa a biblioteca para suas leituras e documentação, e não encoraja os alunos a imitá-lo, depois será talvez muito tarde para incutir-lhes o hábito de pesquisa pessoal e da análise crítica dos fatos; talvez também jamais venham a conhecer as alegrias da leitura”.

Se não existir um relacionamento satisfatório entre professor e bibliotecário, a atuação da biblioteca escolar estará comprometida

(TARAPANOFF, 1982, p. 40). Nesse sentido alguns autores que se preocuparam em analisar a situação da biblioteca escolar também detiveram seus olhares, mesmo que de modo pouco sistematizado, sobre o professor e seu relacionamento com a biblioteca. De algum modo, eles corroboraram a afirmativa de que “sem a necessária confluência das ações docentes e discentes, parece-nos que a biblioteca não se projeta, não se institucionaliza e nem adquire a sua real identidade” (SILVA, E. T., 1997, p. 55).

Desses olhares foram coletados alguns depoimentos e considerações que, em sua maioria, reconhecem, como fundamental para a qualidade do ensino e uma boa atuação da biblioteca escolar, o entrosamento com o professor (AMATO, GARCIA, 1989; TARAPANOFF, 1982; SILVA, E. T., 1989).

Reafirmando a necessidade e a importância da integração da biblioteca escolar com a escola e o professor, SILVA, E. T. (1989, p. 30-31) comentou:

“Sem a participação – ativa e constante – dos professores, a dinamização da biblioteca escolar dificilmente será viabilizada na prática. Isto porque são os professores os responsáveis pelo planejamento do ensino, o que, direta ou indiretamente, repercute na distribuição do tempo acadêmico dos alunos”.

Em outra ocasião SILVA, E. T. (1991, p. 114) ressaltou que:

“A organização e a dinamização dessa biblioteca devem ser feitas por um ou mais bibliotecários, trabalhando em íntima relação com o corpo docente e discente e fazendo a ligação com as necessidades da comunidade. Sem essa integração, sem essa comunhão de esforços, é quase certo que a biblioteca escolar peque e pereça pela descontinuidade e pelo isolamento”.

Entretanto, se essa integração é tão necessária, raras são as situações em que realmente ocorre. Na maioria dos casos, parece haver um abismo separando a biblioteca da escola e o bibliotecário do professor. Em sua dissertação QUEIROZ (1985, p. 113) concluiu que “os professores, de modo geral concordam em que a

biblioteca escolar é necessária, embora alguns não a vejam como um instrumento de apoio ao seu programa de ensino”. O não reconhecimento da biblioteca como algo de vital importância no contexto escolar e do bibliotecário como um agente educador, levou a um distanciamento crescente entre o professor e a biblioteca escolar.

Segundo AMATO e GARCIA (1989, p. 13) “é bastante polêmica a posição de biblioteca” na escola. “A biblioteca é vista muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura; um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados, ou ainda, um lugar de disseminação da informação”. Nesse sentido, a biblioteca não ofereceria serviços de interesse do professor e, conseqüentemente, não seria utilizada por ele, o que concorreria para a permanência do abismo entre os dois.

O professor, muitas vezes sobrecarregado de tarefas, optaria pelo confinamento, acomodando-se em suas obrigações e evitando procurar outras possibilidades para enriquecer sua prática e sua performance em sala de aula. Convencido de que não poderia encontrar nada de muito interessante numa biblioteca escolar que o auxiliasse realmente, ele se distancia dessa. O distanciamento do professor é analisado como altamente comprometedor para o espaço da biblioteca na rotina da escola. Segundo SANTOS (1973, p. 147):

“Do ponto de vista pedagógico, a biblioteca escolar não alcançou ainda o seu lugar ao sol. Ainda não foi incorporada às atenções primordiais do corpo docente.(...) A maioria dos professores jamais pôs os pés na biblioteca de sua escola, nem a ela acompanhou seus alunos, aproveitando o horário da biblioteca para repousar ou tomar um café na sala dos professores.”

O não entendimento ou a não integração entre o profissional da biblioteca e o professor cria um conflito que dilui, muitas vezes, a função educativa da biblioteca,

alienando-a do contexto pedagógico da escola.

Segundo AMATO e GARCIA (1989, p. 13-14):

“Nessa situação de conflito, os esforços de ambas as áreas se diluem completamente no marasmo das ‘impossibilidades’, tornando inócua a presença da ‘biblioteca escolar’ como agente do conhecimento. (...)

Não se pode alienar a biblioteca do processo educativo, sem prejuízo para todos os interessados: o professor, que perde um grande aliado em termos de apoio técnico-pedagógico; o bibliotecário ou responsável, que vê seus esforços se perderem no vácuo das ‘impossibilidades’ e, principalmente, os alunos que deixam de ter um grande instrumento de auxílio nas tarefas escolares e enriquecimento cultural na ampliação de seus horizontes e na formação de uma visão crítica.

A biblioteca escolar deve existir como um órgão de ação dinamizadora e não cair na passividade que, às vezes, nos leva a não efetuar um trabalho difusor de informações por não nos sentirmos estimulados e respaldados por aqueles que seriam, em primeira instância, beneficiados pelo trabalho da biblioteca “.

Segundo ANTUNES (1987, p. 62) “o professor, e especialmente aquele que assume as primeiras séries do primeiro grau, não desenvolve na sua formação, o hábito de freqüência à biblioteca”. Essa posição é corroborada pela seguinte fala da professora Maria Martha de Carvalho para a qual “não existem nem mesmo unidades físicas de biblioteca, quanto mais integração escola / biblioteca” (CARVALHO apud TARAPANOFF, 1982, p. 39), o que inclui principalmente professores e bibliotecários. Esse fato explicaria o desconhecimento, por parte das professoras, das possibilidades e dos recursos da biblioteca, os quais poderiam ser utilizados no desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem. Esse desconhecimento foi detectado por SILVA, S. A. (1997, p. 137) em sua pesquisa e reafirmado pela pouca freqüência das professoras à biblioteca da escola, durante o período em que foi efetuada sua observação. Também para SILVA, E. T. (1991, p. 112) “os professores não conhecem os acervos existentes nas bibliotecas e nem orientam os alunos no que tange ao uso objetivo dos seus serviços”.

Essa é uma questão que incomoda muitos e os leva a questionar quanto às

suas causas. Há quem considere que uma dessas causas seja a formação do professor e defenda, assim, a necessidade de reformulação dos currículos dos cursos de formação do profissional do magistério, incluindo-se nesses os conhecimentos necessários para o uso da biblioteca escolar, permitindo que tais profissionais descubram as possibilidades que uma biblioteca escolar pode oferecer quando é bem utilizada.

“A formação do professor é outro ponto ao qual se dirigem nossas preocupações. Este, no âmbito da escola, é elemento que assume papel de extrema relevância. Ocorre, entretanto, que presenciamos a um círculo vicioso envolvendo sua formação, cuja ruptura urge que aconteça, sob o risco do professor não desempenhar o seu real papel no que tange à leitura e à biblioteca escolar.” (ANTUNES, 1986, p. 124-125)

Segundo PIMENTA, AIRES e RIBEIRO (1998, p. 68), os professores não compreendem as possibilidades de uma biblioteca escolar: “os profissionais do ensino têm dificuldade de compreender as possibilidades educativas da biblioteca e a nova relação com o conhecimento que ela pode trazer”. Porém não podem ser culpados por isso; “em geral esses profissionais tiveram, no período de formação, relação superficial com bibliotecas. A pedagogia passava menos pela biblioteca que por livros didáticos e quadro-negro para a absorção de conhecimentos prontos”.

O professor deveria ser formado de acordo com o conceito de escola renovada e com vistas a uma prática de ensino que melhor se relacione com as exigências do mundo contemporâneo, repleto de informações e de suportes que as condicionam. Nesse contexto, o professor já não pode agir como se fosse o único a deter o conhecimento e, muito menos o único a transmitir conhecimento.

Outro ponto relativo à formação do profissional do magistério é a sua intimidade com a biblioteca no papel de usuário. Esse papel parece ter sido esquecido por algumas concepções que consideram a biblioteca escolar como

espaço a ser utilizado somente por alunos e, portanto, sua função principal seria a de desenvolver o hábito de leitura.

Para que haja a integração entre professor e bibliotecário, e sua participação efetiva na tarefa de dinamizar a biblioteca escolar, é preciso que seu planejamento e sua atuação estejam voltados para o professor no papel de usuário. A biblioteca escolar precisa atingir a comunidade da qual o professor faz parte.

NOGUEIRA (1986, p. 147) refere-se ao cliente da biblioteca como mola propulsora dessa instituição, limitando, entretanto, essa clientela aos estudantes da escola. Embora admita que a biblioteca escolar precisa ser entendida “enquanto espaço cultural de lazer e informacional (...), ponto de apoio do sistema educacional, sendo suas atividades centradas no processo ensino-aprendizagem”, esse espaço parece estar sendo destinado apenas aos estudantes. Concepções desse tipo tendem a ver como único público da biblioteca escolar o estudante ou aluno regularmente matriculado.

Além da função social de facilitador no processo de ensino-aprendizagem e “de mediador na transferência da informação entre um estoque de conhecimento, acumulado e disponível na sociedade, e um usuário que necessita de conhecimento no seu processo de desenvolvimento pessoal e social” (PEREIRA, FREIRE, 1997, p. 175), o professor também constitui um usuário desse dito estoque de conhecimento. À medida que seja tratado como usuário e mediador, cresce a necessidade de investigá-lo, de conquistá-lo e de desenvolver estratégias que o satisfaçam.

Ao contrário do que alguns autores consideram quando, ao tratar da formação de um usuário crítico, atuante e consciente, excluem o professor (VAN DER LANN, FERREIRA, 1991, p. 356), esta pesquisa pretende incluí-lo, uma vez que se o papel da biblioteca escolar está diretamente relacionado com a educação permanente do

cidadão, não se pode esquecer que o professor é um cidadão e o uso da biblioteca por parte dele também poderá contribuir para o aprimoramento tanto de sua prática quanto de sua consciência crítica.

“Para melhor exercer sua função social, o professor necessita alterar continuamente seu estoque de conhecimento, atualizar-se nas suas áreas de magistério. Nesse processo de atualização, necessita de informação para acrescentar-lhe valor. Por isso, ao mesmo tempo em que é agente de informação, e em decorrência mesmo de sê-lo, o professor é também um usuário potencial de fontes de informação, representadas por documentos e eventos (cursos, seminários, palestras). E isso traz de volta ao onde e como os professores se atualizam, para terem melhor atuação enquanto facilitadores da comunicação do conhecimento”. (PEREIRA, FREIRE, 1997, p. 176)

A biblioteca não se deve fechar em torno do aluno, pois seu posicionamento frente ao professor é importantíssimo. Ambos, professor e aluno, necessitam usufruir dos benefícios que uma biblioteca na escola pode promover, tornando-se “imprescindível que a biblioteca escolar pense seriamente no professor” (CAMPOS, BEZERRA, 1989, p. 88), inclusive para garantir que o acervo contemple tanto os interesses e as necessidades dos estudantes quanto os do professor.

Raras são as concepções que tratam o professor como um usuário que deve ser conquistado, bem como a biblioteca escolar como centro de informação cuja clientela possui perfil diversificado uma vez que atende a alunos de variada faixa etária e diferentes níveis de aprendizagem e desenvolvimento, professores de várias áreas, além de funcionários e da comunidade escolar.

Urge que se altere essa realidade. O professor é um potencial usuário que conta com forte apelo promocional. Ao ignorar esse usuário e suas características peculiares, a biblioteca escolar está inevitavelmente reduzindo seu campo de atuação além de provavelmente estar perdendo outros futuros usuários – alunos aos quais somente os professores chegariam, poderiam conquistar e incentivar a

utilizarem a biblioteca escolar. “Os alunos dificilmente serão leitores se os professores não o forem” (CAMPOS, BEZERRA, 1989, p. 88). QUEIROZ (1985, p. 113) complementa essa afirmativa:

“seria bom e necessário que todos os professores incentivassem o uso da biblioteca pelos alunos, considerando-se que o professor exerce uma grande influência sobre o aluno, especialmente na fase de sua formação que vai da infância à adolescência.”

Portanto, é preciso transformar a biblioteca escolar num recurso que atenda e apóie o trabalho do professor para se garantir sua parceria.

Não ignorando a problemática que envolve o professor, deve-se lembrar que qualquer ação elaborada nesse sentido só incluirá os profissionais que ainda serão formados. E quanto aos profissionais que estão atuando? Como ANTUNES (1986, p. 124) nos chama atenção:

“É na biblioteca que o aluno vai mais além, que preenche lacunas, que busca respostas à sua avidéz pelo saber da leitura, onde o professor deve se preparar para as suas lides docentes. A falta de conscientização, de conhecimento, de valorização do livro e da leitura como instrumento social que possibilita, ao indivíduo, o acesso coletivo à memória coletiva da humanidade; da leitura como veículo de enriquecimento cultural, são, dentre outros, aspectos ignorados por quantas pessoas passam pelos bancos escolares, recebendo o conhecimento através da verbalização do professor, ou valendo-se do livro didático”.

Um professor que não usufruiu um contato mais íntimo com a biblioteca durante sua formação não deve ser ignorado. Há que se desenvolverem estratégias que abarquem esses profissionais e os integrem às práticas educacionais que vão além do uso exclusivo do livro texto e que têm na biblioteca escolar uma grande aliada.

CAMPOS e BEZERRA (1989, p. 92) reconhecem que professor e biblioteca podem ajudar-se mutuamente. Para tanto as autoras sugerem:

“Os professores podem colaborar de diversas maneiras: fazendo suas

sugestões para a aquisição de obras; propondo aos alunos questões que estimulem e orientem a pesquisa; sugerindo leituras diversas a seus alunos; oferecendo-lhes um instrumental para aprofundar a assimilação de textos e a capacidade de avaliá-los; apresentando-lhes livros ou, pelo menos, acompanhando-os à biblioteca e apoiando o responsável na orientação quanto à utilização do acervo. A biblioteca pode apoiar o trabalho do professor, mantendo no acervo certos títulos essenciais ao enriquecimento de suas aulas e informando-o a respeito existência dessas obras; apresentando-lhe sugestões de textos que interessem a sua área de conhecimento; organizando o material para pesquisas solicitadas aos alunos; oferecendo aos alunos acesso a obras indicadas pelo professor, seja através de volumes existentes na biblioteca escolar seja pela orientação quanto a outras fontes disponíveis na cidade”.

Somente através de trabalho integrado e coerente entre escola, professor e biblioteca será possível transformar a biblioteca escolar num centro educativo de informações que satisfaçam às demandas, explicitadas ou não, tanto de seus usuários como dos não-usuários. Entretanto, para que essa integração se concretize é preciso que a biblioteca escolar esteja preparada para acolher o professor em seu triplo papel de usuário/ facilitador/ parceiro.

Essa preparação abrange mais que procurar culpados para a não sintonia entre os trabalhos desenvolvidos atualmente por esses dois mediadores do processo de ensino-aprendizagem: professor e biblioteca. Essa preparação consiste principalmente em compreender melhor o professor, apreender o que ele pensa sobre e espera da biblioteca escolar, criar condições e estratégias para garantir que se possa desenvolver um trabalho conjunto, para que se possam descobrir pontos de intervenção e agir.

3 O CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário desta pesquisa é muito especial e peculiar dentro da educação. Independentemente de possíveis críticas das quais foi, é ou possa vir a ser alvo, a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte vem-se destacando no cenário nacional da educação.

A cidade conta com um sistema descentralizado em 9 regionais²⁷, que congregam 175 escolas, cerca de 8.000 (oito mil) professores e em torno de 180 mil alunos.

As escolas possuem uma organização bem variada, a saber:

- escolas exclusivas para portadores de necessidades especiais;
- escolas infantis ou de educação infantil que atendem alunos de 4 e 5 anos e algumas turmas de 6 anos;
- escolas que atendem parte do 1º e 2º ciclos;
- escolas que atendem parte do 1º, 2º e 3º ciclos;
- escolas de 2º e 3º ciclos;
- escolas de 2º e 3º ciclos e Ensino Médio
- escolas que atendem ao ensino noturno regular e à suplência.

O planejamento educacional do município tem demonstrado a preocupação em criar novas respostas das instituições educacionais às exigências de uma nova sociedade, além de garantir o avanço dos direitos sociais do cidadão. Grandes progressos têm sido alcançados nos últimos anos, principalmente, no que diz respeito a apontar novas concepções de educação escolar democrática e a responder a questionamentos oriundos de discussões pedagógicas atuais e da própria renovação pedagógica, movimento iniciado no Brasil nos anos 70.

²⁷ Barreiro, Centro Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova.

Segundo DALBEN (2000 b, p. 11):

“Pesquisas diversas têm apresentado considerações relativas ao fato de que as escolas municipais [de Belo Horizonte] registram um grande avanço em relação às discussões pedagógicas, sendo considerada, também, pela atual administração, como uma das redes de ensino pioneiras do movimento de renovação pedagógica, iniciado no Brasil nos anos 70”.

Em fins de 1994 a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte apresentou uma proposição para o ensino da capital, que visava a levar as escolas a atuarem de forma sintonizada com as exigências de uma nova sociedade e a aplicarem as mais novas tendências da educação, e que foi denominada: proposta político-pedagógica Escola Plural²⁸.

Segundo CASTRO (2000, p. 30):

“As reformas educacionais de ensino, as experiências pedagógicas realizadas nas escolas e a tendência sobretudo em atender ao aluno contextualizado numa escola que tem necessidades próprias e específicas, com a construção de um referencial coletivo para a ação pedagógica, por meio de projetos especiais, foram movimentos educacionais precursores da implantação da Escola Plural em 1995”.

A Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte começou a implantar a proposta Escola Plural em suas escolas de ensino fundamental a partir de 1995.

Ao contrário de tantos momentos isolados dedicados à educação na história de municípios, estados e até mesmo do país, a proposta da Escola Plural implantada há 6 anos demonstra certa estabilidade, não só pela permanência no tempo (algo surpreendente uma vez que propostas públicas raramente sobrevivem a mudanças de governo), mas principalmente pelas bases teóricas de sua formulação de acordo com as atuais exigências sociais.

De forma bastante arrojada, a Escola Plural propõe alterações nas

²⁸ Belo Horizonte, juntamente com propostas políticas, organizacionais, curriculares e pedagógicas inovadoras de outras cidades, forneceu subsídios para a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs.

concepções tradicionais do processo de ensino, em favor de uma nova relação dos sujeitos com o conhecimento. Pode, portanto, ser caracterizada como uma verdadeira reforma educacional, que promove alterações na estrutura básica da escola e em todos os elementos e aspectos ligados a ela.

3. 1 A Proposta Político-Pedagógica Escola Plural

Ao se estudar a relação entre professor e biblioteca escolar na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte é necessário compreender melhor o contexto educacional, a prática pedagógica defendida e desenvolvida pela Rede, bem como o papel destinado à biblioteca escolar de acordo com a prática da Escola Plural.

Segundo textos oficiais²⁹ sobre a Escola Plural a proposta, construída coletivamente, visa a orientar as ações da Rede Municipal de Ensino e contribuir para mudanças nas escolas de Belo Horizonte.

Essa proposta demonstra a preocupação com o direito de permanência de crianças, jovens e adultos em uma escola de qualidade, bem como a intenção de redução dos índices de evasão e reprovação, que exigem mudanças profundas na estrutura da escola pública de ensino fundamental.

“A Rede Municipal de Belo Horizonte não pretende aderir a propostas fáceis de promoção automática, rebaixamento das exigências, empobrecimento dos conteúdos para barateamento dos custos da educação popular. Mas também não pretende acomodar-se e esperar que medidas de intervenção pontual alterem em alguns percentuais esses índices. Não há como conviver com os elevados e injustos índices de reprovação-exclusão do povo, em seu direito legítimo à educação. O fracasso escolar dos setores populares rebate em nossa sensibilidade social e profissional, como um desafio a ser enfrentado com maior radicalidade do que foi no passado. A proposta de Escola Plural pretende sintonizar-se com as experiências emergentes na Rede que apontam para um diagnóstico mais global dos problemas e para uma intervenção

²⁹ Produzidos e divulgados pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) É importante ressaltar que ampla literatura foi desenvolvida sob a forma de cadernos denominados “Cadernos Escola Plural” ao longo de todo o tempo de implantação e constante reflexão sobre o assunto. Para efeito das considerações aqui tecidas foi utilizado principalmente o primeiro caderno cuja publicação é de outubro de 1994.

coletiva mais radical: intervir nas estruturas excludentes do sistema escolar e na cultura que legitima essas estruturas excludentes e seletivas” (BELO HORIZONTE, 1994, p. 7)

A Escola Plural propôs-se a reunir, legitimar e difundir experiências pedagógicas inovadoras e articuladoras de focos como: conhecimento, vida social, identidade, diversidade cultural e cidadania, que buscam garantir a construção de uma escola pública de qualidade, nascida da prática desenvolvida nas escolas municipais (CASTRO, 2000, p. 30).

CASTRO (2000, p. 30-31) expressa a seguinte visão sobre a Escola Plural:

“A proposta político-pedagógica ‘Escola Plural’, apresentada em fins de 1994, pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte – SMED – e implantada em 1995, caracteriza-se pela diversidade e pluralidade de ações socioculturais, em torno de um eixo unificador capaz de garantir a todos uma educação pública de qualidade. Dessa maneira, pauta-se na construção de uma nova ordem que se traduz na lógica de uma escola inclusiva”.

O trabalho coordenado e orientado pelo professor Miguel Gonzalez Arroyo, contou com a participação direta de coletivos muito diversos: diretores de educação das nove Administrações Regionais de Belo Horizonte e suas equipes, equipes pedagógicas do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação (CAPE) e da Secretaria Municipal de Educação (SMED), diretores de escola, coordenadores de áreas, professores e professoras, pais e mães, alunos e alunas.

O trabalho devolvido aos profissionais, pais e alunos teve a seguinte lógica:

“1º) recolhe e destaca a pluralidade de experiências emergentes na Rede Municipal;
2º) tenta captar a direção coletiva apontada nessas experiências;
3º) concretiza essa direção coletiva em propostas de intervenção na estrutura do nosso Sistema Escolar” (BELO HORIZONTE, 1994, p. 4)

O projeto começou a ser implantado nas escolas municipais de 1ª a 4ª séries em 1995 e, em caráter experimental, em algumas escolas de 5ª a 8ª séries.

Atualmente estende-se por todas as escolas municipais que atendem ao ensino fundamental.

A proposta político-pedagógica centra-se em quatro núcleos chamados vertebradores, a saber: **Eixos norteadores, Organização do trabalho, Conteúdos e processos, Avaliação na Escola Plural.**

Eixos norteadores – constituem uma tentativa de “sintetizar as direções ou nortes apontados como mais determinantes nas experiências da Rede” (BELO HORIZONTE, 1994, p. 4) e foram assim divididos:

- uma intervenção coletiva mais radical – a Escola Plural propõe interferir na lógica e estrutura do atual sistema escolar, consideradas seletivas e excludentes, a fim de torná-las mais democráticas e igualitárias. Para tanto, propõe também reconhecer e respeitar as diferenças de ritmos de aprendizagem, de classe, de gênero, de raça, de cultura;
- sensibilidade com a totalidade da formação humana – a proposta busca mecanismos para abrir a escola à diversidade da cultura e dos saberes dos alunos. Na Escola Plural “novas dimensões da formação dos profissionais e dos alunos tentam encontrar espaços legítimos nos currículos” (BELO HORIZONTE, 1994, p. 9);
- a escola como tempo de vivência cultural – a Escola Plural parte da idéia de que ocorreu um distanciamento entre as instituições escolares da cultura, de seus processos de produção e manifestação. Aponta-se, pois, para uma escola que multiplique seus tempos culturais. Uma escola que funcione também como espaço cultural da comunidade e articulada com a produção cultural da cidade;

- escola experiência de produção coletiva – ao contrário da escola tradicional que privilegia a transmissão e recepção de informações e saberes, pretende-se que a escola se constitua como centro de formação coletiva, onde profissionais e alunos se afirmam como sujeitos plurais;
- as virtualidades educativas da materialidade da escola – propõe-se uma escola que redefina aspectos significativos da estrutura e organização da escola. Além das condições físicas de infra-estrutura e de trabalho, trata-se de reavaliar e reestruturar também a organização dos tempos, espaços, processos, trabalho, grades, seriações, recorte de horários, hierarquias. As virtualidades estão sobretudo no caráter humanizador das estruturas escolares;
- a vivência de cada idade de formação sem interrupção – ao invés de confirmar a separação entre tempo de formação e tempo de ação, formalizada pela escola tradicional que se mostra como preparadora de indivíduos para outros tempos, investe-se numa escola para a qual a infância ou a vida adulta são tratadas igualmente como idades de formação e de vivência de direitos plenos, respeitando-se assim os direitos da infância;
- socialização adequada a cada idade-ciclo de formação – pretende-se, através da Escola Plural, “reduzir as rupturas nos processos de socialização provocadas pela renovação e conseqüente repetência” (BELO HORIZONTE, 1994, p. 13). Para tanto, aposta-se no “convívio entre sujeitos na mesma idade-ciclo de formação-socialização” (BELO HORIZONTE, 1994, p. 13) sem interrupção;
- nova identidade da escola, nova identidade do seu profissional – a Escola Plural reflete e investe num novo profissional consciente, buscando sua

qualificação e sua vivência como sujeito sócio-cultural.

“Dimensões mais amplas fazem parte do perfil de profissional da educação. Ele se entende sujeito do projeto total da escola e reivindica sua participação qualificada na construção desse projeto total. Ele reivindica mais ser reconhecido como sujeito sócio-cultural, com direito a tempos, espaços e condições de participação na cultura”. (BELO HORIZONTE, 1994, p. 14)

Organização do trabalho - constitui a nova lógica de organização dos tempos dos professores e dos alunos e dos processos cotidianos. Este núcleo re-valoriza as experiências emergentes do dia-a-dia da escola que apontam novas lógicas no ordenamento temporal do trabalho escolar. A Escola Plural propõe alteração na estrutura seriada presente na lógica tradicional de divisões dos alunos através de uma nova lógica dos tempos na escola:

“A estrutura que pretendemos se articula em uma nova concepção de tempo de educação. Não serão os conteúdos o eixo vertebrador da organização dos graus, das séries, grades, avaliações, aprovações ou reprovações. Os educandos passam a ser o eixo vertebrador. Os conteúdos escolares, a distribuição dos tempos e espaços se submetem a um objetivo central mais plural, a formação e vivência sócio-cultural própria de cada idade ou ciclo de formação dos educandos. (...) Conseqüentemente o tempo escolar é organizado em fluxos mais flexíveis, mais longos e mais atentos às múltiplas dimensões da formação dos sujeitos sócio-culturais. (...) Redefine-se a estrutura seriada que é superada na estrutura por ciclos de idades homogêneas de formação, **CICLOS DE FORMAÇÃO**. A organização por ciclos de idade visa a conceder mais tempo para o aprendizado dos alunos, construindo conceitos, valores, etc. Assim, há que se definir para cada Ciclo de Formação o que se deseja construir, quais os componentes cognitivos, afetivos, as vivências e convivências. [...] Respeitando-se assim os ritmos diferenciados e diversos do desenvolvimento dos seres humanos”. (BELO HORIZONTE, 1994, p. 17-18)

Segundo a proposta de organização do ciclo de formação básica (que pode ser entendido como o ensino fundamental) há 3 ciclos de formação:

- Primeiro ciclo => (infância) compreende alunos na faixa etária de 6,7 e 8-9 anos;

- Segundo ciclo => (pré-adolescência) compreende alunos na faixa etária de 9, 10 e 11-12 anos;
- Terceiro ciclo => (adolescência) compreende alunos na faixa etária de 12, 13 e 14-15 anos.

Dentro de cada ciclo de formação há o que poderíamos chamar de subdivisões, organização de grupos por idade, facilitando assim a socialização e a construção de auto-imagens e identidades mais equilibradas. Conforme tais agrupamentos, tem-se:

QUADRO 1 – Ciclos de formação

<i>CICLOS</i>	<i>FAIXA DE DESENVOLVIMENTO</i>	<i>IDADES DE FORMAÇÃO</i>	<i>AGRUPAMENTOS DE TURMAS</i>
1º	INFÂNCIA	6, 7 E 8/9 ANOS	6 – 7 ANOS 7 – 8 ANOS 8 – 9 ANOS
2º	PRÉ-ADOLESCÊNCIA	9, 10 E 11/12 ANOS	9 – 10 ANOS 10 – 11 ANOS 11 – 12 ANOS
3º	ADOLESCÊNCIA	12, 13 E 14/15 ANOS	12 – 13 ANOS 13 – 14 ANOS 14 – 15 ANOS

Fonte: Elaborado com base na proposta político pedagógica Escola Plural

A nova lógica dos tempos na Escola Plural é avaliada por ROCHA (1996, p. 87):

“A reorganização dos tempos escolares, baseada no/a educando/a, propõe quebrar a lógica atual de transmissão e acumulação que pressupõe idades homogêneas de formação e simultaneidade das aprendizagens, trabalhando com tempos predefinidos e prazos cada vez mais curtos. (...) Em cada Ciclo de Formação a organização das turmas/grupos deve garantir que o/ a aluno/ a esteja junto com seus pares de idade”.

A estrutura flexível da Escola Plural permite:

- maior aprofundamento no conhecimento e no desenvolvimento de destrezas,

atitudes e valores;

- uma adequada construção de significados culturais;
- maior e equilibrada integração-socialização entre alunos como sujeitos ativos e solidários da construção de suas identidades;
- e exige a permanência das clássicas áreas curriculares articuladas com tempos de experiências e vivências individuais e coletivas;
- maior respeito às identidades, às diferenças, às condições sócio-culturais superando as velhas lógicas das precedências, dos ritmos e domínios dos meios, dos tempos curtos de aprovação-reprovação;
- superar as injustas interrupções do percurso normal de socialização dos educandos com seus pares. (BELO HORIZONTE, 1994, p. 21)

A reorganização dos tempos dos profissionais é outro ponto abordado na proposta Escola Plural. Conquistas como horário de trabalho coletivo e horário de projetos³⁰ representam avanços da proposta. Segundo ROCHA (1996, p. 87):

“A organização dos tempos das/ os profissionais é fundamental na reorganização do trabalho docente e do processo ensino-aprendizagem, por isso, faz-se necessário a garantia dos direitos e conquistas da categoria, a criação da ‘coordenação pedagógica’, a vinculação de coletivos profissionais para cada Ciclo de Formação, e a criação da figura do/ a professor/ a acompanhante de cada turma.

Para a definição do número de professores/ as nas escolas onde iniciou-se a implantação da Escola Plural, foi estabelecida a proporção de três professores/ as para cada duas turmas, a fim de garantir melhores condições para o trabalho em equipe, o trabalho com grupos maiores de alunos em atividades gerais e melhor atendimento nos momentos adversos de faltas eventuais. Desta forma foram extintas as funções especializadas como Educação Física, Artes, Biblioteca e Eventual. Cada escola, diante dos critérios de reorganização dos tempos escolares estabeleceu sua melhor forma de organização interna. Algumas optaram pela composição em trios, outras quartetos, sextetos, etc. Em cada equipe foi definida a responsabilidade pelas disciplinas antes ministradas pelas professoras especializadas”.

³⁰ Horário - de 3 horas semanais - reservado ao professor para que este se dedique a estudos tanto para reciclagem do conteúdo quanto para procedimentos didáticos.

Conteúdos e processos – constitui uma tentativa de reorientarem o que se ensina e aprende, as concepções e práticas do processo de ensino-aprendizagem, reunindo as concepções e práticas emergentes das escolas (BELO HORIZONTE, 1994, p. 5).

A atual concepção do processo de ensino-aprendizagem adota uma postura transmissiva e acumulativa. Os conteúdos se tornam fins em si mesmos, aos quais educadores e educandos são submetidos de forma passiva e quase aniquiladora. Na proposta plural “aprender deixa de ser um simples ato de memorização ou de acúmulo de informações. E ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos” (BELO HORIZONTE, 1994, p. 29).

Nessa proposta opta-se pelo abandono desse processo massificador e desvinculado do contexto do aluno, em nome do desafio de conjugar o aprender a aprender e o aprender a viver, cabendo à escola criar espaços para troca de experiências, convivência das diferenças, exercício de cidadania, produção de conhecimento, etc. Segundo ROCHA (1996, p. 88):

“O currículo da Escola Plural incorpora um novo conceito de conteúdo escolar que abrange temas do cotidiano como: diversidades radicais, de gênero, de classe, a relação com meio ambiente, etc., e deve ser construído coletivamente, a partir da definição de temas que representem os problemas colocados pela atualidade – os Projetos de Trabalho. Dessa forma, pode-se garantir um conhecimento escolar construído a partir de questões de interesse social e da sua reflexão, tendo como referência o conhecimento cultural acumulado”.

A Escola Plural investe no projeto de formação ativa do educando. Para isso considera como direito à educação também “o direito a aprender de maneira ordenada e sistemática o conjunto de formas básicas e coletivas de agir, de enfrentar problemas, de construir a cidade, de reproduzir a existência, de traduzir a ciência em tecnologia. O direito a saber fazer, a saber conviver” (BELO

HORIZONTE,1994, p. 30). Assim sendo, outros processos são re-valorizados como processos corporais e manuais e processos socializadores. A Escola Plural defende a interferência no currículo tradicionalmente adotado pelas escolas. Questões e problemas enfrentados por homens e mulheres da sociedade contemporânea, bem como questões sobre “o aprendizado e vivência das diversidades de raça, gênero, classe, a relação com o meio ambiente, a vivência equilibrada da afetividade e sexualidade, o respeito à diversidade cultural” (BELO HORIZONTE,1994, p. 31) não podem ser ignoradas pela proposta curricular.

“Pensando em um desenho curricular, o que se busca é o rompimento com um modelo compartimentado em disciplinas isoladas. Onde o conhecimento se apresenta descontextualizado da realidade. A proposta é que este currículo seja construído a partir da definição coletiva dos temas que representem os problemas colocados pela atualidade, não de forma paralela às disciplinas curriculares e sim transversais a elas” (BELO HORIZONTE,1994, p. 32).

Como forma de viabilizar parte das alterações, a Escola Plural pauta-se numa proposta de renovação pedagógica: Projetos de Trabalho. Os projetos de trabalho têm como lógica um trabalho interdisciplinar entre os professores e como eixo a participação dos alunos em seu processo de aprendizagem, produzindo o que possua significado e sentido para eles.

“Os projetos – definidos, construídos e avaliados coletivamente pelo grupo de alunos e professor – se configuram como produto de uma negociação onde se busca satisfazer os interesses individuais e cumprir um fim social. Dá à atividade de aprender um sentido novo, onde as necessidades de aprendizagem afloram nas tentativas de se resolver situações problemáticas. Assim, os educandos sabem o que e para que estão aprendendo. Um projeto gera situações de aprendizagem, ao mesmo tempo, reais e diversificadas. Possibilita, também que os educandos, ao decidirem, opinarem, debaterem, construam sua autonomia e seu compromisso com o social. Nessa perspectiva, o conhecimento escolar é construído a partir do reconhecimento das questões que são de interesse social e da sua reflexão, tendo como referência o conhecimento cultural acumulado, presente nas disciplinas” (BELO HORIZONTE,1994, p. 35).

Avaliação na Escola Plural – vista como uma peça-chave para qualquer proposta escolar inovadora, destaca-se a avaliação como um processo polêmico, onde se concentram inúmeras e corajosas experiências na Rede. “Entendendo a educação como um direito, no projeto da Escola Plural não cabe avaliar para classificar, excluir ou sentenciar, aprovar ou reprovar”. (BELO HORIZONTE, 1994, p. 46)

A avaliação precisa incidir sobre aspectos globais do processo, devendo ser contínua, como um instrumento de monitoramento para todo o processo. “Avalia-se para identificar os problemas e avanços e redimensionar a ação educativa” (BELO HORIZONTE, 1994, p. 46) e todos envolvidos, sujeitos ou parceiros desse processo de ensino-aprendizagem, serão avaliados de forma diferenciada, de acordo com o que está sendo focado por determinada avaliação e o papel de interferência deste ou daquele seguimento.

Assim, os instrumentos da avaliação serão múltiplos e adaptados ao objeto a ser avaliado, abordando o processo e o produto.

Segundo ROCHA (1996, p. 88):

“todos os sujeitos e parceiros do processo – profissionais, alunas/ os, pais, mães, o Conselho Escolar, os agentes do órgão público – participam do processo de avaliação com responsabilidades diferentes conforme o objeto da mesma. Assim, a avaliação terá três momentos chaves: o inicial para o diagnóstico e organização dos/ as alunas/ os de um mesmo Ciclo de Formação em turmas referências; o contínuo para acompanhar o processo, identificando problemas e programando atividades para evitar o acúmulo de dificuldades; e o final, para identificar os avanços e os problemas, constituindo-se em um diagnóstico para organização do próximo Ciclo”.

Em recente processo de avaliação pelo qual a Escola Plural passou, pode-se constatar avanços e entraves, além de grande diversidade entre escolas no tocante ao estágio de implementação da proposta. Há tanto escolas que abraçaram plenamente a proposta, quanto escolas que resistem e/ ou a rejeitam. Em algumas

escolas a proposta é desacreditada, em outras sua implementação demonstra equívocos de interpretação, havendo ainda escolas que permanecem trabalhando nos moldes tradicionais. “O que se pode concluir diante dessa diversidade de situações é que o processo de construção da Escola Plural está se fazendo na própria dinâmica de assimilação de seus princípios”. (DALBEN, 2000 a, p. 59)

Quanto aos professores, não se pode ignorar que a proposta tenha trazido muita insegurança e insatisfação a um grande número de profissionais, embora haja “um número bastante significativo de professores [que] acredita na proposta e se esforça para mudar a prática pedagógica como um todo, apesar das resistências de alguns”. (DALBEN, 2000 a, p. 60)

As percepções dos professores sobre a Escola Plural variam:

“Pode-se identificar que hoje há 3 tipos de grupos de profissionais atuando na escola; aqueles que acreditam na Escola Plural, os que buscam entendê-la para incorporá-la à sua prática e os que não acreditam na proposta” (DALBEN, 2000 a, p. 61).

A Escola Plural, a longo de sua implantação, parece ter provocado polêmica, segundo DALBEN (2000 b, p. 13-14):

“O contexto de implantação foi polêmico, havendo grande número de assembleias e reuniões, realizadas com as diferentes instâncias, objetivando estudar a sua proposta e definir as formas de concretizá-la no dia-a-dia das escolas. As reações foram diversas: resistência, ansiedade, insegurança, envolvimento, empenho e esperanças foram sentimentos comuns entre os profissionais. As justificativas para tais reações oscilaram entre dificuldades para o entendimento da nova concepção de ensino e insegurança quanto à atuação e à situação funcional dos docentes. A comunidade de pais, inicialmente, mostrou-se ora com entusiasmo, ora com descontentamento, mas aos poucos foi se recolhendo na expectativa dos resultados”.

A aprendizagem e a formação do educando na proposta da Escola Plural assumem papel central no processo ensino-aprendizagem, com o objetivo de formação e vivência sociocultural próprias de cada idade. Diferente da lógica do

ensino tradicional – baseada na transmissão/assimilação dos conteúdos curriculares estipulados – a lógica plural aposta numa formação global do sujeito, permitindo que ele, não só assimile o que foi definido de forma ditatorial, mas que construa sua autonomia, sua identidade social com possibilidades de aprendizagem permanente.

É nesse cenário – polêmico e inovador – de revalorização da figura do professor de ensino fundamental e re-interpretação da figura do educando e do próprio processo de ensino-aprendizagem da Escola Plural que se passa a presente pesquisa. É também nesse cenário que há uma interpretação própria do conceito de biblioteca escolar.

3. 2 A biblioteca escolar na Escola Plural

Durante os primeiros momentos de implementação da proposta Escola Plural, a biblioteca foi esquecida. Devido à precariedade de recursos humanos³¹, recursos materiais e até mesmo necessidade de reorganização de espaço físico³², a biblioteca ficou à margem tanto do processo de implantação da nova proposta quanto do desenvolvimento dos projetos pedagógicos de cada escola, chegando em algumas escolas a ser desativada. “O espaço, quando existia era usado como sala de vídeo, de reuniões, de atividades de leitura ou sala de professores. Mas, em 4,1% das escolas, o espaço Biblioteca não existia”. (PIMENTA, AIRES, RIBEIRO, 1998, p. 68)

Como solução para essa situação, suprir as bibliotecas escolares com recursos materiais, pedagógicos e humanos para permitir seu real aproveitamento tornou-se uma das ações estratégicas para também se alcançar o êxito na implantação da Escola Plural.

³¹ A fim de garantir um número maior de profissionais atendendo as turmas, melhores condições para o trabalho em equipe, o trabalho com grupos maiores de alunos em atividades gerais e melhor atendimento nos momentos adversos de faltas eventuais, algumas funções especializadas foram extintas entre elas a biblioteca (ROCHA, 1996, p. 87)

³² “A adequação do espaço físico para a ampliação de ofertas de vagas, em várias escolas significou a redução de espaços próprios para aulas de educação física, salas de artes e biblioteca” (ROCHA, 1996, p. 90)

Dessa forma, a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte elaborou um projeto para interferir na realidade das bibliotecas escolares das escolas municipais denominado: Projeto de Revitalização das Bibliotecas das Escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

3. 2. 1 Projeto de revitalização de bibliotecas escolares

O projeto foi formalmente adotado pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte e incluído entre as sete prioridades da Coordenação Política Pedagógica em 1997.

O Projeto de Revitalização das Bibliotecas das Escolas da Rede Municipal de Ensino surgiu como parte da proposta mais ampla da Escola Plural. E embora sua implantação só se tenha iniciado no terceiro ano da implantação do programa Escola Plural³³, desempenha um importante papel – dinamizar as bibliotecas escolares e integrá-las aos projetos político-pedagógicos das escolas - na execução e na garantia de sucesso do segundo. Pode-se classificar tal participação como sendo estratégica, uma vez que funciona até mesmo como resposta às críticas feitas por professores resistentes à Escola Plural, que identificavam a falta de bibliotecas escolares e de um programa para estas como um fator decisivo para o insucesso do Programa Escola Plural em longo prazo.

O projeto de revitalização teve justificada sua criação após uma pesquisa realizada nas escolas da rede municipal de ensino, em dezembro de 1994, que detectou o quadro desolador em que se encontravam as bibliotecas escolares; também revelou que as mesmas se encontravam à margem do desenvolvimento dos projetos pedagógicos de cada escola, sendo necessária, portanto, uma iniciativa que as envolvessem e permitissem sua re-incorporação à rotina escolar.

³³ O programa de revitalização das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte foi implementado a partir de julho de 1997.

O projeto apontou como objetivo geral a revitalização das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, mediante melhoria do acervo, formação de pessoal, adequação do mobiliário e do espaço físico.

No espaço de uma unidade educacional, a biblioteca assume caráter eminentemente pedagógico, devendo estar integrada ao projeto da escola, possibilitando, assim, a democratização da informação, limitada tradicionalmente ao professor e ao livro didático.

“Inserida no espaço de uma unidade educacional, há que se ressaltar o caráter eminentemente pedagógico da Biblioteca Escolar. Ela deve ser organizada para ajudar os alunos a aprender como usá-la e seu material, como encontrar informações e como estudar, sendo uma iniciação no uso da Biblioteca Pública e uma fonte de experiência e formação para utilizar esse serviço durante toda a vida”. (PIMENTA, AIRES, RIBEIRO, 1998, p. 69)

Como noção orientadora de seus investimentos, o projeto adotou concepção de biblioteca escolar que demonstrasse sintonia com as exigências da sociedade contemporânea e com a proposta Escola Plural. De acordo com esse cenário as bibliotecas escolares devem:

“ser organizadas como centros de informação multimídia e possuir salas conjugadas de acervo bibliográfico e de material especial, sala de recursos audiovisuais, sala de informática, como sugerem as construções mais recentes. O aluno deve ter acesso ao conhecimento, partindo de várias fontes de linguagens, cabendo ao professor participar, como mais uma fonte de conhecimento. A biblioteca possibilita, assim, a democratização da informação, limitada na escola tradicional ao professor e ao livro didático. A biblioteca se situa, pois, no campo do direito à democratização da informação e à apropriação de múltiplas linguagens pelo educando, que deve ser considerado um cidadão pleno de direitos.

O educando deve ter o direito ao acesso a fontes de consulta em múltiplas linguagens, aprender a selecioná-las e a usá-las, visto que não são um fim em si mesmas, mas meio para a aquisição de conhecimento”. (BELO HORIZONTE, 1997, p. 2-3)

A biblioteca, como toda a escola, deverá funcionar como um espaço sociocultural. Diante da meta de trabalho coletivo do corpo docente, da ação interdisciplinar e do enfoque globalizador do ensino – pautada principalmente em

projetos de trabalho – a biblioteca escolar assume nova postura. Nessa abordagem, espera-se muito da biblioteca escolar, porém sempre reconhecendo a necessidade de articulação e colaboração com os professores e de atuação orientada pelo projeto pedagógico da escola.

Inicialmente, o projeto foi concebido com vinte e duas bibliotecas-pólo, entre as 174 bibliotecas escolares, além da biblioteca do professor e atenderia a escolas municipais de ensino fundamental e médio.

Os objetivos específicos do projeto eram:

- criar uma coordenadoria de bibliotecas;
- institucionalizar a biblioteca do professor;
- criar bibliotecas pólo e estender o atendimento dessas bibliotecas à comunidade;
- justificar a contratação de 20 técnicos superiores de ensino (bibliotecários) e 346 auxiliares de biblioteca para as 173 unidades de ensino da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte;
- capacitar os bibliotecários e auxiliares de biblioteca para que possam desenvolver um trabalho na biblioteca, de acordo com o programa de revitalização;
- traçar uma política global de seleção para aquisição do acervo, visando à sua melhoria, em consonância com os projetos pedagógicos escolares e com a Escola Plural, e permitindo o aproveitamento máximo dos recursos disponíveis;
- desenvolver em parceria com o núcleo de informática e PRODABEL, programas que facilitem a busca de informações e viabilizem a integração das Bibliotecas da RMEBH e da Biblioteca do Professor;
- reorganizar o espaço físico das bibliotecas e adequar o mobiliário das bibliotecas.

Como meios para se alcançarem os objetivos, definiram-se dez estratégias de ação, sendo elas:

1. **criação da coordenadoria de bibliotecas**³⁴ – a instituição e implantação da coordenadoria seria um fator essencial para se garantir a realização do processo de revitalização, pois permitiria maximizar a utilização dos recursos e gerenciar ações que aproximem as atuais bibliotecas das idealizadas. Caberia à coordenadoria trabalhar em ações conjuntas para a formação do profissional que atua nas bibliotecas, composição e melhoria do acervo, promoção da leitura e utilização da informática nas escolas da rede municipal. Para tanto, seria composta por quatro subcoordenadorias que deveriam atuar de forma integrada e cooperativa (coordenadoria de formação de pessoal; de programas de leitura; de acervo; de informática);
2. **escolha das bibliotecas pólo** – entre as bibliotecas escolares, vinte e duas foram escolhidas para atuar como bibliotecas-pólo, tendo caráter especial quanto ao público atendido e quanto às ações desenvolvidas. Agregariam em torno de si outras bibliotecas escolares de uma mesma Regional, coordenando seu trabalho e desenvolvendo uma ação de extensão, típica de uma biblioteca pública regional nas comunidades a que estará servindo, em horários estabelecidos pelas escolas. Nelas estariam lotados, além de auxiliares de biblioteca, um bibliotecário. Os critérios para uma biblioteca escolar tornar-se biblioteca-pólo seriam condições de acessibilidade (localização geográfica em relação a outras, localização física da biblioteca na escola, receptividade a outras escolas), condições de infra-estrutura (recursos humanos, espaço físico com possibilidade de expansão, atendimento a diversas faixas etárias e acervo diversificado) e

³⁴ Atualmente a Coordenadoria de Bibliotecas é composta por duas bibliotecárias e um assessor pedagógico.

condições pedagógicas (engajamento no programa Escola Plural). Também caberia à biblioteca-pólo centralizar o acervo voltado para professores daquela região, o intercâmbio de acervo entre as bibliotecas escolares sob sua responsabilidade com outras bibliotecas-pólo, com a biblioteca do professor e outras bibliotecas de outras redes e universidades, bem como a distribuição do acervo, quando for o caso, para as outras bibliotecas escolares. Nesse sentido a biblioteca-pólo seria o modelo de crescimento para as outras, possuindo certos privilégios no atendimento de suas necessidades;

3. **recrutamento de pessoal** – seriam admitidos 20 técnicos superiores de ensino (bibliotecários) e 346 auxiliares de biblioteca aprovados em concurso público;
4. **orientação aos bibliotecários e auxiliares de bibliotecas contratados** – segundo o projeto, essa ação se daria através da realização de um curso introdutório de vinte horas, com o objetivo de integrar os novos profissionais ao projeto político pedagógico da Secretaria Municipal de Educação (SMED) e dar noções básicas das atividades que iriam exercer na primeira etapa do trabalho;
5. **levantamento da situação das bibliotecas escolares** – consistiria no encaminhamento dos bibliotecários e auxiliares de biblioteca às escolas para levantamento de dados relativos a realidade das bibliotecas, a fim de que tais dados pudessem nortear a elaboração do projeto pedagógico de cada biblioteca pelos bibliotecário e auxiliares de biblioteca;
6. **formação técnico-pedagógica dos bibliotecários e auxiliares de biblioteca** – a formação desses profissionais seria em serviço, e haveria um projeto posterior de cursos, em parceria com o CAPE, Escola de Ciência da Informação da UFMG e Secretaria Municipal de Cultura;
7. **acompanhamento periódico dos trabalhos realizados pelos bibliotecários e**

- auxiliares de biblioteca** – esse acompanhamento se daria através da realização de reuniões periódicas da Coordenadoria de Bibliotecas com: 1) bibliotecários das bibliotecas pólo e 2) bibliotecários e auxiliares de biblioteca;
8. **reestruturação do espaço físico das bibliotecas escolares** – as escolas municipais construídas recentemente já contam com espaço conjugado: sala de acervo bibliográfico e de pesquisa, sala de informática e sala de vídeo, mas a grande maioria não contava com este espaço, devendo adequá-lo, dentro das suas possibilidades; o mobiliário deveria corresponder às necessidades funcionais da biblioteca e do público a que atende;
9. **extensão do atendimento das bibliotecas pólo à comunidade** – a biblioteca pólo com acervo maior e mais diversificado deveria atender à comunidade em horários estabelecidos pela Coordenadoria de bibliotecas, no prazo de dois anos;
10. **melhoria do acervo das bibliotecas escolares** – essa ação contaria com as seguintes estratégias: levantamento bibliográfico realizado pela coordenadoria de acervo em parceria com o Cape e a biblioteca do professor e estabelecimento e liberação de uma verba referência de R\$ 300,00 mensais para cada biblioteca escolar para compra de material bibliográfico.

Após a implementação do programa de revitalização, este passou a contar com acompanhamento periódico da Coordenadoria de Bibliotecas e vem passando por mudanças que em sua maioria significam grandes avanços para continuidade.

É nesse cenário de investimentos na biblioteca escolar que se torna ainda mais relevante investigação acerca do estágio atual de interação entre o professor de ensino fundamental – que vem sendo estimulado a se qualificar e aperfeiçoar sua prática educacional – e a biblioteca escolar.

4 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa procurou criar caminhos para identificar o atual estágio de interação entre professor e biblioteca escolar na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Para a execução da pesquisa utilizou-se de um estudo do tipo *survey*³⁵ a fim de permitir o mapeamento da realidade. O *survey* possibilitou, dentre outros itens, conhecer, de forma generalizada, o uso feito pelos professores da biblioteca e a noção que possuem sobre a biblioteca escolar.

A proposta de investigação incluiu o universo de professores que atuam no ensino fundamental em qualquer dos três ciclos de formação. Essa escolha deve-se a três fatos:

- a) a implementação do projeto de revitalização das bibliotecas congregou primeiramente apenas as escolas de 1º, 2º, 3º ciclos e ensino médio, deixando de lado, nesse momento, a educação infantil e a educação especial;
- b) nos primeiros momentos de implementação da Escola Plural, concentraram-se esforços nas escolas de ensino fundamental, deixando de lado as de ensino médio, educação infantil e especial, educação de jovens e adultos;
- c) na literatura encontram-se autores afirmando que os professores que atuam no ensino fundamental não freqüentam a biblioteca escolar, fato que se deve muitas vezes ao pouco ou nenhum contato com uma biblioteca durante sua formação (ANTUNES, 1987). Ao mesmo tempo, ressalta-se que esse contato é no mínimo desejável, uma vez que esses professores atuam nos primeiros anos de escolarização do cidadão, período em que alguns hábitos se formam (POLKE, 1973) e entre eles pode-se incluir o hábito de usar a biblioteca.

³⁵ Segundo BABBIE, “Métodos *survey* são usados para estudar um segmento ou parcela – uma amostra – de uma população, para fazer estimativas sobre a natureza da população total da qual a amostra foi selecionada.”

A amostra de 500 professores do ensino fundamental foi extraída de um universo de 5.778 profissionais, dado coletado junto ao Departamento de Organização Escolar da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em maio de 2000. Foi feita uma distribuição aleatória considerando-se as seguintes variáveis:

- geográfica (incluindo o total de nove regionais respeitando-se o número de escolas de cada uma) ;
- por ciclo (incluindo todos os ciclos de formação).

A variável “disciplina” mostrou-se irrelevante por se tratar de professores que, pela própria filosofia da Escola Plural, trabalham por projetos desenvolvendo conteúdos de várias disciplinas.

Foram elaborados dois instrumentos de coleta de dados: questionário e entrevista que permitiram o levantamento de dados quantitativos e qualitativos.

Primeiramente, os dados foram coletados pelo questionário (ANEXO A), composto por questões abertas e fechadas e, construído de forma a coletar informações que permitissem caracterizar 4 tópicos específicos:

- o perfil do professor;
- o uso feito pelo professor da biblioteca escolar;
- a atuação da biblioteca escolar;
- a noção de biblioteca escolar do professor.

As questões relativas ao perfil procuraram identificar as principais características dos entrevistados, dentre as quais: grau de escolaridade, disciplina lecionada, tempo de exercício de magistério, tempo de exercício do magistério na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, etc.

As perguntas sobre o uso procuraram identificar as formas de obtenção de

informação utilizadas pelos professores, bem como a biblioteca escolar como fonte de informação. Para tanto, elaboraram-se perguntas sobre os ambientes de informação mais utilizados pelos professores quando buscavam informações diversas. Através do levantamento do grau de frequência à biblioteca, da finalidade de uso e do conhecimento expresso sobre a biblioteca também foi possível identificar e caracterizar o uso feito.

No tópico “atuação da biblioteca” escolar procurou-se confirmar se o professor realmente conhecia e usava a biblioteca escolar.

A “noção de biblioteca escolar” pôde ser extraída principalmente através das questões sobre a importância atribuída pelo professor à biblioteca e sobre a expectativa quanto à atuação da mesma.

Na estruturação do questionário optou-se pela intercalação das perguntas que caracterizariam os tópicos já citados, sem clara divisão entre eles. A intercalação visou a confirmar as informações dadas, além de minimizar a recorrência a perguntas imediatamente próximas como recurso para algumas respostas.

Para validação do questionário procedeu-se a um pré-teste respondido por 5 professores pertencentes ao universo da pesquisa, mas excluídos da amostra. O pré-teste serviu para confirmar a estrutura básica do questionário e também revelar alguns problemas. Entre eles, a necessidade de melhor explicitar certas perguntas, ampliar opções de respostas em duas questões e aumentar o espaço reservado para uma das respostas. Após as alterações necessárias procedeu-se à aplicação do questionário.

Os questionários foram distribuídos entre professores que concordaram em participar da pesquisa. Não houve qualquer tipo de monitoramento durante o preenchimento ou mesmo a devolução, fato que pode ter concorrido para a baixa

taxa de devolução.

Devido ao baixo retorno dos questionários ao final de 2 (dois) meses e meio e a fim de garantir a confiabilidade dos dados, enriquecer a pesquisa e permitir análise mais aprofundada desses, optou-se por utilizar outro instrumento de coleta de dados: a entrevista gravada.

O exame dos questionários permitiu que se levantassem novas questões que foram incorporadas ao roteiro elaborado para a entrevista (ANEXO B). Neste, procurou-se aprofundar aspectos da relação do professor com a biblioteca, principalmente: a existência e o tipo de contato anterior mantido pelo professor com outras bibliotecas; a percepção de mudança na atuação da biblioteca escolar após o programa de revitalização de bibliotecas escolares; a ocorrência de tratamento específico destinado à integração da biblioteca escolar à prática pedagógica do professor durante sua formação profissional; maior detalhamento sobre o contato com a biblioteca escolar na última unidade de estudo desenvolvida ou simplesmente sobre o último contato com a biblioteca escolar.

As entrevistas também contemplaram todas as regionais, todos os ciclos e as principais disciplinas lecionadas na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Para cada regional sorteada um ciclo e/ou disciplina também foi sorteado, conforme mostra o quadro abaixo.

QUADRO 2: Distribuição do ciclo/ disciplina por regional

REGIONAL	CICLO/ DISCIPLINA
Centro Sul	2º ciclo (1)
Nordeste	2º ciclo (2)
Noroeste	3º ciclo/ Língua Estrangeira (3)
Pampulha	3º ciclo/ Matemática (4)
Venda Nova	3º ciclo/ História (5)
Barreiro	3º ciclo/ Português (6)
Oeste	3º ciclo/ Ciências (7)
Norte	3º ciclo/ Geografia (8)
Leste	1º ciclo (9)

Nota: o número entre parênteses após o ciclo/ disciplina é utilizado para indicar a entrevista da qual foi retirada determinada postura ou fala.

A partir da listagem contendo das escolas de cada Regional, foram escolhidas aleatoriamente as escolas das quais se selecionaram os entrevistados. As entrevistas foram feitas com os professores que se interessaram em participar e tinham disponibilidade para tal. Elas aconteceram nas escolas onde trabalhavam, evitando que fossem realizadas na biblioteca.

Os dados coletados na entrevista – de forma semelhante aos dados obtidos pelos questionários – foram organizados de forma a permitir a constatação do perfil da amostra, o uso feito da biblioteca, a atuação da biblioteca escolar e a identificação da noção de biblioteca escolar dos professores de ensino fundamental.

O confronto entre os dados coletados e informações encontradas na literatura forneceu o embasamento necessário para a análise que será apresentada no capítulo a seguir.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo são apresentados separadamente os dados obtidos através do questionário e da entrevista. Os dados foram organizados nos seguintes tópicos:

- perfil da amostra;
- uso da biblioteca escolar;
- atuação da biblioteca escolar;
- noção de biblioteca escolar dos professores.

A análise conjunta dos dados segue a apresentação.

5. 1 O questionário

Dos 500 questionários distribuídos apenas 140 retornaram o que representa menos que 25,00% de retorno. A baixa taxa de resposta não pode ser ignorada; ela pode atuar como um indicativo para algumas hipóteses entre as quais:

- a reação desinteressada frente ao assunto do qual este questionário tratava
- a biblioteca escolar;
- a rejeição dos interrogados frente ao instrumento de coleta de dados utilizado – questionário³⁶;
- o não monitoramento e controle entre os momentos de entrega e preenchimento do questionário acarretam problemas na devolução.

5. 1. 1 Perfil da amostra

Conforme pode ser visto na TAB. 2, dos 140 professores que responderam aos questionários apenas cinco possuem somente formação de nível médio. A maioria dos respondentes, ou seja, 95,00% dos professores, possuem ensino superior (79 ocorrências, 56,42%) ou especialização (54 ocorrências, 38,57%) e dois não indicaram a escolaridade. Esse resultado pressupõe contato anterior da maioria

³⁶ O questionário nem sempre suscita interesse naquele que irá respondê-lo o que também não garante que seja devolvido.

dos professores com bibliotecas, mesmo que apenas as universitárias.

Com relação ao tempo de exercício do magistério, os questionários respondidos refletem a existência de profissionais experientes. Apenas 20,71% de professores respondentes têm menos de 10 anos de exercício da profissão e 78,56% possuem entre 10 e 30 anos de exercício do magistério.

Quanto ao tempo de exercício do magistério na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, 80,00% do total de professores trabalha há mais de cinco anos na Rede (32,85% trabalham até 10 anos; 22,85% até 15 anos; 9,28% até 20 anos; 10,00% até 25 anos e 5,00% mais de 25 anos). A maioria dos professores acompanharam, portanto, o período de transição e implantação tanto da Escola Plural quanto do Programa de Revitalização de Bibliotecas e têm a experiência de trabalharem com e sem a possibilidade de apoio da biblioteca escolar. Apenas 19,28% estão trabalhando há cinco ou menos de cinco anos.

É expressiva a quantidade de professores que responderam trabalhar em mais de uma escola ou em mais de um turno, 67,14% do total; 29,28% dos professores não trabalhavam em outra escola ou turno e 3,57% não responderam. A grande ocorrência de professores que trabalhavam em outro turno ou escola pode esclarecer o fato de que apesar de afirmarem freqüentar a biblioteca, vários professores se queixam da falta de tempo para freqüentar ainda mais a biblioteca e, conseqüentemente, melhor conhecer e usufruir de seus recursos.

Quanto ao ciclo em que atuam, há a seguinte divisão³⁷:

- no primeiro ciclo atuam 36,42% dos professores;
- no segundo ciclo atuam 52,85% dos professores;
- no terceiro ciclo atuam 38,57% dos professores;

³⁷ Os professores podem atuar em mais de um ciclo.

- na suplência atuam 5,71% dos professores.

Dentre os professores que responderam ao questionário, encontram-se profissionais atuando nas diversas áreas do conhecimento como pode ser visto na TAB. 1.

Tabela 1: Disciplinas lecionadas

<i>Disciplina</i>	<i>Português</i>	<i>História</i>	<i>Geografia</i>	<i>Ed.Física</i>	<i>Matemática</i>	<i>Ciências</i>	<i>Artes</i>	<i>Lín. Estr.</i>
Nº de professores	63	50	43	20	51	38	21	2

Nota: Os professores assinalaram mais de uma opção.

Tabela 2: Perfil da amostra

Grau de escolaridade									
Nível médio		Nível superior		Especialização		Não responderam		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
5	3,57%	79	56,42%	54	38,57%	2	1,42%	140	100,00%
Tempo de exercício do magistério									
Até 10 anos		De 10 a 20 anos		De 20 a 30 anos		Não responderam		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
29	20,71%	72	51,42%	38	27,14%	1	0,71%	140	100,00%
Tempo de atuação na RMEBH									
Até 10 anos		De 10 a 20 anos		De 20 a 30 anos		Não responderam		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
73	52,14%	45	32,14%	21	15,00%	1	0,71%	140	100,00%
Professores que trabalham em outra escola ou turno									
Sim		Não		Não responderam		Total			
Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%	Qtde	%		
94	67,14%	41	29,28%	5	3,57%	140	100,00%		

5. 1. 2 Uso da biblioteca escolar

De modo geral, os professores afirmaram conhecer (98,57%) e freqüentar (94,28%) a biblioteca da escola mesmo que grande parte deles trabalhe em outra escola ou turno.

Como o uso da biblioteca escolar pressupõe seu conhecimento, uma vez que os professores afirmaram freqüentar a biblioteca, era de se esperar que eles conseguissem assinalar os serviços oferecidos pela biblioteca, o que de fato ocorreu. Pode-se também constatar que há o uso efetivo da biblioteca escolar, uma vez que os professores indicaram os materiais que realmente fazem parte do acervo.

O espaço ocupado pela biblioteca escolar na rotina do professor pode ser observado através de sua posição no momento em que este precisa buscar informações. (TAB. 3)

Para solucionar dúvidas de caráter geral 71,42% dos professores afirmaram que buscam informações na biblioteca da escola, sendo este o segundo item mais citado, seguido apenas pela opção “em sua casa” (77,14%). Em terceiro lugar os professores recorrem a amigos ou colegas (51,42%).

Para ajudar a preparar suas aulas ou resolver dúvidas de caráter pedagógico, a maioria dos professores (94,28%) busca informações em seus próprios materiais didáticos, a biblioteca escolar ocupa a segunda colocação com 98 citações (70,00%), a terceira fonte de recorrência são os colegas (45,71%).

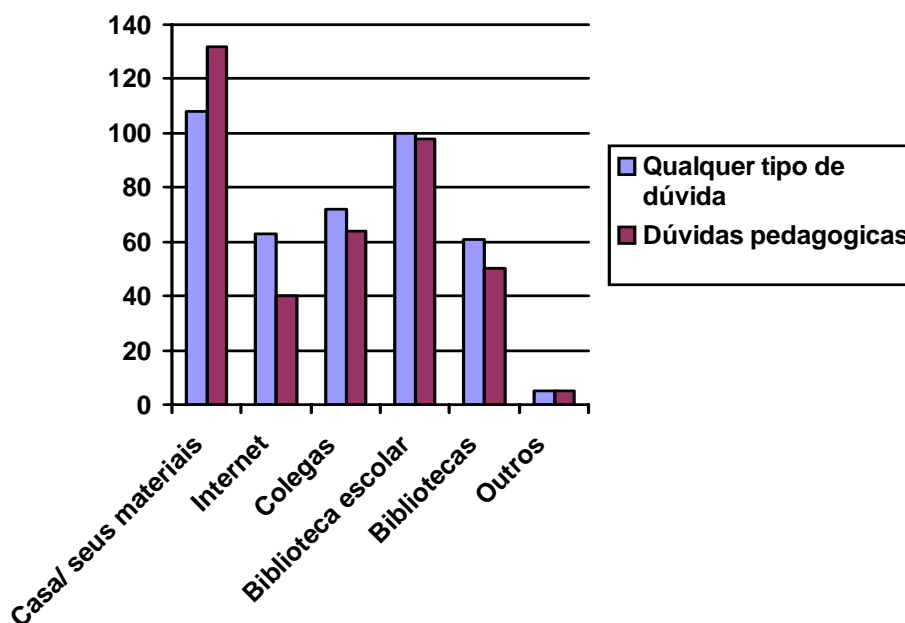
Embora a biblioteca não esteja em primeiro lugar em nenhuma das situações propostas, ela aparece bem colocada, sendo realmente uma opção para o professor.

Tabela 3: Onde os professores buscam informação

Opções	<i>Dúvidas de caráter geral</i>		<i>Dúvidas ligadas às suas aulas</i>	
	N	%	N	%
Casa/ seus materiais	108	77,14%	132	94,28%

Internet	63	45,00%	40	28,57%
Colegas	72	51,42%	64	45,71%
Biblioteca escolar	100	71,42%	98	70,00%
Outras bibliotecas	61	43,57%	50	35,71%
Outros	0	0%	0	0%

Gráfico 1: Onde o professor busca informação



Observa-se que a internet ainda não representa uma fonte amplamente utilizada em nenhum dos itens referentes a ambientes onde o professor busca informação. Este fato pode indicar que os professores ainda não estão familiarizados com este novo recurso tecnológico e por isso não o incorporaram à sua rotina; resta saber se eles a utilizariam mais caso a biblioteca escolar a colocasse à sua disposição.

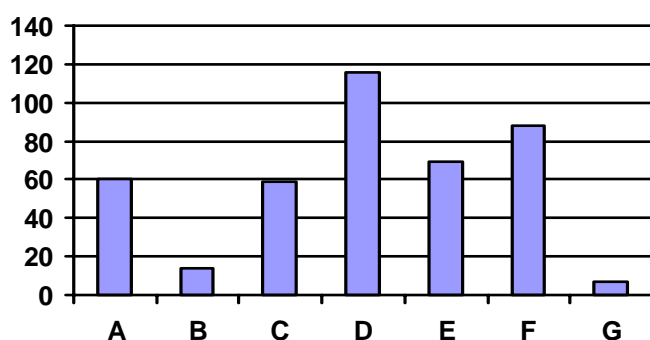
As finalidades mais citadas pelos professores para procurarem e usarem a biblioteca escolar foram:

- Selecionar material para suas aulas ou para seus alunos;
- Sanar dúvidas ocasionais;
- Empréstimo de livros de literatura;

Tabela 4: Finalidade de uso da biblioteca escolar

Opções	Dúvidas de caráter geral	
	N	%
Selecionar materiais para seus alunos/ aulas	116	82,85%
Sanar dúvidas ocasionais	88	62,85%
Empréstimos de livros de literatura	69	49,28%
Sempre que desenvolve um novo projeto	59	42,14%
Fazer pesquisas para outras pessoas	14	10,00%
Folhear livros, revistas, dicionários, etc.	60	42,85%
Outros	7	5,00%

Gráfico 2: Finalidade de uso da biblioteca escolar



A = folhear livros, revistas, dicionários, etc
B = fazer pesquisas para outras pessoas
C = sempre que desenvolve um novo projeto
D = selecionar material para suas aulas ou para seus alunos
E = pegar livros de literatura
F = sanar dúvidas ocasionais
G = outros

Embora “selecionar material para suas aulas ou para seus alunos” ocupe a primeira colocação, essa opção isoladamente não reflete que haja uma integração entre a biblioteca e o professor. Talvez a melhor opção para interpretar esse *ranking* seja que o professor apresenta-se consciente da necessidade de usar a biblioteca como um dos recursos disponíveis para apoiar sua prática de ensino. Porém o fato de apenas 42,14% dos professores indicarem que procuram a biblioteca sempre que desenvolvem um novo projeto pode significar que ainda não reconhecem a biblioteca como um centro educativo de informações capaz de subsidiar todo o processo de ensino, inclusive participando do desenvolvimento de seus projetos ou que a biblioteca ainda não possua material adequado.

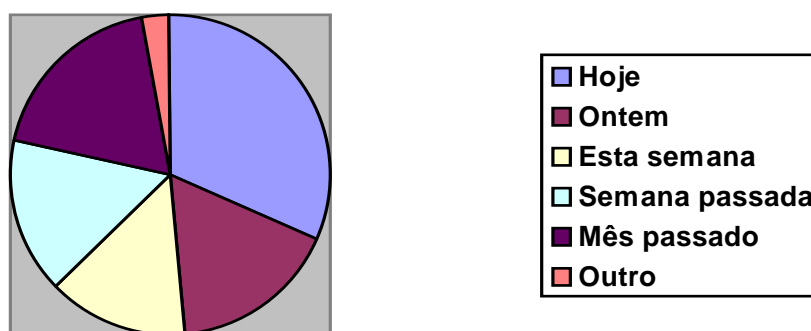
Dessa maneira, os professores demonstram que ainda não incorporaram a biblioteca escolar em sua prática de ensino e, conseqüentemente, ainda não existe uma integração de fato. Existe, sim, o uso da biblioteca escolar, uso esperado uma vez que o seu alto grau de escolaridade pressupõe que os professores respondentes tenham usufruído dos serviços de bibliotecas quando de sua formação superior. Portanto, teriam desenvolvido o hábito, bem como aprendido a recorrer a essa instituição. Essa também seria uma possível justificativa para que mais de 80% da amostra se considerassem aptos a utilizar a biblioteca escolar, sem a necessidade de orientação.

Os resultados (TAB. 5) mostram que os professores têm ido a biblioteca, recentemente: 87 indicaram ter ido a biblioteca durante a semana em que responderam ao questionário (44 foram no dia em que responderam ao questionário; 23 teriam ido no dia anterior; 20 durante a semana), contra 52 que teriam ido há mais de uma semana (22 foram na semana anterior; 26 foram no mês anterior; 4 foram em outro intervalo, sendo que 1 desses chamou a atenção por ter acontecido no ano anterior ao da aplicação do questionário).

Tabela 5: Última ida dos professores à biblioteca

<i>Opções</i>	N	%
Hoje	44	31,42%
Ontem	23	16,42%
Esta semana	20	14,28%
Semana passada	22	15,71%
Mês passado	26	18,57%
Outro	4	2,85%
Não respondeu	1	0,71%
Total	140	100,00%

Gráfico 3: Última ida dos professores à biblioteca



O tempo gasto a cada ida à biblioteca oscilou entre menos de meia hora (com 57 ocorrências) e mais de meia hora (66 ocorrências). Esse intervalo de tempo equilibra-se com a duração do recreio (menos de meia hora) e a duração dos módulos destinados a projetos (3 horas semanais). Dado que os professores se aproveitam dos horários de recreio e de projeto para freqüentarem a biblioteca escolar, se algum desses horários não for resguardado, fatalmente a freqüência ficará comprometida. Isso pode acontecer se a biblioteca escolar por algum motivo deixar de funcionar durante o momento do recreio ou ainda se o professor não mais tiver garantido seu horário de projeto.

Os professores consideram que a biblioteca tem atendido às suas necessidades (76 sim; 60 às vezes; quatro não). Os quatro professores que não consideram que a biblioteca escolar atendia suas necessidades, apontaram como causas para isso o acervo desatualizado ou insuficiente (três ocorrências) e o horário de funcionamento (uma ocorrência).

Gráfico 4: Atendimento da biblioteca às necessidades dos professores

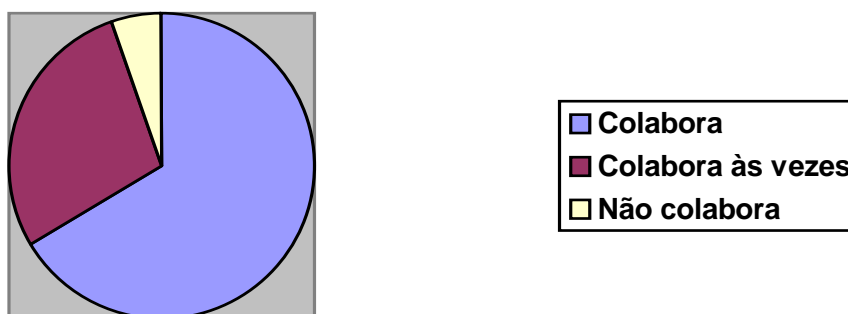


Segundo a resposta dos professores, a biblioteca escolar tem colaborado no desenvolvimento de seus projetos (89 sim; 38 às vezes; sete não). Dos sete professores que afirmaram que a biblioteca não colabora no desenvolvimento de seus projetos pedagógicos, quatro acreditam que ela poderia colaborar principalmente aumentando e atualizando seu acervo, além de estender o horário de atendimento. Três professores que indicaram que a biblioteca não poderia auxiliá-los não indicaram o que poderia ou precisaria ser feito para alterar tal realidade.

No que se refere ao atendimento e colaboração da biblioteca, percebe-se que o professor se coloca como usuário de um serviço que por vezes não corresponde a sua expectativa, principalmente no tocante ao acervo disponível. A crítica, ao passo que pode significar um conhecimento da realidade, também denuncia que os professores não atuam na tentativa de mudar essa realidade. A idéia de união de forças (biblioteca e professores) para se conquistar melhor infra-estrutura para a

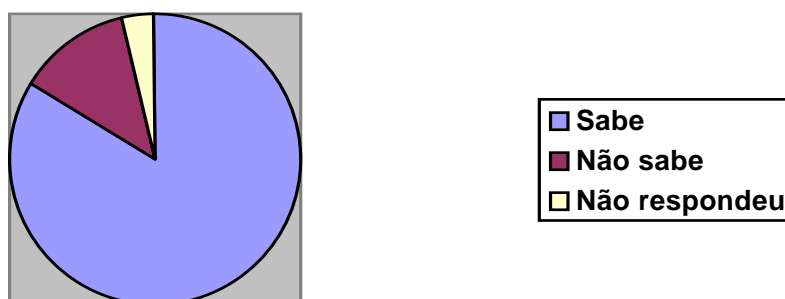
biblioteca escolar ainda não foi colocada em prática, fato que pode comprometer a integração e a interação entre essas forças.

Gráfico 5: Colaboração da biblioteca nos projetos pedagógicos desenvolvidos pelos professores



A maioria dos professores considera saber o suficiente sobre a biblioteca para utilizá-la a contento. Aqueles que pensam não saber o suficiente não se reportam à própria formação como causa para este desconhecimento e, em geral, desejariam saber mais sobre a constituição do acervo e como localizar determinados assuntos. Esses depoimentos parecem demonstrar que o maior problema para o uso é a forma como a biblioteca em questão se mostra organizada para seus usuários.

Gráfico 6: Conhecimento para utilizar a biblioteca por parte dos professores



Nos itens referentes ao estímulo ou à recomendação por parte do professor para que seus alunos freqüentassem a biblioteca escolar e a observação de

diferenças no aproveitamento daqueles alunos que utilizavam a biblioteca, foram dadas as seguintes respostas:

- a maioria (92,85%) afirmou estimular ou recomendar o uso da biblioteca pelos alunos (130 marcaram sim, 04 marcaram não, 06 não responderam).

- 89,28% perceberam alguma diferença no aproveitamento daqueles alunos que utilizavam a biblioteca (125 marcaram sim, 07 marcaram não, 08 não responderam).

Uma relação interessante a ser feita é que dos 130 professores que afirmaram estimular o uso, cinco afirmaram não perceber qualquer diferença no aproveitamento de seus alunos, sendo que desses, dois justificaram que mesmo estimulados, os alunos utilizavam pouco a biblioteca. Outros dois professores não responderam se notavam diferença, sendo que um deles justificou que mesmo estimulando, geralmente os alunos não utilizam a biblioteca.

Dos quatro professores que não estimulavam, dois também não notavam diferença no aproveitamento de seus alunos, os outros dois não responderam. Dos seis professores que não responderam se estimulavam, dois perceberam diferença no aproveitamento dos alunos que freqüentavam a biblioteca, os outros quatro nada responderam. Resta a questão para esses dois: uma vez que percebem por que não estimulam?

A contar pela maioria que diz estimular e reconhecer diferenças no aproveitamento, pode-se perceber que para um ensino de melhor qualidade e melhor eficiência é importante o uso da biblioteca.

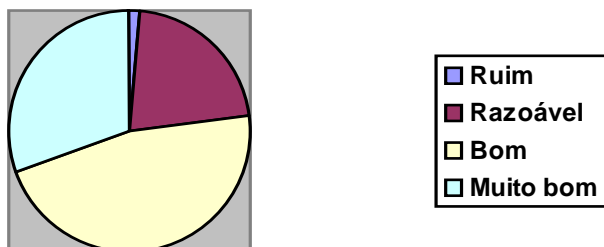
Os professores declararam sentirem-se bem na biblioteca escolar. As justificativas mais comuns apresentadas são: o bom atendimento prestado; por se tratar de espaço agradável e tranquilo; por gostarem de livros ou de ler.

Dentre os possíveis problemas identificados na biblioteca o mais apontado diz respeito ao espaço inadequado para comportar acervo e/ou usuários. Apenas um professor citou como problema a não existência de projetos da biblioteca integrados com os professores.

5. 1. 3 Atuação da biblioteca escolar

Os professores classificaram a atuação da biblioteca como boa (44,28%) ou muito boa (29,28%). Apenas 1,42% dos entrevistados apontaram como ruim e 20,71% como razoável. 4,28% dos professores não responderam a questão.

Gráfico 7: Classificação do desempenho da biblioteca



Quanto a perceber algum problema na atuação da biblioteca, 72,14% dos professores assinalaram que sim. Os itens mais citados foram em ordem decrescente: espaço (49,28%); horário (29,28%); acervo (20,71%).

57,14% dos professores indicaram desejar que outros serviços fossem oferecidos pela biblioteca escolar. Entre os serviços desejados encontram-se acesso à Internet, contação de histórias, apresentação teatral e atividades planejadas para crianças.

95,71% dos professores afirmaram existir um profissional atuando na biblioteca da escola em que trabalham, 0,71% que não e 3,57% não responderam.

Quando questionados sobre o desempenho do profissional que atua na biblioteca, a maioria assinalou positivamente (84,28%). Apenas 7,85% dos professores assinalaram que não e também 7,85% não responderam.

5. 1. 4 A noção de biblioteca escolar dos professores

Todos os professores, ou seja, 100%, consideraram importante a existência de biblioteca na escola. Dentre as justificativas mencionadas encontram-se a ligação existente entre esta e a comunidade em que se localiza e a necessidade de suprir a carência de informação dessa comunidade. A importância da biblioteca escolar é relacionada à sua função de fonte de informação (dar suporte à pesquisa escolar) para alunos e professores, mas principalmente à sua função de incentivo ao hábito

de leitura nos alunos.

No segundo momento em que os professores são chamados a expressar a noção que têm sobre o que uma biblioteca escolar deveria ser e oferecer, aparece uma biblioteca escolar com contornos bem mais amplos para sua atuação. Espera-se dessa biblioteca escolar um acervo rico e diversificado, espera-se que ela funcione como um centro de cultura dentro da escola. Nesse segundo momento, a biblioteca escolar não se limita a atender pesquisas, ela deve ser um ambiente acolhedor que promova o lazer, a integração social, além de estar envolvida em projetos da escola e desenvolver projetos que envolvam a escola. Suas características de local de leitura e pesquisa são preservadas e acrescidas de outras.

Diante das possibilidades que uma biblioteca escolar tem a oferecer, 96 professores (68,57%) afirmaram não se considerarem preparados para usufruir desta, principalmente no que se refere aos avançados recursos tecnológicos que precisam ser oferecidos. Ou seja, os professores sentem-se preparados para usufruir dos serviços da biblioteca escolar, como estes são oferecidos atualmente, sem contar com recursos sofisticados de informação.

O fato de todos os professores considerarem importante a existência de biblioteca na escola reflete o grau de consciência desses profissionais. Entretanto a noção expressa por eles sobre o porquê dessa importância mostra que ainda estão presos a concepções tradicionais de biblioteca com atuação limitada a incentivar o hábito de leitura ou atender pesquisas.

Várias das noções sobre biblioteca escolar apresentadas pelos professores pareceram ser originadas do próprio questionário, indicando que houve uma re-elaboração da noção de biblioteca escolar e que, de alguma forma, o questionário

permitiu uma reflexão, atingiu e alterou algumas estruturas mentais dos pesquisados, mesmo que apenas momentaneamente.

Outro ponto a ser considerado é que as expectativas acerca da biblioteca escolar expressas pelos professores estavam em consonância com a expectativa de atuação de uma biblioteca escolar na Escola Plural, defendida pelo programa de revitalização de bibliotecas escolares.

Contudo, é no penúltimo campo do questionário que se encontram os maiores indícios da pouca relação existente atualmente entre professor e biblioteca escolar. Nesse campo, em que os professores foram chamados a relatar a última experiência ou contato que tiveram com a biblioteca, poucos foram os que se manifestaram. Não se sabe se por falta do que dizer, principalmente devido à ausência de envolvimento mais sólidos e sistematizados com a biblioteca escolar; ou por demandar a questão maior esforço de escrita.

5. 2 A entrevista

5. 2. 1 Perfil dos entrevistados

A amostra da entrevista foi composta por 10 professores e procurou contemplar primeiramente representantes das nove administrações regionais. Em segundo lugar, preocupou-se em incluir representantes dos três ciclos e de sete disciplinas que se julgou terem maiores possibilidades de ligação com a biblioteca, ou seja, Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Língua Estrangeira, Artes. Não foi contemplada a disciplina Educação Física. Dentro dessa meta tem-se:

- três professores que atuam no 1º ciclo;
- três no 2º ciclo;
- seis no 3º ciclo.

Dos 10 professores dois atuam em mais de um ciclo.

Conforme pode ser visto na TAB. 6, todos os entrevistados possuem curso superior, sendo que dois têm mestrado. Esse dado permite supor o uso anterior de biblioteca mesmo que apenas da biblioteca universitária. O tempo de exercício do magistério entre os entrevistados varia entre 7 a 27 anos, o que caracteriza professores com experiência na profissão. Na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, esse tempo varia entre 3 a 25 anos, sendo que 90% dos entrevistados presenciaram a implantação tanto da proposta “Escola Plural” quanto do “Programa de Revitalização das Bibliotecas das Escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte”.

Do total de 10 entrevistados oito trabalhavam em mais de um turno ou escola.

Tabela 6: Perfil dos entrevistados

Grau de escolaridade							
Nível médio		Nível superior		Mestrado		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%
0	0%	8	80%	2	20%	10	100%

Tempo de exercício do magistério							
Até 10 anos		De 10 a 20 anos		De 20 a 30 anos		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%
3	30%	3	30%	4	40%	10	100%

Tempo de atuação na Rede Municipal de Ensino de B.H.							
Até 10 anos		De 10 a 20 anos		De 20 a 30 anos		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%
4	40%	4	40%	2	20%	10	100%

Professores que trabalham em outra escola ou turno					
Sim		Não		Total	
N	%	N	%	N	%
8	80%	2	20%	10	100%

5. 2. 2 Uso da biblioteca escolar

Todos os entrevistados afirmaram conhecer e freqüentar a biblioteca escolar, o que pôde ser verificado pela facilidade com que citaram os serviços oferecidos e os materiais presentes no acervo.

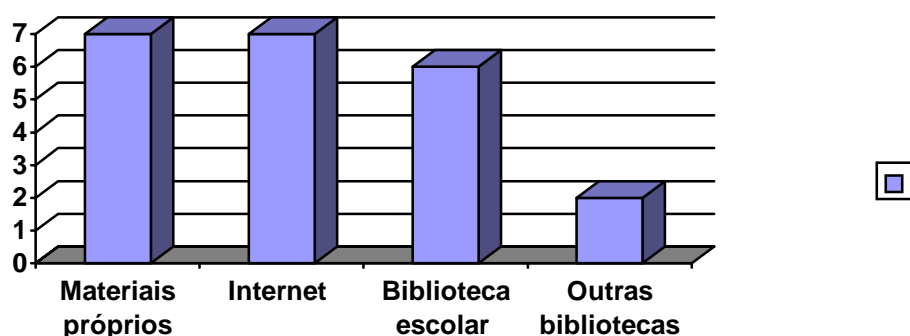
Contudo a biblioteca escolar parece não ocupar papel de destaque na rotina dos entrevistados, já que os professores costumam buscar informações para resolver dúvidas de caráter geral ou para planejar e preparar suas aulas, na maioria das vezes, nos seus próprios materiais e na internet, com sete indicações cada. A biblioteca da escola teve seis indicações e outras bibliotecas duas indicações.

Tabela 7: Onde os professores buscam informação

Opções	N
Casa / Materiais próprios	7
Internet	7
Biblioteca escolar	6
Outras bibliotecas	2
Total	22

Nota: os professores assinalaram mais de uma opção.

Gráfico 8: Onde os professores buscam informações



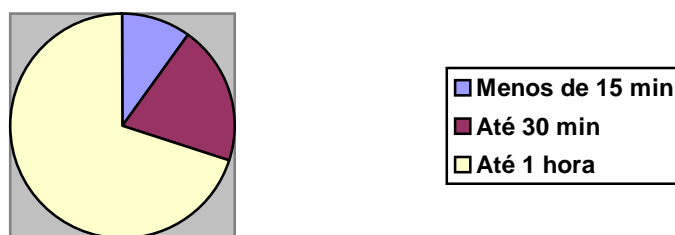
As finalidades de uso da biblioteca escolar mais citadas são:

- selecionar material para suas aulas ou futura consulta dos alunos, sete entrevistados;
- pesquisar, sete entrevistados;
- leitura, quatro entrevistados;
- inteirar das novas aquisições, dois entrevistados;
- buscar material, dois entrevistados.

Dentre os motivos mais citados como obstáculos para a utilização da biblioteca escolar ou percebidos como problemas encontram-se a limitação ou desatualização do acervo e sua incapacidade de satisfazer as necessidades de informação do professor, o que os leva a procurar outros ambientes informacionais. Dois entrevistados argumentaram que o acervo da biblioteca não contemplava satisfatoriamente a disciplina lecionada por eles. Esse argumento inclusive é a razão que levava um dos entrevistados a ir à biblioteca somente para buscar materiais como dicionários e revistas para recorte e, quando necessitava de outros materiais ou informações para sua disciplina, preferia procurar uma biblioteca universitária próxima à sua residência.

O tempo gasto na visita à biblioteca em média alterna-se entre 30 minutos (dois entrevistados) e 1 hora (sete entrevistados), um intervalo que se adapta ao tempo destinado ao horário de projeto. Apenas um entrevistado declarou usar a biblioteca num período menor que 15 minutos, o que pode significar que o faz ou durante o horário do recreio, ou durante o intervalo entre uma aula e outra, ou mesmo durante o horário de aula. A finalidade desse uso é buscar algum material de fácil acesso como dicionários e revistas para recorte.

Gráfico 9: Tempo gasto em média em suas idas à biblioteca



Os momentos mais indicados pelos entrevistados para o uso da biblioteca são os horários de recreio e os chamados “horários de projeto” - três horas semanais destinadas ao desenvolvimento de atividades de cunho pedagógico fora da sala de aula.

Quatro professores consideram contar com pouco tempo disponível para freqüentar a biblioteca. Dois desses professores alegaram que em suas escolas nem sempre havia observância do horário de projeto, sendo, muitas vezes, o professor chamado a substituir um colega faltoso, tendo comprometido o seu “horário de projeto”. Os professores que tinham em suas escolas o “horário de projeto” garantido consideraram dispor de tempo satisfatório para utilizar a biblioteca. Todavia todos os professores acentuaram a necessidade de haver tempo disponível para freqüentar a biblioteca.

Nove professores não obtiveram nenhum tipo de orientação específica para utilizar a biblioteca da escola, mas atestaram saber o suficiente para realizar esse uso. São usuários criados na prática do uso. Segundo o entrevistado nº 2: *“eu sempre tive contato com bibliotecas, aprendi a usá-las e acho que posso usar qualquer uma”*. Seis professores afirmaram que sempre tiveram contato com bibliotecas sejam elas públicas, escolares ou universitárias, os outros quatro foram usuários somente de bibliotecas universitárias. Apenas um entrevistado relatou não considerar saber o suficiente, porém justificou-se de forma vaga, atribuindo ao fato de que *“ninguém chega a saber o suficiente”* (Entrevistado 6).

Quando interrogados sobre a frequência de utilização da biblioteca, seis professores acusaram *“freqüentar pouco a biblioteca”*, sendo que desses cinco freqüentavam semanalmente. Alguns expressaram o desejo e a necessidade de aumentar esta frequência, pois sentem falta de dispor de um contato maior tanto com os recursos quanto com o pessoal que trabalha na biblioteca; alguns sentem falta até mesmo de maior tempo para se dedicar à leitura e distração na biblioteca. Oito entrevistados afirmaram ter ido a biblioteca na semana da entrevista, apenas dois afirmaram que a última ida aconteceu na semana anterior à entrevista, o que pode sugerir uma frequência razoável, mesmo que considerada insuficiente para os próprios entrevistados.

Todos os professores afirmaram estimular seus alunos a freqüentar a biblioteca escolar. As formas de estímulo citadas variam desde idas à biblioteca com os alunos para finalidades diversas, testemunhos tanto a favor da leitura quanto da frequência à biblioteca, conselhos e pedidos de pesquisa.

“Levo minhas turmas uma vez por semana à biblioteca da escola”
(Entrevistado 8);

“Além de contar histórias, ressalto para os meus alunos a importância da leitura para todos” (Entrevistado 5).

Oito professores identificaram diferenças no desenvolvimento de seus alunos quando utilizam a biblioteca. Um entrevistado relatou não ter parâmetros para diferenciar, uma vez que todos os seus alunos freqüentavam e gostavam da biblioteca. Outro entrevistado afirmou não ser possível distinguir qual é a causa ou consequência, mas destacou ser evidente que os alunos com melhor aproveitamento sempre freqüentam a biblioteca escolar: não se sabe se por terem melhor aproveitamento utilizam a biblioteca, ou por utilizarem a biblioteca alcançaram melhor aproveitamento.

Os aspectos que diferenciavam os alunos que utilizavam a biblioteca em geral referem-se a: aumento de argumentação, melhor capacidade de expressão oral e escrita, aumento de vocabulário e desenvolvimento do hábito de leitura.

Nove professores afirmaram que a biblioteca atende às suas necessidades e colabora com seus projetos. Apenas um entrevistado negou o atendimento e a colaboração da biblioteca. Apesar disso, apenas dois desenvolveram algum projeto em conjunto com a biblioteca.

Oito entrevistados defenderam que o espaço da biblioteca deveria ser mais bem aproveitado no contexto escolar. Eles consideraram que a biblioteca ainda era pouco utilizada pela maioria dos professores e, embora essa realidade estivesse sendo alterada, muitos professores ainda se prendiam à sala de aula e ao livro didático.

“Os professores ainda utilizam pouco a biblioteca, acho que poderiam utilizar mais, hoje em dia quem fica preso apenas ao livro didático perde muito” (Entrevistado 7).

Todos os professores afirmaram sentir-se bem na biblioteca e justificaram essa sensação pelo bom atendimento do qual dispõem, a larga experiência na utilização de bibliotecas e o gosto pessoal pela leitura e livros.

“Sou sempre muito bem recebida, o atendimento é muito bom”

(Entrevistado 2)

“Sempre usei bibliotecas, me sinto bem em uma” (Entrevistado 3)

“Adoro livros e a biblioteca é o lugar ideal para mim” (Entrevistado 6)

Para seis entrevistados seria desejável que a biblioteca escolar permitisse o acesso a Internet para seus usuários. Um entrevistado (nº 7) defendeu a idéia de que esse recurso concorreria para conquistar definitivamente o professor e sua participação na biblioteca. Segundo o entrevistado, esse serviço despertaria o interesse dos alunos e o professor se sentiria conseqüentemente obrigado a também envolver-se, uma vez no espaço da biblioteca seria mais fácil conquistá-lo.

O assunto biblioteca escolar tem sido pouco tratado em reuniões pedagógicas, segundo oito professores. As poucas ocorrências aconteceram em espaços de tempo distantes, não caracterizando consistência nem constância. Quando aconteceram, tinham o objetivo de tratar questões práticas ou para comunicações. Apenas dois professores confirmaram ter presenciado muitas vezes o assunto biblioteca escolar ser tratado nas reuniões pedagógicas.

Em seus comentários os professores afirmaram que, durante sua formação, são preparados a usar a biblioteca como simples usuários em busca de informação, não como integrá-la a sua prática docente. Então enquanto não enfrentavam problemas para utilizarem a biblioteca escolar, não sabiam ao certo como integrá-la à sua atividade, tornando-se compreensível que muitos demorassem a perceber o quanto a biblioteca escolar poderia acrescentar à prática pedagógica.

“Na faculdade somos preparados para usar a biblioteca, não integrá-la à nossa prática” (Entrevistado 7)

As experiências de contato com a biblioteca escolar citadas pelos entrevistados giram em torno de idas à biblioteca para selecionar material – contando para tanto com o auxílio do profissional – ou idas acompanhando os alunos para desenvolver alguma atividade previamente definida como leitura ou escolha de livros de literatura para empréstimo.

5. 2. 3 Atuação da biblioteca escolar

Questionados sobre a atuação da biblioteca escolar, a maioria dos professores classificaram como boa, indicando haver um profissional para atender ao usuário; este profissional desempenhava bem sua função.

Quando indagados se desejariam que a biblioteca oferecesse outros serviços, a maioria respondeu positivamente. Nesse tópico é interessante ressaltar o testemunho de dois entrevistados. Um deles respondeu que ainda se usa pouco o que a biblioteca já oferece. Segundo o entrevistado, seria necessário que o uso se tornasse mais freqüente e denso para que outras demandas fossem provocadas.

Outro entrevistado considerou que, antes de se desejar que novos serviços fossem oferecidos, seria necessário avaliar se os que são oferecidos são de boa qualidade, bem utilizados e se a biblioteca estaria apta a oferecer novos serviços sem comprometer os que já oferece.

5. 2. 4 A noção de biblioteca escolar dos professores

Todos os professores entrevistados afirmaram a importância da existência de bibliotecas nas escolas. Os motivos mais citados foram:

- Necessidade de se garantir que o aluno tenha acesso a mais de uma fonte de informação sobre o mesmo assunto; o professor não pode ser a única fonte de informação para o aluno, nem pode basear-se apenas no livro didático adotado;
- Muitas vezes a biblioteca escolar constitui o único meio de o aluno ter acesso à informação ou o prolongamento da experiência que ele já tem com livros e informação.
- É o melhor local para se buscar informação, sendo fundamental para se ampliarem os horizontes do aluno, que descobre o livro como uma fonte de pesquisa para o desenvolvimento;
- Um local prazeroso onde se pode descobrir, ler, viajar através da leitura, descobrir outros autores.

Além de reconhecida a utilidade da biblioteca escolar para seu uso pessoal e profissional, os professores ressaltam sua importância para os estudantes. De modo geral, os professores do 1º e 2º ciclos relacionaram a importância da biblioteca escolar com sua influência no desenvolvimento da criança e no incentivo ao hábito de ler. Os professores do 3º ciclo referiram-se principalmente à pesquisa e à busca de informação.

Algumas das definições sobre biblioteca escolar apresentadas nas entrevistas apresentaram um tom lúdico, porém um pouco vago. Talvez por não disporem de tempo para melhor elaborar suas definições, os professores tendem a recorrer a frases de efeito que pouco contribuem para maior esclarecimento da idéia que cerca a biblioteca.

Outras definições, no entanto, demonstram clara preocupação com uma biblioteca integrada ao fazer pedagógico, contando em seu acervo com materiais diversificados e atualizados. Um espaço aberto que propicie não só a busca de informações, mas também a convivência social, o lazer, o aprimoramento pessoal.

Sete professores se sentem preparados para usufruírem das possibilidades que uma biblioteca escolar pode oferecer; a exceção foram três que salientaram não dominar alguns recursos tecnológicos, especificamente a Internet, que consideraram que deveria estar presente na biblioteca escolar.

Os professores não identificaram grandes mudanças na atuação da biblioteca escolar após a implantação do projeto de revitalização. Alguns consideraram que a interação com a biblioteca é uma questão própria, de cada professor, e nem todos se sentiam confortáveis para desenvolver algum projeto em conjunto com a biblioteca. Outros confessaram sentir-se mais integrados e à vontade na biblioteca,

quando lá atuava um professor ao invés de um auxiliar de biblioteca, considerando o desempenho da biblioteca melhor naquele momento.

5.3 A análise

Ao comparar os dados obtidos pelo questionário e pela entrevista percebe-se que o perfil do professor não sofreu grandes alterações.

O alto grau de escolaridade identificado no questionário (95% possuía curso superior) foi acentuado pela entrevista que mostrou, além de professores com nível superior, professores que possuem mestrado. Essa característica já era esperada uma vez que segundo DALBEN (2000 b, p. 10):

“A formação escolar dos professores é, em sua maioria, de nível superior, com grande interesse em cursos de pós-graduação nos níveis de Especialização e Mestrado. Neste sentido, podemos afirmar, no que se refere à escolarização, que a grande maioria dos profissionais do Ensino na Rede Municipal de Belo Horizonte tem um bom nível de formação inicial”.

Assim como o grau de escolaridade, o tempo de exercício do magistério e o tempo de atuação na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte apresentam características semelhantes. Os dados mostram um profissional qualificado e experiente, que pelo tempo de atuação na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, já estaria adaptado à prática pedagógica adotada. Esse perfil sugere um professor acostumado com bibliotecas universitárias e, dessa maneira espera-se dele bom relacionamento com a biblioteca escolar.

Embora não seja surpreendente que a maioria dos professores trabalhe em mais de um turno ou escola, essa realidade merece atenção maior quando relacionada à frequência do professor na biblioteca escolar. O excesso de obrigações, provenientes do acúmulo de cargos, pode acarretar não só falta de

tempo para freqüentar a biblioteca escolar, mas até mesmo cansaço e desânimo para alterar sua prática pedagógica e rotina pessoal.

Se o professor municipal, que conta com jornada dupla na própria rede, e por vezes na própria escola, sofre os efeitos desse acúmulo, minimizados pelos já citados “horários de projetos” previstos em sua carga de trabalho semanal, o professor que atua fora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte tem sua condição agravada pelo deslocamento físico.

Esse fato eleva o valor do “horário de projeto” que funciona, dentro da rotina escolar, como o momento utilizado pelo professor para freqüentar a biblioteca. A rotina escolar que não puder garantir esse horário ao professor estará dificultando o uso da biblioteca escolar.

Ao contrário do desolador panorama nacional sobre biblioteca escolar encontrado na revisão de literatura, no contexto desta pesquisa a biblioteca escolar não só existe como funciona.

No que concerne à forma de obtenção de informação, aparece uma diferença entre os dados obtidos no questionário e os dados obtidos na entrevista. Se no questionário a biblioteca escolar ocupava a 2ª colocação tanto para sanar dúvidas de qualquer natureza quanto para dúvidas de caráter pedagógico, na entrevista a biblioteca escolar cai para a 3ª colocação. Se a internet não assumiu papel de destaque para os professores que responderam ao questionário, para os professores que participaram da entrevista ela mereceu grande destaque.

Talvez o fato de a entrevista ter sido feita pessoalmente tenha suscitado no entrevistado a necessidade de recorrer a respostas que refletissem certo *status*. Utilizar a internet é um desses tipos de resposta. Contudo não se pode confirmar essa hipótese. O fato é que os professores entrevistados não costumavam recorrer à

biblioteca escolar para busca de informação, preferindo, a princípio, procurar outros meios. O uso da biblioteca reflete freqüência recente. Independentemente da razão que impulsionava o professor a procurar a biblioteca escolar, ele tem se sentido à vontade para isso. Esse é um ponto positivo que pode significar possibilidades para se explorar melhor o contato entre eles.

As respostas obtidas mostram que o professor do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte conhece e freqüenta a biblioteca escolar. É consenso entre os professores que responderam ao questionário e à entrevista a importância da existência da biblioteca na escola. Tal postura coincide com a afirmação de QUEIROZ (1985, p. 113) que, em sua dissertação, concluiu que “os professores, de modo geral concordam em que a biblioteca escolar é necessária”. Embora variem de acordo com o professor, as razões alternam-se entre visões de biblioteca escolar como apoio ao ensino e ao trabalho do professor, recurso informativo à disposição do aluno (principalmente o aluno carente), espaço para exercício e incentivo da leitura, espaço para busca de informações e pesquisa escolar.

A partir desta pesquisa, percebe-se o professor do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte como usuário da biblioteca escolar, podendo-se apontar várias influências para esse comportamento, dentre as quais destacam-se:

- a experiência de usuário de biblioteca, adquirida pelo professor na formação superior – o professor ao cursar o 3º grau é conduzido, pelas próprias obrigações acadêmicas, a se tornar usuário da biblioteca ou pelo menos é instruído nessa linha. A prática desenvolvida durante esse período pode agir para chamar a atenção do

professor para a biblioteca, e assim optar por continuar a usá-la durante o exercício profissional;

- o contexto histórico-social dinâmico em que o professor vive e atua, – a sociedade da informação –, exige um profissional da educação melhor preparado e informado, com conhecimento da comunidade e da realidade mundial;

- mudanças nas relações em sala de aula, promovidas pela Escola Plural, que exigiram nova postura do professor que precisa posicionar-se diante do coletivo da escola; diante dos colegas, num trabalho interdisciplinar; além de necessitar assumir nova postura diante dos alunos, que privilegie a construção de conhecimentos e o desenvolvimento da capacidade de análise crítica. Esse fato é corroborado por DALBEN, quando afirma que, devido a tamanhas alterações, “o professor, hoje, tem que estudar mais, pesquisar mais e se manter atualizado”. (DALBEN, 2000 a, p. 100)

Os resultados desta pesquisa ressaltam ainda que o professor, mesmo que não utilize a biblioteca para seu próprio desenvolvimento profissional, reconhece sua importância e estimula seus alunos a freqüentarem e utilizarem as informações nela estocadas, como forma de incentivar e melhorar seu desenvolvimento. Essa análise discorda da afirmativa de DANTE (1999, p. 21) segundo a qual o professor não distinguiria os benefícios que a biblioteca escolar oferece ao seu desenvolvimento profissional e como consequência não estimula seu uso por parte de seus alunos.

As informações coletadas através do presente estudo mostram certas diferenças no modo de estimular os alunos e mesmo nas razões que justificam a importância da biblioteca escolar.

A atuação em ciclos distintos parece não influir diretamente na relação não ideal entre biblioteca e professores, uma vez que a maioria dos entrevistados possui

curso superior. Todavia, possivelmente influenciará na forma de estímulo destinada aos alunos. Os professores que atuam no 1º ciclo tendem a criar ou reforçar o hábito de leitura, muitas vezes levam as turmas à biblioteca e até contam histórias. A leitura permanece como importante aval para o uso da biblioteca no 2º ciclo; nesse momento o professor estimula a ida de seus alunos à biblioteca para a realização de empréstimos de livros de literatura. A partir do 2º ciclo, mas principalmente no 3º ciclo, há ênfase na atividade de pesquisa como principal incentivo ao uso da biblioteca; em alguns casos a pesquisa é o ponto de partida para discussões. Aconselhamentos, recomendações e testemunhos também são recursos utilizados pelo professor para estimular a ida de seus alunos à biblioteca.

As diferenças mais identificadas pelos professores no aproveitamento dos alunos que respondem positivamente ao estímulo e passam a freqüentar a biblioteca escolar estão relacionadas com aspectos do desenvolvimento da leitura, ampliação do vocabulário, melhor capacidade de expressão oral e escrita, melhor habilidade de argumentação e de interpretação, além do desenvolvimento pessoal.

Quanto ao acervo ser apontado como obstáculo para utilização da biblioteca escolar, concorda-se com a análise apresentada por OLIVEIRA, MORENO e CRUZ (1999, p. 42-43) segundo a qual é alto o índice de insatisfação do professor em relação ao material existente na biblioteca da escola. Os motivos alegados para tal insatisfação dizem respeito à defasagem em relação à quantidade e à qualidade do acervo, concorrendo para que não sejam atendidas as necessidades de suas disciplinas. Segundo as autoras, os professores, que afirmam não solicitar pesquisas, justificam que não o fazem entre outros motivos, porque a biblioteca não dispõe de material que atenda às necessidades das disciplinas.

Em geral, a biblioteca parece estar colaborando no desenvolvimento dos projetos pedagógicos, mas isso acontece principalmente quando o professor a procura, sendo que biblioteca assume unicamente o papel de provedora de informação. É reativa. Apenas um professor relatou que a biblioteca havia se antecipado à sua demanda. Parte dessa análise destoa da conclusão de OLIVEIRA, MORENO e CRUZ (1999, p. 47-48) segundo a qual “nas escolas onde há, entre professores e biblioteca, integração, esta acontece por iniciativa do bibliotecário e/ou atendente através da participação nas atividades didáticas, na divulgação do acervo e nas reuniões pedagógicas”.

A noção de biblioteca escolar expressa através dos resultados desta pesquisa revela-se sensivelmente diferente. Na entrevista, o professor tem pouco tempo para elaborar seu conceito de biblioteca escolar e desse modo tende a recuperar uma idéia pré-concebida, por vezes menos sofisticada, porém mais próxima à realidade. No questionário, ao contrário, os respondentes tiveram oportunidade de elaborar melhor o conceito de biblioteca escolar, que pode ter sido influenciado por idéias suscitadas pelo próprio questionário.

As noções e as expectativas sobre biblioteca escolar parecem refletir a experiência de cada um; desse modo tendem a enfatizar aspectos diferentes da biblioteca. Aquele professor que sentia falta de uma biblioteca facilmente acessível expressou seu desejo de uma biblioteca mais aberta, em que os aspectos de organização não fossem primordiais, mas que privilegiasse o uso. Os professores que viam problemas no acervo enfatizaram a necessidade de a biblioteca contar com um bom acervo.

Da junção das expectativas expressas, percebe-se que as maiores preocupações referem-se ao acervo, ou à sua qualidade, à existência de pessoal

preparado para desempenhar a função de bibliotecário/ auxiliar, a estrutura flexível, organizada, porém aberta e acessível. Em geral espera-se que a biblioteca seja um ambiente tranquilo, agradável, aconchegante, que ofereça bom atendimento e serviços que atendam à necessidade da escola e da comunidade.

Uma vez que lhes foi dada a oportunidade de refletir sobre o assunto, principalmente os professores que responderam questões da entrevista, demonstraram certa preocupação com a relação que vem acontecendo entre biblioteca e professor. Essa preocupação não se limita à relação individual que eles desenvolvem, mas também à relação travada por seus colegas.

Embora os professores não identifiquem o projeto de revitalização como divisor de águas na atuação da biblioteca escolar, ele foi responsável por garantir, há três anos, a abertura de várias bibliotecas que se encontravam fechadas ou não existiam.

O Projeto trouxe novos profissionais às escolas, os quais foram qualificados para atuarem exclusivamente em bibliotecas escolares. Em muitos casos, esses profissionais não possuíam experiência anterior com o ambiente escolar, a não ser como estudantes. Sua pouca familiaridade com a escola, e principalmente com o professor, provavelmente tenha acarretado um clima de estranhamento entre tais profissionais da biblioteca e o professor. Esse fato poderia explicar certa distância entre a biblioteca e o professor, expressa por alguns dos pesquisados. Mesmo na Escola Plural, a instituição escolar ainda se configura como ambiente fechado que tende a não assimilar ou acolher imediatamente em sua rotina, novas experiências ou novos profissionais, como é o caso em questão.

Parece haver certa complacência por parte do professor com a biblioteca escolar e sua atuação. Os dados obtidos pelo questionário e pela entrevista não

apresentam respostas agressivas direcionadas à biblioteca e à sua atuação. Se alguns professores se ressentem da pouca integração entre a biblioteca e o trabalho desenvolvido pelos professores, parecem tranquilos e conscientes de que apenas estejam em um estágio que pode e será alterado.

Um possível indício dessa posição reside no fato de que a maioria afirmou sentir-se bem na biblioteca, por razões que variam entre o bom atendimento, o gosto pessoal por livros, a intimidade com bibliotecas e o ambiente agradável que proporcionam. Portanto, a biblioteca não é alvo de resistência e não cria obstáculos para sua utilização, o que pode constituir boa base para sua futura incorporação à prática pedagógica. Não que essa transformação possa acontecer como um milagre, mas o professor parece acreditar tratar-se de um processo, cujo primeiro passo teria sido dado através da garantia de existência da biblioteca escolar, que vai culminar na integração professor e biblioteca escolar, e na melhoria da qualidade do desempenho desta.

Observando-se o grau de escolaridade do professor, cria-se a expectativa de que haja maior integração entre ele e a biblioteca. Para tanto, parte-se da idéia de que o professor teria, durante o curso superior, contato com bibliotecas universitárias e, esse contato levaria a biblioteca, de modo geral, a se tornar presença constante e atuante em sua prática.

Em parte isso acontece. Os resultados retratam um professor usuário de biblioteca. O professor, – assim como o aluno, guardadas as devidas proporções –, utiliza a biblioteca escolar como recurso à sua disposição para prováveis ou remotas consultas.

Contudo essa hipótese não se concretiza plenamente. Ao se elevar o grau de escolaridade do profissional, eleva-se também seu grau de exigências. Uma vez que

a biblioteca escolar não é bem equipada como a biblioteca universitária, ela também deixa a desejar no tocante a suprir as necessidades e exigências do professor. Este, por sua vez, tende a se afastar dela, alegando justamente o fato de não poder satisfazê-lo adequadamente com seu acervo ou serviços. Nesse caso, percebe-se que o professor não procura contato mais profundo com a biblioteca a fim de tentar reverter sua sensação de insatisfação; ao contrário, ele tende a se acomodar e quando muito, reclamar.

Finalizando, parece que o professor do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte ainda não integrou a biblioteca escolar à sua prática pedagógica. Embora a utilize e reconheça sua importância, ele ainda não a reconhece como parceira no processo de ensino-aprendizagem e o projeto de revitalização de bibliotecas escolares ainda não conseguiu reverter esse panorama.

6 CONCLUSÃO

Através dos dados coletados pela pesquisa é possível concluir-se que o professor do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RMEBH) percebe a existência da biblioteca escolar como importante. Independentemente das razões que respaldam essa posição, a sua percepção é um grande começo e não pode ser desperdiçada ou valorizada em demasia. Contudo, desses professores que reconhecem a importância da biblioteca escolar, nem todos se tornaram usuários da biblioteca e/ou a incorporaram à sua prática educativa.

De acordo com a presente pesquisa, pode-se afirmar que o professor do ensino fundamental que atua na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte tornou-se usuário de bibliotecas escolares. Esse fato não pode ser ignorado uma vez que representa grande avanço na realidade das escolas e pode ser considerado como uma evolução face ao quadro geral fornecido pela revisão da literatura.

Entretanto esse mesmo professor-usuário ainda não integrou a biblioteca escolar à sua prática pedagógica. Esse fato é compreensível uma vez que se percebe não ser nada fácil conseguir o rompimento definitivo de uma prática em uso para se promover a instauração de novo processo. Se a estrutura escolar, ao longo do tempo, pouco tem sido alterada e as práticas de ensino adotadas mostram-se, de certo modo, estáticas – ignoradas por inovações ou as ignorando, e optando algumas vezes por valorizar fatores que muitas vezes impedem a difusão de novas idéias –, com o professor não é muito diferente. Após décadas de prática pautada unicamente pelo conteúdo contido no livro didático e nos recursos da aula expositiva – simplesmente auxiliada por um quadro-negro e um giz branco – não se pode esperar que alterações se processem no instante e de modo desejados.

Como o acesso ao livro é somente o primeiro passo para que possa

acontecer posteriormente a apropriação e, conseqüentemente, o desenvolvimento do hábito de leitura, bibliotecas escolares abertas e à disposição do professor também constituem o primeiro passo para a sua integração à prática pedagógica. Todavia, nos dois casos não há nenhuma garantia de que o esperado aconteça. *A priori*, essa alteração é voluntária, individual, gradual e com ritmo próprio, podendo ou não acontecer realmente, uma vez que sugere mudança estrutural não só na rotina de trabalho, mas na forma de pensar. Exige para tanto reflexão sobre os objetivos que se pretendem alcançar com o ensino e melhor preparação para alcançá-los.

Ainda que professor e biblioteca escolar objetivem a melhoria da qualidade de ensino, constituindo ambos duas faces da mesma moeda, ainda estão olhando para lados distintos. E mesmo que, de forma gradual, seus olhares tendam a convergir para o mesmo foco, não se pode esperar que isso aconteça de forma satisfatória sem que haja qualquer tipo de intervenção. Assim, mesmo que pareça ser conseqüência que o atualmente usuário-professor – com o passar do tempo – torne-se mais que usuário, passando a interagir com a biblioteca escolar, esse movimento não se evidencia.

Especificamente com a biblioteca, não se pode esperar que o professor a incorpore em sua prática pedagógica no momento exato em que essa começa a ser colocada a sua disposição. Uma vez que, a exemplo do exposto na literatura, concorda-se ser imprescindível a atuação conjunta de professor e biblioteca, a fim de se garantir a educação de qualidade e prestação de serviços eficientes, cabe à biblioteca escolar interferir nessa realidade.

De acordo com os resultados desta pesquisa, acredita-se que se durante um grande período o professor não foi considerado usuário da biblioteca escolar, hoje

ele se configura como tal. Torna-se, pois, imprescindível que a biblioteca escolar desenvolva estratégias que visem a conquistar ainda mais o professor, atraindo-o e mostrando-se como espaço propício a ser integrado à prática pedagógica.

A biblioteca precisa criar no professor não só a demanda por seus serviços, mas também a consciência de que a falta desses serviços pode prejudicar o seu desempenho profissional. Uma forma de se fazer presente pode ser através da antecipação das necessidades do professor. O exemplo de outros professores para os quais a biblioteca se torne um diferencial desejado também pode influenciar os colegas. Outra forma possível de chamar a atenção do professor seria através de seus alunos. Se a biblioteca escolar conseguir conquistar os alunos, esses podem tornar-se aliados na tarefa de despertar o professor para a ação da biblioteca escolar.

Contudo, é mister que, anteriormente a essa integração entre professor e biblioteca, a biblioteca escolar possa contar com a infra-estrutura suficiente para desenvolver serviços satisfatórios e, assim, conquistar o professor.

Nesse sentido, iniciativas como a da Prefeitura de Belo Horizonte são fundamentais. A Prefeitura investiu no espaço biblioteca escolar através da contratação e da qualificação de pessoal para ali atuar e vem gradativamente investindo na melhoria dos acervos. Entretanto, esse investimento precisa ser contínuo. Algumas bibliotecas ainda não contam com infra-estrutura satisfatória para atender às necessidades de alunos, professores e comunidade. Sabe-se que grande parte dos acervos ainda é deficiente e formada principalmente por doações. E acervos inadequados ou insatisfatórios configuram-se como barreiras para que o professor utilize a biblioteca escolar e possa interagir com esta.

Talvez concretizar a concepção de biblioteca escolar na Escola Plural seja

processo demorado, especialmente, considerando-se as diferenças entre escolas, bibliotecas e entre os próprios professores. Para acelerar esse processo, recomenda-se a elaboração de projetos com esse intuito, que respeitem as diferenças acima citadas, bem como a intervenção de órgãos como a Coordenadoria de Bibliotecas e o Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação (CAPE) para a elaboração de estratégias que alcancem os professores, despertando-lhes o interesse e a necessidade de abrirem espaço em sua prática pedagógica para a interação com a biblioteca escolar.

Professor e biblioteca escolar têm muito em comum, exercendo mediação entre fontes de informação e usuários; eles precisam unir esforços e agir em parceria. Embora a presente pesquisa conclua que isso ainda não aconteça na proporção desejável, reconhece-se ser de suma importância essa parceria. Sob essa perspectiva, cresce a necessidade de investigações que analisem a relação entre biblioteca escolar e professor em outros contextos e aprofundem questões mencionadas nesta pesquisa, tais como:

- a forma como o professor vem exercendo seu papel de estimulador do uso da biblioteca escolar;
- a relação existente entre o aluno que frequenta a biblioteca escolar e seu aproveitamento escolar;
- estratégias adotadas pela biblioteca escolar para conquistar novos usuários e/ou ampliar seu horizonte de atuação;
- a utilização da internet na biblioteca escolar.

7 Referências

1. AMARO, Regina K. O. Ferreira. **Biblioteca interativa**: concepção e construção de um serviço de informação em ambiente escolar. 1998. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
2. AMATO, Mirian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p. 9-23.
3. ANTUNES, Walda de Andrade. Biblioteca e sistema de ensino. **Boletim ABDF Nova Série**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 121 – 125, abr./ jun. 1986.
4. ANTUNES, Walda de Andrade. Onde estão as bibliotecas escolares? **Cadernos do CED**, Florianópolis, v. 4, n.10, p. 58-66, jul./ dez. 1987.
5. ARAÚJO, Aloma Berenice Novelino. SISBEC – uma proposta pedagógica. **Boletim ABDF Nova Série**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 106 – 110, abr./ jun. 1986.
6. BABBIE, Earl R. **Métodos de pesquisas de survey**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
7. BARBALHO, Célia R. S.; BERAQUET, Vera S. M. **Planejamento estratégico**: para unidades de informação. São Paulo: Polis, 1995.
8. BARROSO, Maria Alice. Um modelo flexível para a biblioteca escolar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Brasília, v. 17, n. ½, p. 12-17, jan./ jul. 1984.
9. BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**: uma tentativa de previsão social. São Paulo: Cultrix, 1973.
10. BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Escola Plural**: Proposta político pedagógica para a Rede Municipal de Educação. Belo Horizonte: PBH, 1994.
11. BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto de revitalização das bibliotecas das escolas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: PBH, 1997.
12. BRASIL. Ministério de Educação/ SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
13. CAMPELLO, Bernadete Santos et al. A Internet na pesquisa escolar: um panorama do uso da Web por alunos do ensino fundamental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Centro de Eventos da PUCRS, 2000. 1 CD-ROM

– Windows 95/98 ou NT.

14. CAMPOS, Cláudia de Arruda; BEZERRA, Maria de Lourdes Leandro. Bibliotecas Escolares: um espaço estratégico. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 77-96.
15. CARVALHO, Carmem Pinheiro de. A biblioteca e os estudantes. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196 – 211, set. 1972.
16. CARVALHO, Maria da Conceição. Educação de usuários em bibliotecas escolares: considerações gerais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 22 – 29, jan./ jun. 1981.
17. CARVALHO, Maria da Conceição. Procura-se um espaço para a leitura nas bibliotecas escolares... **Boletim ABDF Nova Série**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 111 – 115, abr./ jun. 1986.
18. CASTELLS, Manuel et al. **Novas Perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
19. CASTRO, Elza V. de. Movimentos educacionais em Minas precursores da Escola Plural. In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (Org.). **Singular ou plural?: eis a questão**. Belo Horizonte: UFMG/ FaE/ Game, 2000. p. 17 – 33.
20. CERDEIRA, Theodolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 35 – 43, jan./ jun. 1977.
21. DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (Coord.). **Avaliação da Implementação do Projeto Político-Pedagógico Escola Plural**. Belo Horizonte: UFMG/ FaE/ Game, 2000 a.
22. DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (Org.). **Singular ou plural?: eis a questão**. Belo Horizonte: UFMG/ FaE/ Game, 2000 b. p. 9 – 14: Avaliação da implementação do projeto político-pedagógico Escola Plural.
23. DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (Org.). **Singular ou plural?: eis a questão**. Belo Horizonte: UFMG/ FaE/ Game, 2000 c. p. 53 – 66: A prática pedagógica e os ciclos de formação na Escola Plural.
24. DANTE, Gloria Ponjuán. Tendencias y situación actual de las bibliotecas y unidades de información en América Latina. **Informação & Informação**, Londrina, v. 4, n.1, p. 17 – 35, jan./ jun. 1999.
25. DAVIES, Ruth Ann. **La biblioteca escolar: propulsora de la educacion**. Buenos Aires: Bowker Editores, 1974.

26. DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferências e contexto sócio-cultural**. 1988. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1988.
27. DOUGLAS, Mary Peacock. **A biblioteca da escola primária e suas funções**. Rio de Janeiro: INL, 1971.
28. FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Brasília, v. 11, n. ½, p. 9-16, jan./ jun. 1978.
29. FONSECA, Edson Nery. Alternativas bibliotecárias para a crise na escola. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., 1982, Brasília. **Anais...** Brasília: Fundação Nacional pró-memória/ INL, 1982, p. 1-8.
30. FRAGOSO, Graça Maria. A biblioteca na escola. **Dois pontos: teoria e prática**, Belo Horizonte, p. 39 – 42, 1998.
31. GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989.
32. GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.
33. GOITIA, Vladimir. Esforço conjunto. **Educação**, São Paulo, ano 25, n. 205, p. 44 – 45, maio 1998.
34. JOÃO, Maria Helena S. Escola Plural: uma proposta inovadora. DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (Org.). **Singular ou plural?: eis a questão**. Belo Horizonte: UFMG/ FaE/ Game, 2000. p. 43 – 51.
35. KAEGBEIN, Paul. A importância da biblioteca no processo educacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. 1. p. 71 – 80.
36. KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História do Brasil**. São Paulo: Atual, 1987.
37. KUHLTHAU, C.C. Developing a model of the library search process: cognitive and affective aspects. **Reference Quarterly**, v.28, p. 232-242, 1988.
38. KUHLTHAU, C.C. The information search process of the information search process of users in libraries. **School Library Media Quarterly**, v.17, p. 224-228, 1989.
39. KUHLTHAU, C.C. Longitunal case studies of the information search process of users in libraries. **Library and Information Science Research**, v. 10, p. 257-304, 1988.

40. KUHLTHAU, C.C. Perceptions of the information search process in libraries: a study of changes from high school through college. **Information Processing and Management**, v. 24, p. 419 – 427, 1988.
41. KUHLTHAU, C.C. et al. Validating a model of the search process: a comparison of academic, public and school library users. **Library and Information Science Research**, v. 12, p. 5 –31, 1990.
42. KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
43. LABARRE, Albert. **História do Livro**. São Paulo: Cultrix, 1981.
44. LAVILLE, C., DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas/ Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
45. LEMOS, A. A. Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete Santos, CALDEIRA, Paulo da Terra, MACEDO, Vera A. A. (Orgs.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 345 – 366.
46. LOURENÇO FILHO, M. B. **O ensino e a biblioteca**: 1ª conferência da série educação e biblioteca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
47. MANIFESTO da biblioteca escolar da IFLA/UNESCO. Disponível em: <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.Pdf> Acesso em: 30 out. 2000.
48. MARTINS, Yvonne Leal. A realidade de nossas bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 336 – 343.
49. MAYRINK, Paulo Tarcísio. Diretrizes para a formação de coleções de bibliotecas escolares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 304-314.
50. MILANESI, Luiz. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
51. MILANESI, Luiz. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense, 1986.
52. MIRANDA, Guilhermina Lobato. As novas tecnologias e a inovação das práticas educativas. **Leituras**: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 85 – 91, abr./ out. 1997.
53. MONROE, Paul. **História da educação**. São Paulo: Nacional, 1984.

54. MORETTI, Dina Maria Bueno et al. GIEB: uma experiência de integração escola-biblioteca. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 685 – 691, jul./ dez. 1977.
55. MORICONI, M. L. Institucionalização da biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1, 1982, Brasília. **Anais...** Brasília: Fundação Nacional pró-memória/ INL, 1982. p. 49-70.
56. MUELLER, Suzana P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7 – 54, mar. 1984.
57. NEGRÃO, May Brooking. Da enciclopédia ao banco de dados; a biblioteca escolar e a educação para a informação. **Cadernos do CED**, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 87 – 112, jul./ dez. 1987.
58. NERY, Alfredina. Biblioteca Escolar: um jeito de ajeitar a escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 51-60.
59. NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Pesquisa escolar nas séries iniciais do ensino fundamental em Porto Alegre, RS: bases para um desempenho interativo entre a sala de aula e a biblioteca escolar**. 2000. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
60. NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. **A caverna, o monstro, o medo**. Rio de Janeiro: Proler, 1995.
61. NOGUEIRA, Maria Christina de Almeida. Considerações sobre o usuário da biblioteca escolar. **Boletim ABDF Nova Série**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 147 – 150, abr./ jun. 1986.
62. OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. Escola e Biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 184 – 195, set. 1972.
63. OLIVEIRA, Sônia Maria Marques de; MORENO, Nádina Aparecida; CRUZ, Vilma Aparecida Gimenes da. Diagnóstico da pesquisa escolar no ensino de 5ª a 8ª série do 1º grau nas escolas de Londrina – Paraná. **Informação & Informação**, Londrina, v. 4, n.1, p. 37 – 50, jan./ jun. 1999.
64. OLIVEIRA, Tereza da Silva Freitas. A biblioteca escolar no regimento comum das escolas de 1º e 2º graus do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 12, n. ¾, p. 227 – 230, jul./ dez. 1979.
65. OSAKABE, Haqira. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 147 – 152.

66. PEREIRA, Armando Carvalho; FREIRE, Isa Maria. Atualização técnico-científica do professor do ensino médio: uma abordagem na Ciência da Informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 175 – 185, jul./ dez. 1997.
67. PEREIRA, Edmeire Cristina; RUTINA, Raquel. O século XXI e o sonho da biblioteca universal: quase seis mil anos de evolução na produção, registro e socialização do conhecimento. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 5 – 19, jan./ jun. 1999.
68. PEREIRA, Ana Maria Gonçalves dos Santos et al. Reestruturação e/ ou implementação das bibliotecas escolares do Estado da Paraíba da rede pública de ensino de 1º e 2º graus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 362 – 379.
69. PIMENTA, Lina Vilany; AIRES, Maria Célia Pessoa; RIBEIRO, Tadeu Rodrigo. Programa de revitalização das bibliotecas das escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1., 1998, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1999.
70. PIMENTEL, Cléa Dubeux Pinto. Programa de criação e instalação de bibliotecas escolares na rede de ensino oficial. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 693 – 705, jul./ dez. 1977.
71. POLKE, Ana Maria Athayde. A biblioteca escolar e o seu papel na informação de hábitos de leitura. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 60 – 72, mar. 1973.
72. PROGRAMA Nacional Biblioteca da Escola MEC. Disponível em: [http:// www.fn.de.gov.br/progamas/pnbe.htm](http://www.fn.de.gov.br/progamas/pnbe.htm) Acesso em: 25 mar. de 2001.
73. QUEIROZ, Raimunda Augusta de. A biblioteca escolar e o seu papel no sistema educacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. 1. p. 81 – 94.
74. QUEIROZ, Raimunda Augusta de. **Recursos de biblioteca das escolas de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino da região da grande vitória: diagnóstico da situação.** 1985. Dissertação. (Mestrado em Administração de Bibliotecas) – Escola de Biblioteconomia, UFMG, Belo Horizonte, 1985.
75. QUEIROZ, Raimunda Augusta de. Bibliotecas escolares brasileiras: um impasse ou um desafio? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 1987, Recife. **Anais...** Recife: Associação Profissional de Bibliotecários de Pernambuco, 1987. v. 2. p. 648 – 664.

76. ROCHA, Maria da Consolação. **Magistério primário**: uma fotografia da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. 1996. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1996.
77. SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma biblioteca; comércio & indústria da leitura na escola. **Leitura**: teoria e prática, v. 14, n. 26, p. 31 – 34, dez. 1995.
78. SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Bibliotecas**: desnível social e o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1996.
79. SANTOS, Inácia Rodrigues dos. A biblioteca escolar e a atual pedagogia brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 145 – 149, jul./ dez. 1973.
80. SANTOS, M. S. Multimeios na biblioteca escolar. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p. 97-108.
81. SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., 1982, Brasília. **Anais...** Brasília: Fundação Nacional pró-memória/ INL, 1982.
82. SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1., 1998, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1999.
83. SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 133 – 145.
84. SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: quem cuida? In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p. 25-33.
85. SILVA, Ezequiel Theodoro da. Bibliotecas públicas e escolares face à estrutura e conjuntura nacionais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 129 – 143, jan./ jun. 1990.
86. SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.
87. SILVA, Ezequiel Theodoro da. Ensino e biblioteca. **Releitura**, Belo Horizonte, n.10, p.53-56, jun. 1997.
88. SILVA, Santuza Amorim da. **Práticas e possibilidades de leitura na escola**. 1997. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1997.
89. SILVA, Waldeck Carneiro da. **A miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

90. TARAPANOFF, Kira. Biblioteca escolar: os problemas de forma, função e significado. **Boletim ABDF Nova Série**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 36 – 41, jan./ mar. 1982.
91. TARGINO, Maria das Graças. **A biblioteca na concepção de escolares: influência de variáveis do ambiente escolar**. 1983. Dissertação. (Mestrado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, UFPb, João Pessoa, 1983.
92. TEIXEIRA, José Carlos Abreu; ROSA, Regina Célia Pereira da. A questão da pesquisa na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 1987, Recife. **Anais...** Recife: Associação Profissional de Bibliotecários de Pernambuco, 1987. v. 2. p. 609 – 622.
93. VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Trans-informação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15 – 24, jan./ abr. 1990.
94. VAN DER LAAN, Regina Helena; FERREIRA, Gloria I. Sattamini. Proposta de um programa de treinamento para usuário de biblioteca escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 354 – 361.
95. VEIGA, Isabel et al. Programa rede de bibliotecas escolares. **Leituras**: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 219 – 226, abr./ out. 1997.
96. VIANA, M. M.; CARVALHO, N. G. de M.; SILVA, R. M. da. Entre luz e sombra...: uma revisão de literatura sobre biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1., 1998, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1999.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO

Caro (a) professor (a),

Esta pesquisa visa coletar dados sobre o atual funcionamento da biblioteca de sua escola. Esperamos contar com sua colaboração no sentido de responder este questionário e devolvê-lo à biblioteca. Em tempo, solicitamos que, se já houver respondido este questionário, devolva-o.

Agradecemos sua valiosa cooperação.

Monica do Amparo Silva – Mestranda do curso de Ciência da

Informação da UFMG

Ciclo em que atua 1º 2º 3º Suplência

Turno <pode marcar mais de uma opção> 1º 2º 3º

Disciplina lecionada: português história

geografia ed. física

<pode marcar mais de uma> matemática ciência artes

Trabalha em outra escola? _____ Especifique _____

Tempo de exercício do magistério _____

Tempo de exercício do magistério na rede de Belo Horizonte _____

Grau de escolaridade médio superior especialização

mestrado doutorado

Onde você busca informações para solucionar qualquer tipo de dúvidas que você tenha?

<Marque as 3 mais importantes para você>

em sua casa pergunta a amigos ou colegas recorre à

bibliotecas em geral

busca na Internet pesquisa na biblioteca dessa escola

Outros _____

Onde você costuma buscar informações para ajudá-lo a preparar suas aulas? <Marque as 3 mais importantes para você>

em seus próprios materiais didáticos pede aos colegas

recorre à bibliotecas em geral busca na Internet

pesquisa na biblioteca dessa escola Outros _____

Nessa escola há biblioteca?

sim não

Ela está funcionando?

sim não

Você considera importante a existência de bibliotecas em escolas? sim não

Por que? _____

Você conhece a biblioteca dessa escola? sim não

Você frequenta a biblioteca dessa escola? sim não

Com que finalidade? <Marque as 3 mais importantes para você>

folhear livros, revistas, dicionários pegar livros de literatura

fazer pesquisas para outras pessoas sanar dúvidas ocasionais

sempre que desenvolve um novo projeto

selecionar material para suas aulas ou para seus alunos Outros _____

Qual foi a última vez que você foi à essa biblioteca? Hoje Ontem Esta semana Semana passada Mês passado Outro _____

Com que finalidade? _____

Cada vez que você vai à essa biblioteca, quanto tempo em média você gasta?

menos de meia hora mais de meia hora

mais de uma hora mais de três horas

O que você sabe sobre essa biblioteca é suficiente para utilizá-la? () sim () não Em caso negativo, o que você gostaria de saber a mais? _____

Quais os serviços oferecidos pela biblioteca dessa escola?

() empréstimo () atendimento a pesquisa () exibição de vídeos
() instrução de uso () hora do conto () desenvolvimento de oficinas
() apresentação teatral () visitas programadas Outros _____

Estes serviços atendem sua necessidade enquanto professor? () sim () às vezes () não

Por que? _____

Essa biblioteca tem colaborado no desenvolvimento de seus projetos pedagógicos?

() sim () às vezes () não

Em caso negativo, você acha que ela poderia auxiliá-lo? () sim () não

Como? _____

Você estimula ou recomenda que seus alunos freqüentem a biblioteca?

() sim () não Como? _____

Você percebe alguma diferença no aproveitamento de seus alunos quando utilizam a biblioteca? () sim () não Em quais aspectos?

Atualmente como você classificaria o funcionamento dessa biblioteca?

() ruim () razoável () bom () muito bom

Além do que ela já oferece, você gostaria que outros serviços fossem oferecidos?

() sim () não Quais? _____

Você identifica problemas nessa biblioteca? () sim () não Quais?

() espaço inadequado para acervo e/ou usuários () pessoal despreparado

() horário de funcionamento restrito () acervo desatualizado

Outros _____

Nessa biblioteca há () livros didáticos () jornais e revistas

() fitas de vídeo

() livros de literatura () mapas e globos

() dicionários e enciclopédias () livros paradidáticos

Outros _____

Há um profissional para atender os usuários? () sim () não

Na sua opinião, esta pessoa desempenha bem tal função? () sim () não

Você se sente bem nessa biblioteca? () sim () não Por que? <Para as duas opções>

Na sua opinião, o que uma biblioteca escolar deveria ser e oferecer?

Você se sente preparado para usufruir plenamente do que uma biblioteca escolar possa oferecer?

() sim () não Por que?

Relate sua experiência (contato) com a biblioteca durante a última unidade de estudo desenvolvida

Utilize o espaço abaixo para seus comentários:

ANEXO B - ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1.0 Definindo o perfil do entrevistado:

Ciclo em que atua 1º 2º 3º Suplência

Turnos em que trabalha

Disciplinas lecionadas:

Trabalha em outra escola ? _____ Especifique _____

Tempo de exercício do magistério _____

Tempo de exercício do magistério na rede de Belo Horizonte _____

Grau de escolaridade

Qual instituição? _____

2.0 Definindo o uso da biblioteca escolar:

Onde você costuma buscar informações para solucionar qualquer tipo de dúvidas ou ajudá-lo a preparar suas aulas?

Você conhece e frequenta a biblioteca dessa escola? Ambos, nenhum deles, ou um ou outro

Alguma vez já usou a biblioteca?

Se não ? qual a justificativa?

Quais as finalidades mais comuns que o levam a procurar a biblioteca?

Qual foi a última vez que você foi à essa biblioteca?

Com que finalidade?

Cada vez que você vai a essa biblioteca, quanto tempo em média você gasta?

Você obteve algum tipo de orientação para o uso dessa biblioteca?

Qual sua disponibilidade de tempo para usar a biblioteca?

Você acredita que usaria mais a biblioteca se contasse com mais tempo?

Você está com algum material da biblioteca emprestado?

3.0 Definindo o funcionamento da biblioteca:

Nessa escola há biblioteca ?

Ela está funcionando?

Quais os serviços oferecidos pela biblioteca dessa escola?

Estes serviços atendem sua necessidade enquanto professor? Por que?

Atualmente como você classificaria o funcionamento dessa biblioteca?

Além do que ela já oferece, você gostaria que outros serviços fossem oferecidos? Quais?

Nessa biblioteca há: () livros didáticos () jornais e revistas

() fitas de vídeo () livros paradidáticos

() livros de literatura () mapas e globos

() dicionários e enciclopédias

Outros

Há um profissional para atender os usuários?

Na sua opinião, esta pessoa desempenha bem tal função?

Você se sente bem nessa biblioteca? Por que?

Você identifica problemas nessa biblioteca? Quais?

4.0 Investigando a noção de biblioteca escolar:

Nos questionários foi comum responderem que consideravam importante a existência de bibliotecas em escolas. Você concorda? Por que?

Você estimula ou recomenda que seus alunos freqüentem a biblioteca?
Como ?

O que você sabe sobre essa biblioteca é suficiente para utilizá-la?
Em caso negativo, o que você gostaria de saber a mais?

Você percebe alguma diferença no aproveitamento de seus alunos quando utilizam a biblioteca? Em quais aspectos ?

Essa biblioteca tem colaborado no desenvolvimento de seus projetos pedagógicos?

() sim () às vezes () não

Em caso negativo, você acha que ela poderia auxiliá-lo? Como?

Na sua opinião, o que uma biblioteca escolar deveria ser e oferecer?

Nos questionários muitos professores indicaram que não estavam preparados para usufruir das possibilidades de uma biblioteca escolar. Você se sente preparado para usufruir plenamente do que uma biblioteca escolar possa oferecer? Por que?

Além desse seu atual contato com a biblioteca, você já teve contatos anteriores com outras bibliotecas?

O que você recomendaria como adequado ou necessário para que se sentisse preparado?

Relate sua experiência (contato) com a biblioteca durante a última unidade de estudo desenvolvida

Nas reuniões pedagógicas de sua escola, trata-se da biblioteca escolar?

Qual foi a última vez que você se lembra que a biblioteca foi alvo de discussões em reuniões pedagógicas?